

EDITORIAL

O Eucalypto

UMA ENTREVISTA COM O SR. A. A. PEREIRA FONSECA SOBRE OS EUCALYPTOS

Sabendo quanto o Sr. Pereira Fonseca se tem occupado da propagação do eucalypto entre nós e interessando-me vivamente pelo futuro daquella valiosa essencia florestal, que se vai aos poucos espalhando pelo paiz, tomei a deliberação de entrevistar ao operoso arboricultor, pedindo-lhe se dignasse de contar aos leitores d'*A Lavoura* a historia da introdução e divulgação da preciosa myrtacea pelo Brasil.

Fidalgamente acolhido pelo illustre cavalheiro, declarei-lhe em acto continuo a minha intenção de entrevistá-lo, ao que S. S. promptamente accedeu, pondo-se ao meu inteiro dispôr.

PEREIRA FONSECA — Melhor será que tratemos dos eucalyptos debaixo do bello especimen que temos aqui ao nosso lado, disse-me S. S., designando-me um assento alli junto a uma mesa tosca, sobre que havia tinta, papel e penna.

Pergunta — Poderá V. S. dizer-me quando foram introduzidos os primeiros eucalyptos no Brasil?

PEREIRA FONSECA — Creio que os primeiros eucalyptos foram introduzidos, no Rio Grande, pelo Sr. Frederico Albuquerque, na ilha dos Marinheiros, em 1868, pouco mais ou menos, tendo elle sido por esse feito distinguido com a medalha de ouro, que lhe foi concedida pela *Société d'Acclimatation de France*.

P. — Por que motivo a *Société d'Acclimatation de France* distinguiu ao Sr. Frederico Albuquerque? Que tinha ella com os ensaios daquelle pranteado brasileiro?

PEREIRA FONSECA — Aquella sociedade animava a plantação e propagação do eucalypto por todo o mundo, por considerá-lo como um forte agente contra as febres palustres e, graças principalmente aos seus esforços, o eucalypto fez a volta do planeta muito mais rapidamente do que qualquer outro vegetal.

P. — Ha factos positivos que demonstrem a acção benefica do eucalypto sobre as regiões palustres e pôde V. S. citar-me alguns?

PEREIRA FONSECA — Ha tantos que impossivel seria resumil-os nas poucas tiras que tendes deante de vós.

P. — Cite-me, todavia, alguns poucos, para depois fazer o historico da propagação do eucalypto pelo Brasil, que é o que mais interessa aos meus leitores e a mim particularmente.

PEREIRA FONSECA — O primeiro propagador da preciosa myrtacea australiana foi o notavel sabio Barão von Müller, de Melbourne. Guiados pelos seus conselhos, os botanicos de maior nomeada dos principaes paizes do globo tambem recommendaram e ensaiaram o plantio do eucalypto. Mas, d'entre todos, merece especial menção o sabio, de saudosa memoria, Dr. Ramel, cognominado a justo titulo — o apostolo mundial do eucalypto.

Um facto, todavia, muito concorreu para a divulgação do eucalypto e foi aquelle que se refere ao saneamento do — *Agro Romano*; Em meados do seculo XIX os frades trapistas do convento das Tres Fontes, perto de Roma, plantaram 50 pés de eucalypto e, como as febres declinassem, o governo os encarregou do plantio daquella preciosa essencia por todo o *Agro Romano* e tanto plantaram os benemeritos religiosos, que já em 1890 havia naquella outr'ora malsinada região nada menos de 500.000 arvores de eucalypto, sendo muito provavel que o eucalyptal actual alli existente suba a um milhão de pés.

Concomitantemente com os frades trapistas o Comicio Agrario Romano fez distribuir dezenas de milhares de mudas de eucalypto. E as febres desappareceram de vez.

P. — Depois do Rio Grande do Sul, onde mais se plantou o eucalypto entre nós?

PEREIRA FONSECA — No Rio de Janeiro em 1868, o 1º tenente Pereira da Cunha plantou um pé na Ucharia e muitos outros na Quinta da Boa Vista. Pouco mais ou menos, na mesma época, plantaram outro exemplar na praia do Flamengo, o qual ainda existe.

Em *Serra Acima*, os primeiros que alli se plantaram foram os de Vassouras e fui eu quem os plantou em 1871, no jardim publico da cidade. Arborisei então com aquella essencia duas ruas da mesma cidade: a da Policia e a da Camara.

Em 1873 o Dr. A. Lazzarini publicou no jornal *Municipio de Vassouras* um artigo traduzido do Anuario Scientifico de Luiz de Figuier sobre o *Eucalyptus Globulus* e no mesmo numero eu punha a venda 6.000 mudas desta especie. A coincidencia destes dous factos muito contribuiu para a propagação do eucalypto, não só no municipio de Vassouras, como nos seus circumvisinhos.

P. — Consta-me que V. S. fez outras grandes plantações de eucalypto em outros logares e épocas differentes.

PEREIRA FONSECA — Plantei mesmo em Vassouras alguns mil pés na minha chacara — Boa Morte — que vendi, em 1878, ao Dr. J. P. Magalhães Calvet. Vendi e dei um sem numero de plantas e sementes de diversas especies de eucalyptos.

P. — V. S. é, portanto, o primeiro e maior propagador do eucalypto no Brasil.

PEREIRA FONSECA — Penso que sim. Todavia apraz-me declarar que nos primeiros tempos, simultaneamente commigo, o Sr. Dr. Christovão Correia e Castro plantou em sua bella fazenda da — Secretária — nada menos de de 12.000 arvores, que tratou a capricho. Esta sua plantação ainda existe.

P. — Já se explora o eucalypto no Brasil?

PEREIRA FONSECA — No Rio Grande do Sul e S. Paulo, já o vão explorando para lenha, dormentes e construcções civis.

P. — Quaes as especies de eucalypto introduzidas no Brasil?

PEREIRA FONSECA — Só eu já recebi e propaguei 92 especies e variedades, tendo em minha fazenda de Camboava 15.000 pés, da idade de sete annos, os quaes pertencem a 62 especies e variedades. O meu eucalyptal já começa a ser visto desde a ponte do Iguassú, na estrada de ferro Leopoldina, ramal do Norte. Infelizmente para mim, parte da minha floresta de eucalypto tem desapparecido sob a acção dos fogos que os incendiarios ruraes ateam livre e impune-mente por toda a extensa região onde está situada a minha propriedade!!

P. — Póde V. S. dizer-me quaes as melhores variedades e quaes os seus empregos?

PEREIRA FONSECA — Recommendo particularmente o *Eucalyptus Rostrata* e o *E. Resinifera*, do qual tendes um bello especimen nessa taboa que ahi vêdes. Admirai a belleza inexcédível dessa madeira, só comparavel á nossa peroba tremida. Provém de uma arvore que foi derrubada aos 13 annos e tem de largura 35 centimetros, como podeis verificar. Recommendo tambem o *E. Fis-silis*, notavel pelo seu rapido crescimento, o *E. Longifolia*, de crescimento igualmente rapido e o *E. Tereticornis*, todos elles productores de excellente madeira de construcção naval, civil e mobiliaria.

P. — Quanto tempo suppõe V. S. que seja necessario, para que um eucalypto possa ser explorado economicamente?

PEREIRA FONSECA — Para servir de combustivel bastam tres annos, sendo a terra fertil e convenientemente amanhada.

Por exemplo, a arvore que temos aqui junto tem apenas 15 annos e já mede 20 metros de altura e 1^m,80 de circumferencia.

Acredito mesmo que, perto dos grandes centros populosos, onde o combustível escasseia, a plantação do eucalypto para combustível será um empreendimento altamente remunerador. Peço-vos licença para ler uma passagem do valioso livro de Mr. Reveret-Wattel — *L'Eucalyptus* — que certamente conheceis. (Lê uma pagina sobre o *E. Rostrata* ou *Red Gum Tree*.)

Permitti mais que eu vos leia alguns trechos de Nicholson sobre as dimensões do *E. Amygdalina*, de que ha uma admiravel photographia no museu de Kew representando o celebre *Big Ben* de Victoria, de 155 metros de altura e 28 de circumferencia. E' a mais alta arvore de que se tem noticia até hoje. Excede em altura á torre de Strasburgo e ao famoso *Sequoia Gigantea* da California.

P. — Pelo que vejo V. S. é um eucalyptophilo decidido?

PEREIRA FONSECA — Sou, e nisso nada mais faço do que seguir as pegadas de Mr. Ramel e outros grandes sabios de renome universal, de cujos esforços resultou a disseminação do eucalypto por todo o globo, sem exceptuar o Sahara, que cada dia vai sendo invadido pela preciosa myrtacea de que nos occupamos.

— Agora só me resta agradecer a V. S. pelas succulentas respostas que se dignou de dar aos meus quesitos, rogando-lhe que não se mostre tão avaro da longa experiencia agronomica que possui e a prodigalise aos leitores d'«*A Lacouras*» o maior numero de vezes que fôr possível.

A. GOMES CARMO. ✓

Festa agricola

A Sociedade Nacional de Agricultura promoveu uma reunião solemne para conferir o diploma de socio honorario a dous de seus membros prestimosos.

Em que consistiu aquella festa, dil-o a acta que passamos a transcrever.

SESSÃO MAGNA EM 30 DE JUNHO DE 1906—PRESIDENCIA DO SR. DR. WENCESLÃO BELLO — A's duas horas da tarde foi aberta a sessão, achando-se presentes os Srs.: D. Luiz, Bispo de Olinda; Dr. Wenceslão Bello, Dr. Sylvio Rangel, D. J. F. de Novaes Paes Barreto, Raymundo Machado de Mattos, Luiz Odilon de Oliveira, Carlos Garcia, Dr. Augusto Ramos, Arthur M. de Castro Vianna, coronel Napoleão Duarte, Dr. Malaquias Gonçalves, Dr. Apolinario Maranhão, Carlos de Castro Pacheco, Manoel Ignacio Belfort Vieira, Basto Carneiro M. Pereira, Dr. Urbano Santos da C. Araujo, Celso de Souza (representando a

tando o Circulo Catholico), Dr. Eurico Cruz, Dr. Taciano Accioli, Antonio Breta, Christino Cruz, João Pinheiro, Dr. C. A. Amoroso Lima, coronel Epaminondas H. Gracindo, Rodrigues Doria, Candido de Abreu, Senador Brazilio Luz, Manoel Rodrigues Peixoto, Joaquim Lacerda (*Jornal do Commercio*), Antonio de Medeiros (*Jornal dos Agricultores*), Dr. Heitor de Sá, Lindolpho Xavier, Francisco Vieira (*Correio da Manhã*), Dr. Ignacio Tosta, Raul Xavier (*Gazeta de Noticias*), Manoel José Pereira Frazão, Dr. Julio de Mello, José de Souza Lima, Raul de Almeida Magalhães, Dr. Bernardo Horta, Olympio de Accioli Monteiro e familia, Luiz Accindino Dantas, Carlos Raulino, corenel Cornelio de Souza Lima, Dr. Costa Leite, Edgardo Ferreira de Carvalho, Raymundo da Silva Castro, Dr. Candido de H. Costa Ferreira, Carlos Lix Klett (consul argentino), Domingos Gonçalves, Carlos Thomaz Pereira, Teixeira e Silva (*Jornal do Brasil*), José Marçal (*Revista da Semana*), João Lourenço de Souza, Dr. Joaquim José de Siqueira, Dr. Leite e Oiticica, M. Lopes da Silva, S. Castro Magés, Sergio de Carvalho, Costa Ferreira, Leovegildo Simões, F. do Amaral Quiques, P. Minervino de Oliveira, Domingos Ferreira Mendes, José A. Monteiro, além de muitos outros cavalheiros e distinctas familias da nossa alta sociedade.

O Sr. Wenceslão Bello — Está na consciencia dos povos modernos que a propaganda é a grande força social, é a alavanca de Archimedes para as idéas de progresso.

Ella não se faz, porém, tão só pelo debate, pelo argumento, pela prova. Não menos efficaç é prestar-se justa homenagem aos concidadãos que, por seus feitos, a impellem no caminho da victoria. E' levar-lhes, entre applausos, a segurança de que o merito de seus esforços é reconhecido com carinho, gratidão e enthusiasmo pelos companheiros de campanha. E' buscal-os, no meio em que militam, para o vasto ambito da communhão, e glorifical-os e pedir applausos para a benemerencia de seus intuitos e para a efficiencia de sua dedicação.

Efficaç, sim, pois tanto vale conquistar adeptos como alentar o ardor dos que militam ao som dos bravos que despertam os seus feitos. E, sobre ser efficaç, é um dever para os irmãos de idéas que, como os conscriptos das guerras sagradas, ao empunharem as armas, juravam vencer ou morrer.

O objectivo desta reunião é, para a Sociedade Nacional de Agricultura, o cumprimento de um desses gratissimos deveres de seu apostolado.

Temos presentes dous illustres combatentes da cruzada patriótica em que nos empenhamos e a Sociedade vem prestar-lhes a sua homenagem.

Senhores, a situação da lavoura contém-se na phrase inspirada do poeta:

« Eu sou cego, mas só peço luzes. »

Ella tacteia, timida, hesitante, sem ver o rumo certo que deve trilhar. Para a cegueira da rotina, que lhe obumbra a visão, ella precisa e pede luz que lhe illumine os passos.

Essa luz, só a sciencia, só o estudo e o ensino da agricultura nacional lh'a podem dar. Essa é tambem a affirmação inconteste de todos os povos que, como nós, já soffreram e conseguiram, no emtanto, evoluir.

Urge espancar essas trevas, que nos fazem uma existencia de dores e nos tolhem o surto a que a natureza nos votou, quando encheu de riquezas naturaes o nosso sólo e nos dotou de climas que incitam ao trabalho e ao progresso.

Emquanto não formos esclarecidamente agricolas, seremos obstinadamente fracos.

As melhores iniciativas quebram-se e desfazem-se ante as difficuldades que se lhes antolham, porque não sabem, porque não vêm e porque se não fez ainda a luz que permitta a harmonia e a convergencia dos esforços para o progresso.

E' que somos um paiz desconhecido ainda para nós mesmos. Desconhecemos os elementos que formam as aptidões de nossas terras e os meios de as adaptar ás necessidades da producção.

Ignoramos as riquezas que se occultam em nossas matas, ou não sabemos fazel-as valer para suprirem as falhas de nossos orçamentos.

Ainda não estudamos os recursos e o regimen de nossos climas, nem o que exigem as nossas plantas para realizarem o escopo economico da producção maxima com o custo minimo.

Não aprendemos ainda a applicar a cada trecho do territorio a producção que mais lhe convenha, evitando assim perdas de esforços e de animo.

Ainda não aprendemos tão pouco a harmonizar a acção dos varios órgãos do mecanismo administrativo, de modo a que o trabalho de um não seja entorpecido pela acção de outro, em prejuizo da producção.

A nossa vida economica arrasta-se nas trevas. Seu progresso faz-se ao acaso, hesitante, sem rumo, sem governo e tão só pelo poder irresistivel das condições naturaes de nosso paiz e da fecunda mentalidade espontanea de nossos patricios.

Só uma estrella, em nosso horisonte — o Estado de S. Paulo ; principia elle a espancar as trevas nos limites de sua acção e a lançar a luz da sciencia sobre a producção agricola.

Urge que essa luz se expanda pela communhão inteira, projectada pelo grande fôco da vida nacional — pela União.

Se precisamos aprender o modo de o fazer, as grandes nações, os paizes prosperos e felizes nos ensinarão o mecanismo. Si os nossos soffrimentos não nos bastam para nos dar a coragem e a firmeza necessarias a esse apprehendimento, se precisamos ainda de emulação, ahí estão, para nos estimular pelo confronto, as pequenas nacionalidades.

A Argentina, metade menor do que nós e com o quarto de população, assombra o mundo e enche os mercados, graças aos progressos scientificos de sua lavoura. O Uruguay, que foi uma das nossas pequenas provincias; o Paraguay, que apenas resurge do exterminio, já pode tirar de sua propria experiencia ensinamentos a nos dar sobre a efficacia do ensino agronomico.

Na grande União do Norte, só o paiz dos Indios e o territorio do Alaska não possuem o ensino agronomico, exclamou Manoel Victorino, no seio do Congresso Nacional de Agricultura.

Desse Congresso, senhores, sahiu, como a expressão mais concreta da aspiração da lavoura, o modelo desse fôco de luz que reclamamos — o Departamento de Agricultura.

Para que elle tenha a necessaria força de projecção e illumine todos os reconditos da actividade productora do paiz e a fecunde e impulse sem tropeços, é mister que se concentre em uma organização vasada nesses moldes.

Não basta, senhores, ensinar o operario a laborar a terra. Na vida industrial o operario é apenas a machina intelligente. Não se illudam os estadistas de meu paiz. Não alcançaremos tambem o escopo ensinando nas escolas regionaes as noções praticas de que carece o regente agricola. E' preciso ir além, ir até a culminancia a que attinge o ensino agronomico na esphera scientifica.

Para ensinar precisamos aprender a agricultura brasileira e essa ha de ainda ser feita e só o será com os trabalhos de nossos laboratorios, nossos campos de experiencias e nossas estações agronomicas, sobre as plantas, os animaes, os sólos e os climas que constituem os factores naturaes de nossa producção agricola. E esse estudo, essa investigação systematica e profunda do que é nosso, só nos será dado pelo ensino superior de agricultura, pela formação do corpo de agronomos brasileiros.

Actualmente não ha um só territorio ou possessão americana que não possua estação experimental de agricultura.—*Nota do auctor.*

E' mister ainda constituir os registros de nossa actividade agricola e commercial e as estatisticas, que dahi derivam. E, assim apparelhado o foco de luz que oriente tambem sobre as medidas de amparo e resistencia da produccão nacional, projectal-o, pela propaganda, no interior do paiz e no extrangeiro.

Saberemos então produzir em nossas granjas e em nossos campos e poderemos promover o escoamento de nossos productos, tirando delles preciosos recursos para nossa prosperidade.

Pois bem, senhores, o Exm. Sr. Dr. Christiano Cruz levou para o Congresso Nacional essa aspiração, que não é somente da classe agricola, mas do paiz, pois que entende com a vida inteira da nação.

S. Ex., que é um dos lavradores mais esclarecidos e progressistas do nosso mundo agricola, submetteu a seus pares o projecto da criação de nosso Ministerio de Agricultura, que será esse grande foco de luz.

A sua proficiencia, a aprimorada cultura de seu espirito, o ardor de suas convicções, a sinceridade com que se fez paladino da grande idéa, concorreram poderosamente para prestigial-a no circulo de nossos estadistas, e hoje, acreditamos poder affirmal-o, uma esplendida victoria está prestes a coroar a sua patriotica iniciativa.

Bem haja S. Ex. por tal effeito, que vem engrandecer o paiz.

Senhores, a força magica, quasi milagrosa, do espirito de associação, a caudal, salutarmente revolucionaria, invencivelmente regeneradora, da união agricola, congregou a conferencia assucareira do Recife. Ahi se reuniu o que de mais nobre, distincto e provecto conta a lavoura de canna.

De todos os pontos chegaram os representantes, que accorriam ao appello em defesa da classe. Estes, ao pisarem a bella Veneza brasileira, depararam com um vulto venerando que, de braços abertos, os acolheu, estreitando-os a seu peito e, dando-lhes o osculo das boas vindas, abençoou os seus esforços. Era S. Ex. o Rvm. Sr. D. Luiz, Bispo de Olinda.

Em S. Ex. harmoniza-se o mais selecto conjuncto de virtude de homem e de prelado, com os dotes rarissimos de pujante mentalidade.

Seu coração extremoso, seu espirito illustrado, sua palavra encantadora de unccão e de eloquencia, tem estado sempre, em extremos de dedicação, ao serviço da Igreja e da Patria; da familia brasileira, em que exercita santamente o seu apostolado, e da lavoura nacional, na qual afaga com carinho o symbolo de nossa Patria.

S. Ex. o disse, o coração de sacerdote brasileiro que pulsa em seu peito, sente-se bem entre os que propugnam a grandeza desta terra abençoada.

Príncipe da Igreja, S. Ex. constituiu-se o bispo da lavoura e, prestigiando pelo exemplo e pela palavra a propaganda a favor dos interesses agrícolas, creou no Seminario do Recife a cadeira de economia rural.

O clero, senhores, é sempre uma poderosa força social. Destarte esclarecido sobre as cousas agrícolas e guiado pelo exemplo e pela prestigiosa influencia de D. Luiz, virá elle em breve reforçar as hostes dos que, em nome da Patria, promovem o progresso da lavoura.

Por tão assignalados serviços, a Sociedade Nacional de Agricultura, agradecida e reverente, vem prestar-lhe sua homenagem.

Bem singela, em verdade, é ella.

Aceitae, senhores, nestes diplomas de socios honorarios a expressão de nosso respeito pelos serviços que vos tornaram benemeritos da lavoura nacional.

O Sr. Ignacio Tosta — Exm. e Revm. Monsenhor Bispo de Olinda — Minhas senhoras e meus senhores. — Foi em junho de 1900, em sessão plena do memoravel Congresso Catholico Brasileiro, promovido pelo apostolado da Oração e reunido na capital do Estado da Bahia, em commemoração do 4º centenario da descoberta do Brasil.

Eram 10 horas da noite; varios oradores haviam occupado a tribuna e a fadiga já ia dominando o auditorio, selecto e numeroso, agrupado em a nave da secular cathedral, cujo pulpito, solitario então, recordava os triumphos oratorios da eloquencia do padre Antonio Vieira, assombro de erudição.

Após alguns momentos de hesitação do Presidente do Congresso, obrigado a executar o programma da sessão, e receioso do insuccesso oratorio em hora tão infeliz pelo cansaço do auditorio, foi dada a palavra a Monsenhor Luiz Raymundo da Silva Britto, o insigne orador maranhense, de renome nacional, pelos louros conquistados na tribuna sagrada desta Capital.

Era a primeira vez que se me proporcionava a summa ventura de ouvir a palavra correcta, fluente, imaginosa, erudita e brilhante do notavel orador sacro, jorrando em catadupas de eloquencia, fazendo o panegyrico da Igreja immortal de Christo, que, naquella assembléa de catholicos de todo o Brasil, imperava nos corações e apoderava-se da nação para continuar a guial-a á sombra da Cruz, para a realização de seus idéaes de paz religiosa e felicidade temporal.

Completo foi o triumpho. Dir-se-hia que o verbo inspirado do padre Antonio Vieira, quebrando a mudez secular do pulpito, segredara aos ouvidos do orador as bellezas da lingua portugueza e os sublimes conceitos do Evangelho, a pura doutrina do Divino Mestre.

A impressão foi profunda no espirito do auditorio e o nome do Monsenhor Luiz Raymundo da Silva Britto gravou-se na memoria dos ouvintes. Era então S. Ex. Revma. um simples sacerdote catholico, um levita inexcedivel do Senhor, um soldado glorioso da Santa Cruzada do Evangelho.

Mas a Providencia, que tem os olhos fitos sobre o nosso paiz, para eleval-o ás culminancias moraes e economicas, vos reservava, Exm. e Rev. Sr. D. Luiz, mais alta missão: — a de Bispo da Igreja e levita do progresso economico da nossa Patria.

Sim — que debaixo de vossas vestes sacerdotaes e da cruz que carregaes ao peito, existe e pulsa um coração que é todo brasileiro e estremece o torrão natal: — vós o dissestes em sessão solemne da conferencia do Recife.

Sim — Bispo da Igreja brasileira, que sempre abençoou nosso torrão, sabendo como nos humildes claustros dos conventos se fizeram grandes diligencias em prol dos faustos e da riqueza do Brasil, como foi cultivada a primeira semente do café, como foram plantadas as primeiras cannas, vós nos animastes a proseguir na campanha agricola, assegurando-nos a victoria.

Sim — que ao terminar a vossa oração, na sessão inaugural da notavel assembléa de agricultores, reunida em março de 1905, no Recife, abençoastes a conferencia, pedindo para os agricultores o auxilio divino e incutistes no espirito de todos o mais fervoroso patriotismo, comparando o Brasil a uma aguia no ninho e a um gigante no berço.

« Combatei no campo da industria; anima-e essa aguia a estender seu voo até fitar o sol; combatei dando vida a esse gigante, até que, de frente erguida, entre de igual no convivio dos povos. » Foram as vossas palavras de animação em prol do bom combate pela causa da Patria.

Não vos limitastes, Exm. e Revm. Sr. Bispo, a comparecer por mera complacencia ou cortezia á sessão inaugural. Durante os 15 dias em que os agricultores de canna trabalharam incessantemente, dia e noite, pelo progresso economico da Patria, o chefe da Igreja pernambucana, o pastor carinhoso daquelle rebanho venturoso, não se conservou inactivo, nem retrahido.

Com a vossa presença sympathica e attrahente, com a vossa eloquencia altiloqua e serena, com o vosso gesto magestoso e insinuante, compartilhastes de todas as alegrias e tentativas em prol da lavoura e da industria brasileiras.

A Sociedade Nacional de Agricultura não podia deixar de significar o seu reconhecimento pelo vosso amor á agricultura. Não seria justa, se não aproveitasse a oportunidade de vossa vinda a esta Ca-

pital para conferir-vos o maior titulo com que os estatutos autorizam galardoar serviços da ordem dos que prestastes e continuais a prestar á agricultura.

Na sumptuosa festa com que vos dignastes de honrar os conferencionistas, no Seminario de Olinda, déstes a mais cabal prova de que sois um bispo verdadeiramente americano, que comprehende os nobilissimos deveres do clero no desenvolvimento economico do paiz. Affirmastes que uma cadeira de economia rural seria creada no Seminario para que o futuro clero da diocese se constituísse um elemento poderoso e efficaz do progresso material e moral de nossa Patria.

Revelastes a perfeita comprehensão da missão do padre nestes tempos agitados de impiedade e subversão dos principios basicos da sociedade humana.

O clero precisa de lidar e conviver com o povo. Sua missão não deve ser sómente orar nos templos, ensinar a doutrina christã, ministrar os sacramentos da Igreja, conservando-se alheio á vida social, ao movimento que agita a sociedade em todos os sentidos.

As obras sociaes entram hoje na missão do padre e a sua força, nesta época de democracia, reside na convivencia com as massas populares, com os operarios industriaes e ruraes, com os homens de todas as classes sociaes, sem distincção de hierarchias e posições, ricos e pobres, sabios e ignorantes.

Nas circumscripções industriaes o padre deve ser um verdadeiro sociologo christão junto aos operarios e patrões, conhecedor, propagador, explicador da encyclica *Rerum novarum*; nas regiões agricolas, nos campos, nas parochias ruraes, o parcho, como Millaerts, deve ter conhecimentos da agronomia e economia rural para esclarecer, informar, guiar, auxiliar e ser duplamente util aos agricultores.

O padre, affirma o Cardeal Arcebispo de Malines, deve iniciar-se no estudo dos problemas novos, instruir-se em uma sciencia que não faz parte do programma ecclesiastico; fará cousa muito util propagando na medida permittida pelas circumstancias ás diversas associações, syndicatos, bancos de credito, instituções que offerecem aos seus membros vantagens materiaes, como são as que resultam da compra ou venda em commum, da applicação dos methodos scientificos, dos seguros diversos, das cooperativas de producção.

E' preciso, recommendava o Santo Padre Leão XIII a Monsenhor Bispo de Liège, exhortar os vossos padres a irem ao encontro do povo; elles não podem mais ficar encerrados em suas igrejas e em seus presbyterios, é necessario animal-os com o espirito que animava um

S. Francisco Xavier, que ia aqui e alli, por toda a parte, para prégear a doutrina a todos.

Langenieux, o cardeal dos operarios, não cessava de impellir os padres e os leigos a fazerem *obras sociaes* para salvarem o povo da impiedade, da morte moral, das desgraças de toda sorte.

O padre encarregado de almas, clamava incessantemente Lange-neux, não póde mais se contentar com exercer ao redor de si seu ministerio ordinario, deve-se entregar ao apostolado no sentido o mais rigoroso da palavra; e o apostolado no ministerio é em grande parte o que nós chamamos *as obras*, isto é, esta forma especial de acção exigida pela força das cousas e mais adaptada ás difficuldades dos tempos.

Bem comprehendem os bispos americanos a nova fôrma de servir á causa da religião e da patria.

Exercendo o ministerio christão em um paiz democratico, vivem com a maior simplicidade no meio do povo, indagando de suas necessidades espirituaes e temporaes para attendel-o, aconselhando os seus diocesanos nas suas relações domesticas e sociaes, e por isso são amados, considerados e altamente respeitados.

Quando no Estado de Pennsylvania mais de 140 mil operarios se levantaram em greve colossal, com disciplina admiravel, como temeroso exercito, contra o capitalismo, e o Presidente Roosevelt, julgando indispensavel a sua intervenção para fazer cessar a lucta assombrosa, propoz a escolha de tres arbitros — representando os operarios, os patrões e o Governo Federal, para decidir-se o conflicto, vio-se o numero exercito composto de catholicos e protestantes, confiantemente escolher para seu arbitro o Arcebispo de Nova-York.

Annunciada pelo chefe dos grevistas a escolha do arbitro, a greve cessou immediatamente, voltaram todos ao trabalho.

O Arcebispo de S. Paulo, Monsenhor Ireland, cuja tenda de trabalho é uma cidade nova, cuja archidiocese está plantada em um paiz novo, onde tudo é agitação e movimento, é o primeiro a dar o exemplo da actividade progressista, e com elle o clero e os catholicos agitam-se, misturam-se com toda a gente, envolvem-se em todas as cousas.

Sois, Exm. e Revm. Sr. Bispo de Olinda, um verdadeiro bispo americano, que sabe fazer-se amado e respeitado de todos, porque conviveis com o povo, perscrutaes as necessidades e os soffrimentos do vosso rebanho para satisfazerdes as primeiras e alliviarde os segundos.

— Os agricultores brasileiros têm confiança na acção intelligente, esclarecida e moralizadora do episcopado e do clero brasileiro para a propagação da instrucção agricola, das noções indispensaveis ao progresso

economico do paiz, dos principios associativos de que depende a sua educação.

No Congresso das applicações industriaes do alcool, reunido nesta Capital em novembro de 1903, os agricultores votaram unanimemente uma moção solicitando do episcopado brasileiro :

1.º A criação de uma cadeira de Economia Rural nos seminarios episcopaes, com o intuito de formar por meio de estudos sérios o espirito agricola do clero para a propagação e vulgarização nos campos, dos principios do cooperatismo e dos melhores methodos de cultura racional, que desenvolvam o espirito de associação entre as populações ruraes assegurem aos agricultores o bem estar moral e material.

2.º A instituição de missionarios agricolas, a exemplo do que se fez no Canadá, que tenha por escopo plantar no seio das populações ruraes do Brasil o espirito de associação, cooperação e mutualidade, agrupando os agricultores em syndicatos, circulos ruraes, cooperativas de produção, caixas de credito, seguros contra a peste do gado e o incendio das plantações, caixas de familia para os trabalhadores, etc., ensinando-lhes os melhores e mais aperfeiçoados methodos de cultura, com o intuito de augmentar a renda dos lavradores e tornar-lhes a vida mais confortavel e garantidora do futuro da familia.

3.º A vulgarização pelo clero dosapparelhos destinados ás applicações industriaes do alcool como força illuminativa, calorica e motriz com o duplo fim deauxiliar a lavoura da canna e obstar a que o alcoolismo continue a causar males irreparaveis em nosso paiz.

O appello do Congresso das Applicações Industriaes do Alcool, não obstante o indifferentismo de que está saturado o nosso meio social para as cousas uteis, quando ellas se afastam dos estalões communs, echoou patrioticamente nos corações christãos e brasileiros de dous eminentes prelados:

Exm. e Rvm. Sr. Bispo de Olinda —dêstes o exemplo, na memoravel festa com que honrastes a visita do conferencionista do Recife ao seminario de Olinda; convidando, desde logo, o insigne propagandista Sr. Dr. Corrêa de Britto a fazer preleções de economia rural naquellê importante estabelecimento de ensino theologico, até ser creada a cadeira especial; e o Exm. e Rvm. Sr. Bispo da Parahyba creou já a cadeira, confiando a sua regencia a outro propagandista da lavoura, o Sr. Dr. Pacheco Pereira, que, com proficiencia vae incutindo no espirito dos jovens levitas os principios scientificos, com que mais tarde transfor-

marão scientificamente a agricultura da Parahyba — desempenhando simultaneamente o apostolado religioso e o apostolado agricola.

Eu não descreio da regeneração economica do meu paiz; ella se fará, cedo ou tarde, a despeito dos obstaculos que a rotina oppõe aos processos racionais da sciencia agronomica.

Mas — é minha convicção, da qual poderão zombar os infelizes que têm a alma tostada pela impiedade — a nossa regeneração economica accelerar-se-á, a educação da população rural formar-se-á celeremente, a organização cooperatista da agricultura transformará os nossos habitos de egoismo e isolamento, si a iniciativa dos dous eminentes prelados fizer proselytismo no episcopado.

Sim, no dia em que o clero nacional esclarecido, instruido no estudo dos problemas novos, que tanto interessam ao bem-estar material das classes productoras e riqueza publica, accumular o exercicio dos dous apostolados — o religioso e o agricola, trabalhar indefessamente nas cidades e nos campos, nos centros industriaes e nas regiões agricolas, pela religião e pela patria, a nossa grandeza economica assombrará o mundo.

Os Millaerts, os Ludovicos de Bessa, os Fontans, os Lemires, os Cerutti e innumerous outros padres da igreja e propagandistas da agricultura surgirão, como legiões, em todo o territorio do Brasil.

Que meio mais poderoso e benefico poderá o episcopado brasileiro empregar para assegurar o imperio de Christo nesta vastissima e opulenta terra de Santa Cruz!

Exm. e Revm. Sr. D. Luiz :

A Sociedade Nacional de Agricultura conferiu-vos o titulo de socio honorario, e nós outros os modestos agricultores brasileiros aqui reunidos para render homenagens ao vosso saber, ás vossas virtudes, á vossa caridade inexgotavel, ao vosso patriotismo, á vossa dedicação evangelica pela lavoura soffredora, vos acclamamos — o Bispo da agricultura nacional.

Abençoi, Exm. Sr., os soldados da modesta e rude campanha da grandeza de nossa patria pelo cultivo da terra, esclarecido e fecundado pela sciencia agronomica, campanha de que sois e continuareis a ser um dos mais preclaros e entusiastas directores.

As minhas ultimas palavras serão dirigidas ao meu incomparavel companheiro de lides agricolas no Parlamento, o Exm. Sr. Dr. Christino Cruz, tão justamente acclamado socio honorario por ter levado para o Congresso a idéa da organização de um ministerio technico da agricultura.

Todos sabem o esforço, a coragem, o patriotismo que exige a corporificação de uma idéa importante em um projecto de lei, quando ainda a opinião publica não está formada.

Sem o ministerio da agricultura, as combinações de toda natureza serão improficuas para a solução do problema economico. E seja qual fôr o destino que o Congresso dê ao projecto — cabe ao Dr. Christino Cruz a glória da patriotica iniciativa.

O Sr. Christino Cruz — Senhores : Cumpro o dever de agradecer á benemerita Sociedade Nacional de Agricultura a honrosa distincção que acaba de conferir-me, considerando-me seu socio honorario.

Mais generosidade sua do que merito meu, a honra com que me agraciou servir-me-á para recordar sempre o cumprimento do dever que me impuz, desde que tive entrada no parlamento nacional.

Esse dever tem sido, é e ha de ser sempre zelar e defender os altos e legitimos interesses da agricultura brasileira, de que a Sociedade Nacional de Agricultura se tornou o campeão infatigavel na Capital da Republica.

A solução do problema rural no Brasil ainda está, melhor do que eu vós o sabeis, na primeira phase, no periodo inicial de sua evolução. A multiplicidade, a grandeza e a intensidade dos factores mesologicos, mais importante aqui do que em qualquer outra nacionalidade, tornam essa solução mais demorada e mais difficil.

Não é o problema do café, não é o problema do assucar, não é nenhum dos outros problemas que neste momento depauperam as classes ruraes, que constituem o *grande problema brasileiro*.

Paiz vastissimo, de cerca de nove milhões de kilometros quadrados, de população mui pouco densa, mui pouco instruida, *as nossas duas grandes questões são povoar o solo, e instruir a população que povoa esse solo.*

Com o amplo e intenso povoamento do solo brasileiro, nós outros teremos resolvido grande parte dos problemas que nos têm atrophiado até o presente.

Essa grande producção, que nos axphixia e que está assediada pela concorrência mundial e é o attestado vibrante da operosidade rural brasileira, terá cessado com o augmento da nossa população. A muita offerta e a pouca procura de hoje, gerando o envilecimento dos preços, ter-se-á por esse motivo transformado, e indispensavel será então augmentar a área da producção, para corresponder ás exigencias do consumo interno. As nações estrangeiras, que neste momento procuram por todos os meios repellir os nossos productos,

Para que o trabalho seja fecundo e nobre é preciso, porém, que elle não represente exclusivamente o esforço physico; a acção moral lhe é necessaria.

Eis porque julga que a propaganda agricola está dentro de sua missão episcopal.

Estuda a situação angustiosa da população agricola do Brasil, empobrecida, humilhada perante o colono estrangeiro, para quem foi mais prodiga a acção dos governos, e diz que é preciso educar essa pobre gente, formar-lhes o coração nos santos principios de doutrina do Evangelho, aquinhoando-a igualmente, dando-lhe a instrucção primaria, o ensino agricola, não do ponto de vista theorico, sinão em instituições praticas.

O que deseja para o lavrador brasileiro, o humilde trabalhador dos nossos sertões, é um pouco de bem estar que lhe não podem dar esses casebres esburacados em que habitam, privado de conforto, sujeitos á acção esmagadora dos latifundios, que o orador tem combatido inutilmente com a sua palavra, sempre convencida e sincera.

E' para isto que devem convergir os esforços de todos, pois, só assim teremos uma patria digna de nós e do nosso tempo. E' esta a acção da benemerita Sociedade Nacional de Agricultura, para onde devem convergir os esforços de todos os brasileiros.

Conclue agradecendo a distincção de que foi alvo e assegurando todo o seu apoio moral e espirital á propaganda agricola.



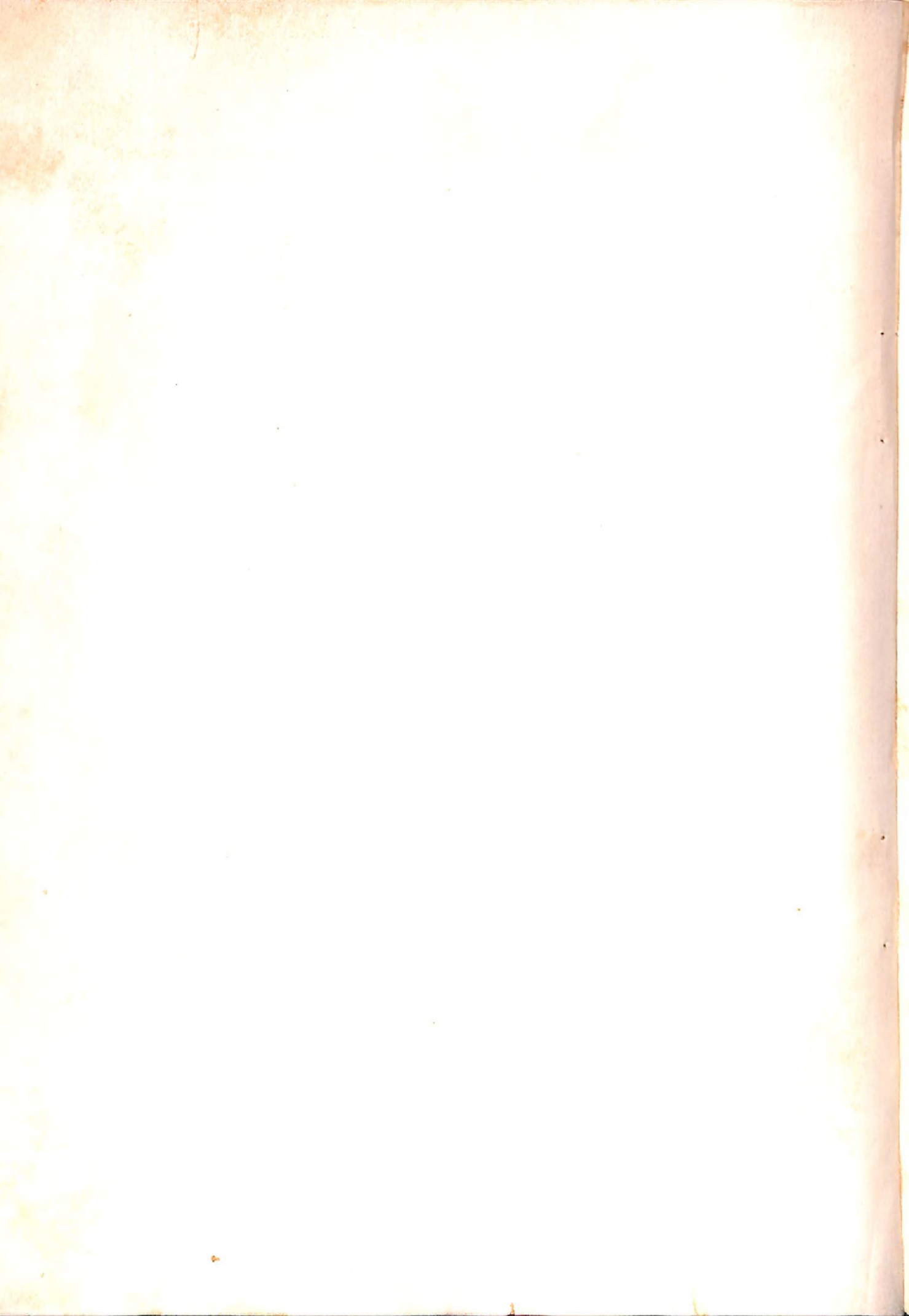
COLLABORAÇÃO

Industria e Commercio do Tabaco em Samatra

Visita á plantação — Padang Boelan. O dia 6 de agosto cor-rera cheio de interesse: até ao *tiffin* (lunch dos ingleses), as visitas do Sr. Marinus, um dos peoneiros da zona, e hoje dos mais abastados fazendeiros, e do Sr. Bool, secretario do *Planters Comité*, o haviam bem preenchido; ás 3 horas da tarde, parava á porta dos nossos commodos, no *Hotel Medan*, a victoria, puxada por bella egua da Australia, que nos mandara pôr á ordem, para a excursão a Padang-Boelan, o administrador em chefe, da «Amsterdam Deli», o Sr. J. S. C. Kasteleijn.



PLANTACÃO NAS MONTANHAS



Incontinenti partimos; e, posto o sol, ainda alto, despedisse ardentess raios, graças ao uso de roupas leves, que, por ser geral, houvemos de adoptar, e á sombra de frondosas arvores que, por toda a parte, se multiplicavam, iamos, sem incommodo, de carro descoberto, gosando o espectáculo raro, que se nos deparava á vista.

Depois de atravessarmos a cidade, que, a esta hora, se achava em grande quietude, porque todos mal acabavam de fazer a sésa, e, em seguida, os *kampongs* (quarteirões ou melhor povoações) de jáos, *kalíngas* (indigenas da costa de Malabar), *battas* (naturaes da zona) e malaios, passamos por graciosa ponte, sobre o rio Deli, onde, deleitosamente, se banhavam, meio envoltos nos *sarongs* (panno, á guisa de saia, que usam homens e mulheres) *culis* dos dous sexos, com grande semcerimonia; e enveredámos pela estrada, em direcção sul. Vel-a a estrada, por onde seguíamos: larga de mais de quinze metros, devidamente macadamizada e, com zelo, conservada; sombreavam-na duas filas de gigantesocos bambús, dando-lhe, do mesmo passo, aspecto encantador; ladeava-a, em toda a extensão, uma vereda para peões, que espessa arcaria de bambú tornava impenetravel aos raios do sol, e, á nossa passagem, por ella, lentamente, caminhavam *culis* sem conta, que voltavam do campo com os instrumentos de trabalho ás costas, como a se retemperar, na amena frescura desta sombra ideal, das fadigas de 10 horas de trabalho, sob calor canicular, supportadas com paciencia evangelica.

Por vezes, a scena mudava: e eram arvores magestosas que se entresachavam com os bambús; de quando em quando, um *rambong* (*ficus elastica*) colossal attrahia-nos attenção; aqui e acolá, appareciam, a miude, *kampongs*, onde avultavam arvores fructíferas, escondendo miseraveis choças, construidas sobre espeques; emfim, como clareira, na vegetação luxuriante, que se ostentava, de um lado e de outro da estrada, surgia uma residencia de administrador, convizinha de dependencias outras da plantação (*estate*), em meio de delicioso parque, finamente trabalhado, onde a grama, aparada por igual, formava um fundo verde-claro admiravel, que fazia sobresahir os tufos de arvores de folhas mais escuras, dispostos com arte e gosto, guardando certa harmonia com as aléas sinuosas, que recortavam o deslumbrante relvado.

Que tristeza me enchia o coração, ao comparar, mentalmente, as nossas estradas de rodagem com esta, que assim me maravilhava! E dizer que tudo isto, desde o porto de Belavan, o caminho de ferro, com mais de 100 kilometros, até Medan, e estradas de rodagem, se deve ou, antes, é obra exclusiva da iniciativa privada! que este tracto de

terra, tão ubertoso e productivo, foi conquistado, desbravado e valorizado por campeões arrojados, mas, previdentes e tenazes, que, não raro, se viram a braços com ingentes dificuldades, solvidas, sempre, mercê de recursos próprios, antes de ferir a meta que visaram com justiça indefectível!

Ao fim de tres quartos de hora, estavamos no armazem de fermentação do fumo, onde aguardava a nossa chegada o Sr. Kasteleijn, que, em nos vendo, veio logo a receber-nos com mostras da maior affabilidade. Entreguei-lhe, então, a carta de introdução, que o professor Treub, director do departamento da Agricultura (*Department van Landbouw*) das Indias hollandesas, tivera a gentileza de me offerecer, apresentando-lhe eu, conjunctamente, o meu companheiro de commissão. Foi, sem detença, nos conduzindo, através do edificio, e nos explicando, meticulosamente, as operações que ali se praticavam.



SECCADORIO — Transporte de fumo para a casa de fermentação

O armazem é uma vasta construcção de alvenaria, com cerca de $25^m \times 100^m$, de altura regular, tendo um appendice lateral de menores dimensões, destinado á escolha e pesada do fumo, bem como a deposito deste, após a fermentação.

Internamente, o edificio apresenta, a $1^m,50$ acima do solo, resis-

tente soalho de madeira, forrado de zinco, e dividido em duas partes por um corredor central, ao nível do solo, que o põe em comunicação com o annexo. Naquelle existe uma prensa de ferro para enfardamento do producto.

A cobertura é de ferro zincado, dotada de lanternas para ventilação, no centro; innumerables janellas envidraçadas illuminam o interior; proximo da pequena rampa, que dá accesso á segunda divisão do soalho, fica a mesa do empregado europeu, que superintende o serviço de fermentação.

Impressionava, á primeira vista, o rigoroso asseio que reinava em tudo; o Sr. Kasteleijn explicou-me o motivo da adopção do zinco para forrar o soalho: evitava-se o apparecimento de um insecto (*azioderma*), que fazia sérios estragos no fumo em fermentação, introduzindo-se nas médas que se achavam em contacto com o chão, e perfurando-lhes as folhas.

Havia, no momento, fumo em diversas phases de fermentação, mas a colheita já estava terminada; porque, em Padang-Boelan, as plantações se fazem mais cedo que nos outros *estates*. Parece haver nisso certa vantagem, de que se procura prevalecer o avisado administrador, para o fim de realizar duas safras, cada anno. Com esse intuito, ha feito varias experiencias, sob a direcção da *Præfstation voor Tabak*, e preparou sementeira no proposito de plantar vasta área de terreno, que, previamente fez inundar, mediante a execução de custosos trabalhos hydraulicos. E', segundo fui informado, a primeira vez que, na zona, se applica a irrigação artificial ao fumo; ainda assim, mais pela acção fertilizante das aguas carregadas de impurezas, que por outra influencia.

Tornando á casa de fermentação, vem a pello descrever o modo por que operam com o fumo, desde que sahe do seccadoiro. Manocado o producto, é posto em grandes cestos (têm algo do panacum), forrados a esteira, que são transportados em carroças, puxadas por zebús (importados da India ingleza), para o pateo central do annexo, onde vaé ser pesado e distribuido por mulheres, incumbidas de arrumal-o em medas, com o fim de produzir-se a fermentação.

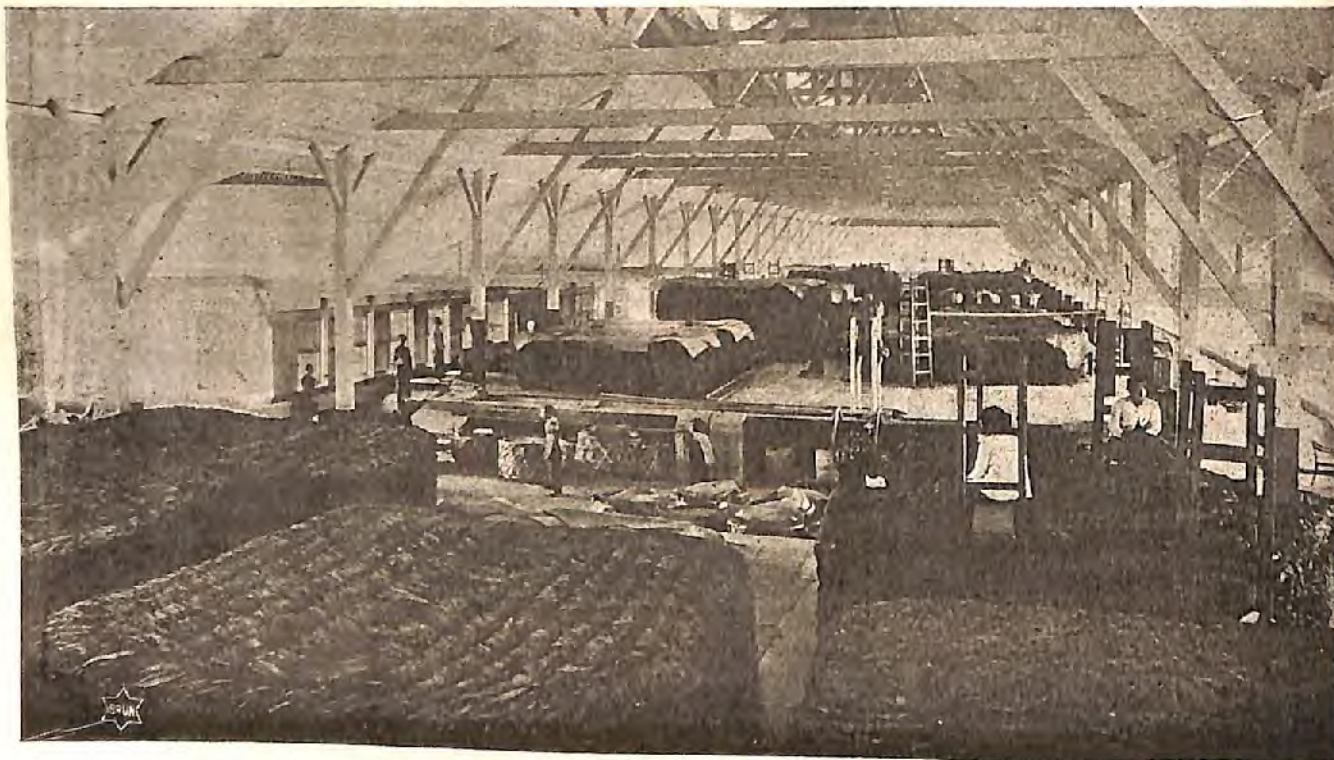
Uma explicação, porém, antes do mais: tal operação não se pratica, arbitrariamente, para dadas folhas; ao contrario, depende, estritamente, da natureza destas o modo de dirigil-a. Por este motivo, procedem, em Deli, á colheita, parcialmente, occorrendo, desde então, o que, com acerto, se póde denominar de primeira escolha. Assim é que se colhem, primeiro, uma a uma, as folhas ditas de areia (*zandbladeren*); passado algum tempo, quando a apparencia das folhas indica ser o mo-

mento asado, cabe a vez ás chamadas de pé (*voelbladeren*); seguem-se, mercê do mesmo criterio, as de meio (*middenbladeren*).

Em tal ordem, são as folhas, separadamente, postas a seccar, e, em seguida, manocadas. Conforme a classe, a que pertencem, varia o meneio da fermentação, que sempre se conduz, por maneira a aperfeiçoar, o mais possivel, o genero.

Isto posto, o serviço desdobra-se pelo seguinte modo: seccas, *v. g.*, as folhas de areia, que são as mais cedo colhidas, e manocadas, transportam-se as manocas para o annexo, onde se pesam e verificam quer quanto ao numero, quer no tocante ao estado das folhas; porque cada remessa, ou melhor, cada cesto é acompanhado de uma papeleta, firmada pelo assistente do seccadoiro, encerrando todas as indicações, proprias para evitar fraude, e uteis á boa marcha da fermentação.

Num livro especial se registam assim as pesadas, como os dados principaes, a ellas concernentes, após o que se remette o fumo para o edificio principal (não sem pôr de lado as manocas em mau estado) afim de ser collocado em médas, e soffrer a fermentação conveniente.



Casa de fermentação

As dimensões destas variam, de accordo com o typo das folhas e a qualidade do fumo, sendo fixadas pelo tecnico, a quem incumbe a

inspecção do serviço, nessa conformidade, e segundo a categoria do producto que se deseja obter.

E' uma questão, pois, assás delicada, e que, por não haver regras fixas, depende, exclusivamente, da pratica e do discernimento deste empregado, em cuja escolha se envida o maior zelo; desde quando, aliás, todas as mais phases da fermentação requerem igual attenção e criterio.

As médas são, habitualmente, construidas por mulheres, que o fazem excellentemente.

Para isso dispõem as manocas, em camadas horisontaes, sobre uma esteira que, pelo recorte da peripheria, fixa o contorno da méda, sendo que, deitada a primeira manoca, a segunda é posta em seguimento, de modo a cobrir os $\frac{3}{4}$ da primeira, e, assim, se continúa segundo o perimetro marcado, mas havendo o cuidado de orientar todas as cabeças das manocas para o lado externo, e de arredondar as quinas. Terminada esta primeira linha, que é a do contorno, arruma-se a segunda, ficando as manocas a cobrir, respectivamente, as anteriores, na metade.

Feitas as filas interiores e ultimada a primeira camada, passa-se á segunda e, successivamente, ás demais, até attingir-se a altura prefixada.

Ha especial cuidado em manter cada camada, perfeitamente, horisontal, para o que se servem de uma regua a verifical-o, toda vez que arrumam manocas nas linhas inferiores.

E' da maior importancia a boa estabilidade das médas, sob pena de, a miude, se esboroarem, maxime quando, o que não é raro, chegam a consideraveis dimensões.

A meia altura installa-se, transversalmente e de nivel, uma vara de bambú ôca e cheia de frestas, em cuja extremidade, ao centro da méda, se deposita um thermometro centigrado, destinado a fornecer as temperaturas varias, por que passa o fumo em fermentação; quando a altura da méda é avantajada, empregam-se dous thermometros, para melhor se ajuizar da temperatura da massa.

Prompta a méda, adapta-se-lhe, externamente, uma papeleta, onde se inscreve o numero de ordem, a data da conclusão, a classe das folhas, etc., e, na extremidade da vara de bambú, se prende uma outra que serve de registrar os resultados das observações thermometricas, feitas, em geral, pela manhã, ao meio dia e á tarde.

Existem, a demais, para uso do assistente, papeletas, que resumem os resultados das innumeradas observações diarias.

Depois de emmedado, pela fórmula dita, entra o fumo a soffrer uma série de transformações, cujo processo e origem têm, até agora, desafiado os esforços de argutos observadores, e das quaes apenas se logra

medida approximada, mercê da variação de temperatura, que serve, pôde-se dizer, de guia principal, em tão complicado phenomeno.

E', a esta série de transformações, que se dá o nome de fermentação (entre nós: *suor, febre ou calor do fumo*), quicá, por assimilar o facto ao correlato de origem microbiana, hypothese, que parece reunir, nos ultimos tempos, os melhores suffragios.

Logo depois da arrumação, principia a temperatura da massa a elevar-se: da primeira feita, por exemplo, attingirá 50°, em se tratando de folhas de areia, ao passo que pouco deverá exceder de 40°, para as de meio; sempre, porém, a juizo do tecnico, que acompanha o curso da operação, o qual, previamente, determina o maximo de calor, que deve supportar cada monte de folhas.

Uma vez alcançada a temperatura prefixada, desfaz-se, com presteza, a méda que a accusa, para se refazer, porém, incontinentemente, com o cuidado, todavia, de inverter a disposição das manocas, nas diversas camadas, de modo a passar para o centro as que se achavam na periphéria, e *vice-versa*, guardando a ordem respectiva.

Nota-se, na competente papeleta, a data em que se effectuou o desmancho da méda, a temperatura maxima observada, no ultimo dia, e, igualmente, a data da remodelação.

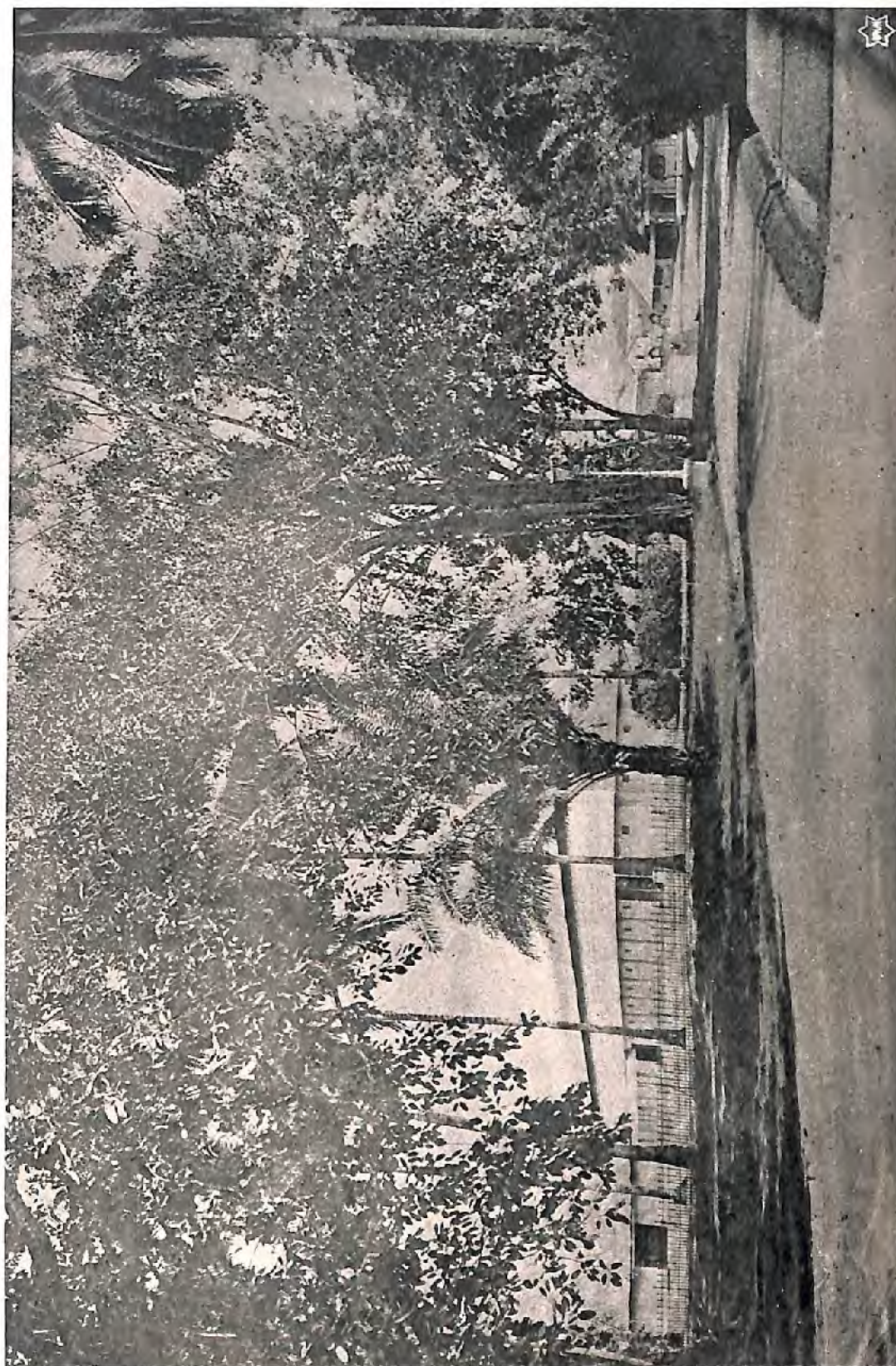
As mesmas observações são de novo praticadas, e registadas na papeleta do thermometro, até se chegar ao maximo de temperatura, obtido anteriormente; porque cumpre que toda a massa haja sido submettida a um gráo uniforme de calor.

Conseguido isto, procura-se outra méda, que apresente condições equivalentes, afim de formar-se uma nova pela reunião das duas. Esta já apresentará dimensões muito maiores e, para sua construção, se hão de empregar andaimes ou escadas de bambú.

Será a méda: (1/3), se acaso resultar da fusão das, primitivamente, dotadas de numeros 1 e 3.

Uma papeleta, resumindo as duas primeiras, lhe será então appensa. Continua-se o mesmo processo, até accusar o thermometro a temperatura requerida, quando se inverte a posição das manocas, pela maneira já descripta, e segundo os mesmos principios.

Realizadas estas duas phases ultimas, acham-se as folhas commummente, em estado de ser escolhidas (é o caso normal para as de areia); se não, ha de buscar-se outra méda, em situação correlata, no intuito de repetir o que se praticara com as partes componentes daquella, e, assim, se proseguirá até que o assistente repute desnecessario ir além (é o que acontece com o fumo carregado de mel, que exige precauções especiaes). Para maior clareza do assumpto,



CASA DE FERMENTAÇÃO





traslado aquí a cópia de uma das papeletas, que tive ensejo de tomar durante a visita :

Voetblad (Folha de pé)

1	2	3	4	5	6
$\frac{4}{7}$	$\frac{4}{7}$	$\frac{6}{7}$	$\frac{6}{7}$	$\frac{8}{7}$	$\frac{8}{7}$
$59^{\circ} \frac{1}{2}$	59°	$58^{\circ} \frac{1}{2}$	$59^{\circ} \frac{1}{2}$	59°	$59^{\circ} \frac{1}{2}$
$\frac{11}{7}$		$\frac{17}{7}$		$\frac{20}{7}$	
59°		$59^{\circ} \frac{1}{2}$		$59^{\circ} \frac{1}{4}$	
		$\frac{3}{8}$			

A explicação deste quadro não offerece difficuldade: no dia 4 de julho ($\frac{4}{7}$), formaram-se de folhas de pé as médas 1 e 2, que attingiam, respectivamente, ás temperaturas, de $59^{\circ} \frac{1}{2}$ e 59° , a 11 do mesmo mês (devem-se considerar as duas phases terminadas, para cada méda), quando se decidiu a reunião das duas, o que deu em resultado uma nova, cuja temperatura se elevava a $59^{\circ} \frac{1}{2}$, a 3 de agosto, indo, então, com as médas $\frac{3}{4}$ e $\frac{5}{6}$, que haviam passado por phases correspondentes (a explicação é identica, *mutatis mutandis*), constituir uma de maiores dimensões, cuja temperatura irá ser, por sua vez, observada.

Achando-se o fumo no ponto desejado, após esta primeira fermentação, vae, como dito foi, ser escolhido e classificado. E' tambem uma operação assás complicada, dado o numero de typos adoptados em Deli, baseados uns na coloração, outros nas dimensões das folhas.

Já a primeira separação se fez na colheita; uma segunda pratica-se no seccadoiro, ao ser manocado o fumo, grupando-se as folhas sãs, á parte das despeçadas; a terceira, a mais completa e perfeita, effectua-se depois da profunda transformação, soffrida pelo fumo durante a fermentação. Havendo passado uma vista d'olhos no livro de fermentação (*Fermentierboek*), onde se resumem todas as operações da colheita neste particular, o qual era um modelo de methodo e clareza, dirigi-me, em companhia do Sr. Kasteleijn e do Dr. Nascimento, para o appendice, ao lado, a ver as amostras de fumo, antes e depois de fermentado, e apreciar o modo meticoloso por que se escolhia o precioso producto.

Os especimes de folhas que me foram mostrados eram soberbos: não sabia que mais admirar, se a côr clara uniforme, em algumas, de um pardo esverdeado (*vaal*), se a macieza e o assetinado do parenchyma.

Debalde, me esforcei por descobrir folhas manchadas por defeito de seccagem ou fermentação; nenhuma apresentava vestigios de mel.

Logo se me deparou a longa sala, onde *culis* dos dous sexos, em numero superior a cem, trabalhavam na escolha do fumo.

Essa se faz sob o duplo aspecto da côr e do comprimento. E' muito simples o processo usado, quer num, quer noutro caso: no sentido longitudinal, junto a cada uma das divisões, e dous palmos acima do chão, estendem-se estrados, do longor da sala e com largura de cerca de 2 metros, onde se sentam os *culis*, grupos em cada qual dos estrados fronteiros, escolhendo d'um modo; o *culi*, para escolher se-



Escolha do fumo

gundo as côres, colloca-se no centro de um polygono regular de quinze lados, cujo semi-perimetro tem, em cada vertice, uma vareta de bambú fincada, normalmente, no soalho, e, a olho, vae separando as folhas e pondo-as entre os vertices do polygono, de modo a grupar, em dados espaços, as da mesma côr; quanto ao tamanho, o que lhe está fronteiro recebe os grupos de folhas da mesma côr, e começa de dispol-as, respectivamente, com os peciolos encostados a uma taboa, de um palmo de altura e em esquadro com relação ao soalho, e os vertices, segundo uma linha obliqua tirada, sobre o estrado, do extremo daquella, com uma inclinação de 10°, approximadamente.

Por esta fôrma, com presteza distribuem-se as folhas, por sortes de igual comprimento e da mesma côr.

Terminada a escolha, é o fumo de novo manocado, conforme á côr e ao tamanho das folhas.

Em seguida, procede o assistente a rigoroso exame em todas as manocas, afim de verificar qualquer falta commettida pelos *culis*, e devolver, aos incursos nella, aquellas, cujas folhas não apresentarem a uniformidade de typo, côr e comprimento, requerida.

Este exame realiza-se num compartimento especial, onde se observa em excessiva claridade; as fraudes encontradas são, severamente, punidas.

Começa, então, a segunda phase do tratamento; volve o fumo ao armazem de fermentação para ser arrumado em médas colossaes, cujo levantamento exige a maxima attenção.

Entra, lentamente, a temperatura a elevar-se e, ao fim de tres mezes, mais ou menos, após haver soffrido cada méda remodelações varias, do genero já visto, ao tempo em que aquella chega ao maximo de 65°, para as folhas de areia, e de 60°, para as de meio, é considerada, habitualmente, terminada a fermentação, de tal sorte que, porventura, accumulado o fumo no porão de um navio, não mais haja de soffrer transformação, por minima que seja.

Esquecia-me advertir que, no fazer essas grandes médas da ultima phase, se ha o cuidado de cintar de esteira toda a parte superior, em ordem a evitar qualquer desmantelo.

Concluida a fermentação, é o producto de cada classe (por vezes, á mingua de fumo, de um dado typo, obriga a formar medas, encerrando sortes diversas, que, comtudo, se mantêm separadas no seio daquellas, mediante tiras de bambú) pesado, em porções iguaes de 80 kilos, prensado e enfardado com revestimento de esteira, bastante resistente.

Todas as operações, atrás mencionadas, demandam longo tempo para uma perfeita execução, podendo-se calcular em seis mezes o espaço, que medeia entre a colheita e a remessa do fumo para o mercado europeu.

Pelo systema de escripta adoptado, é licito acompanhar-se, quanto possivel, a marcha da folha, desde o campo até á expedição.

Tudo o que vinha de devassar, respirava tal ordem, uma perfeição de methodo tão sublimada, que me demorei, longamente, a rever, pelo menor, a aparelhagem dessa racionalissima organização de trabalho, que me deixava attonito e deslumbrado.

Por não enfadar, máo grado meu, que a natureza deste assim o exige, calo grande cópia de minudencias.

Como me era intuitiva a razão de ser dos fabulosos lucros alcançados! Sim, á uberdade do solo, unicamente, não podia attribuir-se o facto; devia haver algum outro factor, que fosse, por assim dizer,

a *determinante* dos avultados beneficios grangeados, sem cessar, de longos annos. Condições naturaes propicias, careiam ceifas abundantes; mas, se só áquellas se devem, ficam á mercê do acaso e, a intervallos, a opulencia, á miseria, cede o passo.

Não assim, quando o homem intervem com o trabalho racional; então, desaparece a contingencia e a prosperidade jámais remitte.

A pratica vinha, pois, fortalecer-me neste sentir, tão sedição, quão pouco affeição no nosso paiz.

Continuando na visita, seguimos dahi, num *dog-cart*, eu e o Sr. Kasteleijn, em direcção aos campos de plantação.

O caminho que atravessámos, cortava uma vasta planicie, onde pompeava vigorosa vegetação de porte não muito elevado, á qual, a reveses, o *alang-alang* (*imperata arundinacea*) empecia a medra, atufando, por seu turno, a campina, mercê de damnoso viço.

Este muito se assemelha ao sapé, e, nem que elle, invade os terrenos, logo após as queimadas, constituindo-se em verdadeiro flagello para as propriedades.

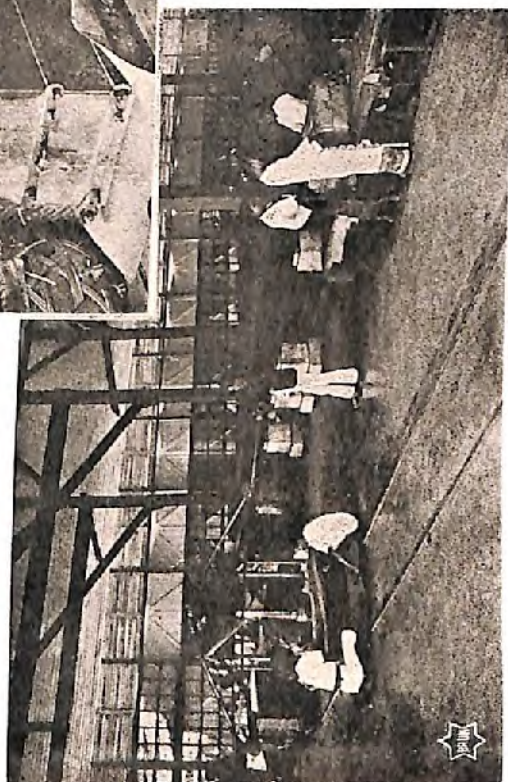
Luta-se, sériamente, em Deli, contra a sua propagação, plantando-se, nos terrenos baldios, arvores de crescimento rapido, como *djotis* (teca), *albizias*, etc.; e os resultados beneficos já se fazem sentir.

Em caminho, fui colhendo novas informações do amavel hospede; soube, assim, que a Companhia «Amsterdam-Deli» tinha duas administrações, uma com séde em Amsterdam, e outra, em Samatra, com séde em *Padang-Boelan*, á primeira incumbindo a direcção geral dos negocios e a venda dos productos, á segunda cabendo o serviço propriamente tecnico; que possuia mais duas propriedades, além dessa, em exploração na zona. *Padang-Boelan* tem 3.200 *bouws* (1 *bouw* = 7.400^{m²}), sendo que, annualmente, se cultivam apenas 400, ficando os mais em pousio (d'onde: cada 400 *boutos* gosa de sete annos de descanso); sua producção é de cerca de 4.000 *pikols* (1 *pikol* = 61,76 kg.) nos bons annos; o preço de venda do producto attinge, para os typos superiores, a 160 e 165 cents. (1 cent. = 1.25 réis ao cambio de 16 d.), com média superior a 100 cents., por 1/2 kilo; o numero de trabalhadores, em actividade, é de 1.000 (engajados unicamente; porque ha alguns instaveis, que se não computam neste calculo), comprehendendo 600 chins, 200 jáos, 150 mulheres e 50 kalingas.

Inquirindo ácerca do chim, como trabalhador, assegurou-me que possuia qualidades raras: para elle, não ha dia de descanso; trabalha, quotidianamente, desde as 6 da manhã até ás 6 da tarde, apenas com ligeira pausa ao meio-dia; é de uma resistencia e sobriedade ineguala-



ENFARDAMENTO DO FUMO



ENFARDAMENTO DO FUMO

veis; paciente e submisso (*sic*), realiza todos os trabalhos que lhe impendem, com perfeição.

Os chins contratam-se por tres annos e são, geralmente, engajados na propria China, onde vão procural-os os agentes dos plantadores de Deli.

Outr'ora, vinham de Singapura, mas, crescendo as exigencias dos capitães chineses dalli, organizou-se em Medan um *bureau*, que tem a seu cargo a introdução directa de *culis*.

Muitos destes ha que demoram, por largo tempo, nas fazendas; principalmente, os perdularios, que, em recebendo os saldos das respectivas contas, os desbaratam sem grande custo.

Commummente, o *culi* recebe de 8 a 12 dollars (o dollar ingles tem curso em Deli) por mês e accumula, em mão do administrador, o restante dos salarios (acontece tambem o contrario: *culis* ficam a dever aos patrões, e só vêm a pagar noutra safra), para receber concluida a expedição do producto.

Ha, porém, um flagello que acossa essa pobre gente: não é raro, em instantes, perder um chim, nas tascas de Medan, o ganhado num anno de fadiga!

Tive occasião de defrontar com uma casa de jogo desse genero, e horrorizei-me do spectaculo: parte ao ar livre, parte sob uma varanda, acogulava-se um ror de figuras semi-nuas, em que abundavam typos os mais estranhos e grotescos, premendo-se em torno de duas bancas, ou acoradas, umas sobre outras, á beira de um panno verde, estendido ao chão.

Os jogos, parece, variavam conforme os banqueiros: ver os esgares e posições deste pullulamento humano; a ancia dos desgraçados, na expectativa do resultado; o desespero dos que, tristemente, se retiravam delapidados! Que transformação soffria esse povo por excellencia fleumatico!

Deu-me a conhecer o sr. Kasteleijn as especialidades dos *culis*, pelas raças: os chins incumbem-se, propriamente, dos trabalhos cultu-raes, excepto a derrubada, quando ha matta, que é feita por jáos e bat-tas, e, tambem, manocam o fumo nos seccadoiros; os jáos constroem os seccadoiros, casas de assistentes, etc.; os *kalingas* escavam os *drenos*, trabalham nas estradas e guiam os carros de boi; as mulheres, emfim, fazem a escolha (em que tambem se empregam os chins, depois de ultimados os trabalhos de campo) e as médas para fermentação do fumo.

Isto não é absoluto: ha jáos no campo; chins, no armazem de fermentação; comtudo, nos generos que lhes são peculiares, mais sobresahe do que nos outros.

Em pouco tempo, avistamos o terreno, que estava sendo preparado para plantar-se em fevereiro do anno vindouro.

Era uma planicie que se desdobrava a perder de vista, com cerca de 400 *bouws* do área.

Muitos *culis* trabalhavam ainda, e, á simples vista, apprehendia-se o systema de preparar o solo.



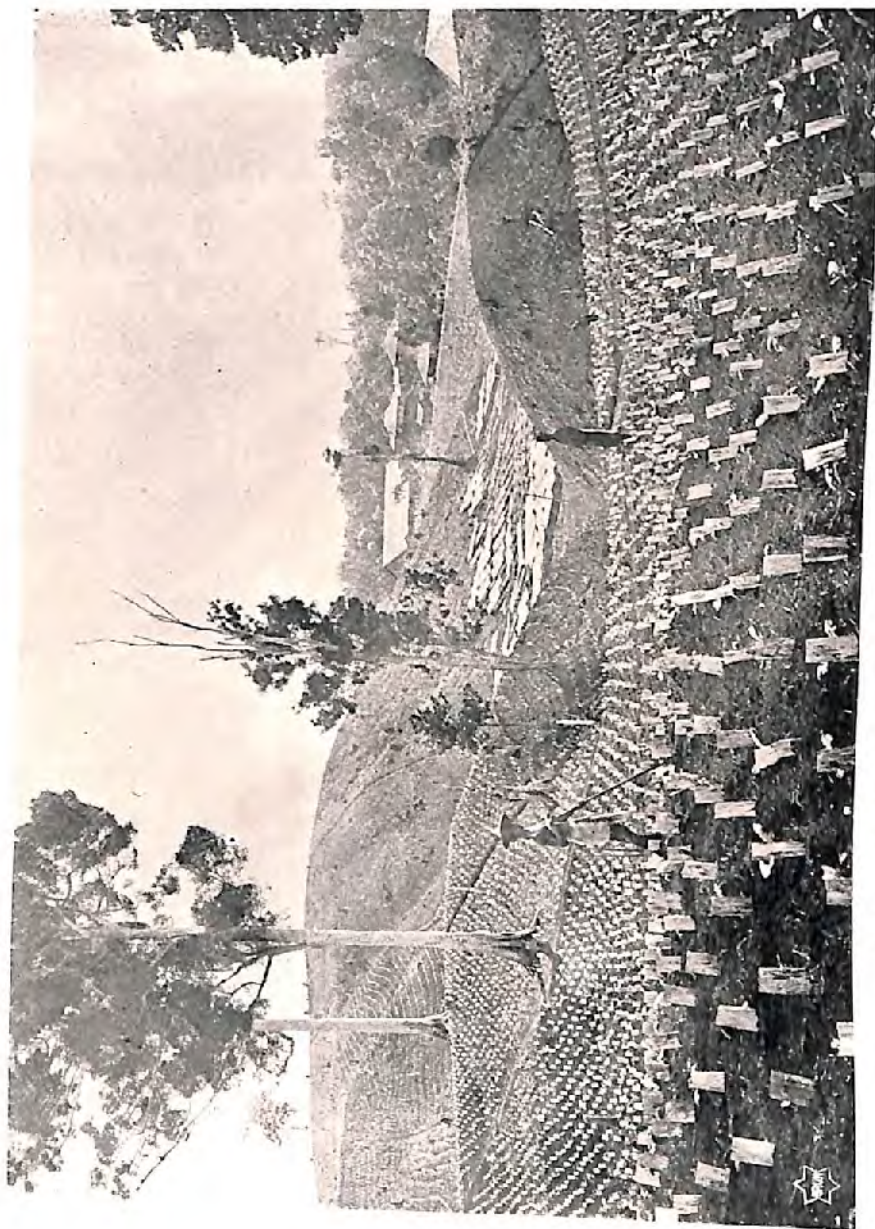
Transplantação de *bibits*. Casas da *culis*

Todo o trabalho é feito a enxada (*tjankol*), que differe da nossa na lamina de aço mais longa e espessa e, tambem, nas dimensões do cabo, aliás, variaveis entre chins e jáos.

Com tal instrumento, lava-se a terra na profundidade média de pé e meio.

A tarefa de cada *culi* orça por dous terços de *bouw*, os quaes lhe cumpre preparar e plantar, dispensando-lhes, desta phase por diante, todo o trato necessario até á colheita, que, por elle mesmo, é feita.

Paga-se, geralmente, por 1.000 pés de fumo, uma vez entregues as folhas no seccadoiro, a quantia de 7 dollars (10\$500 da nossa moeda), o que vem a ser por 1.000 folhas (cada pé, em média, dá quinze folhas uteis) pouco menos de 50 cents. Mediante taes preços, um trabalhador recebe, annualmente, de 120 a 150 dollars, o que monta a um



PLANTAÇÃO NOVA COM AS MUDAS RESGUARDADAS DO SOL.

total variando de 160 a 200 dollars, accrescidos os salarios percebidos por outros serviços.

Esta somma representa o fructo do trabalho de um anno, para os melhores e mais activos trabalhadores; alguns ha que não logram nem o terço.

A plantação de 400 *boutos* fica sob a immediata fiscalização de quatro assistentes europeus, cabendo a cada qual uma divisão de cem *boutos*, em cujo centro demora uma casa, que lhe serve de residencia durante a época da cultura.

Estes transmittem as ordens aos *culis*, por intermedio do *tandil* (chefe chinês) e do *mandoer* (chefe jáo), que são os unicos responsaveis pela boa marcha de todo o serviço no campo.

E', talvez, a razão dos felizes resultados dessa fecunda entrosagem o absoluto predominio de taes chefes sobre a respectiva grei; pois, ao que soube, mediante esse regimen, o manejo dos *culis* é mais facil que o da materia inerte (isto, de modo algum, implica a necessidade da existencia, alhures, de identica organização social, para o conseguimento de igual disciplina).



Campo plantado de novo, com o seccadoiro ao fundo

Contiguos ás divisões, elevam-se os seccadoiros, vastas construções, destinadas ao serviço de uma ou duas safras, no maximo, e,

por isso mesmo, feitas de bambú ou *djati*, com cobertura de palha e paredes de esteira.

Não se cuide, porém, que lhes falem resistencia e arte; ao revez, as obras de bambú, que vi, feitas por jáos, eram de maravilhar.

Que primoroso o portico que dava entrada ao seccadoiro onde penetrara! Este, interiormente, era amplo e de alta cumieira, descendo as duas aguas do telhado até cerca de 1^m,50 do solo; apresentava quatro filas de esteios de *djati* que, fincados no chão, supportavam, nos extremos superiores, as terças do telhado, não sem o conveniente engradamento, cujas linhas, da mesma feita, serviam de apoio ás pontas das varas, onde se penduravam as cordinhas de bambú, enfiadas em folhas de fumo.



Seccagem do fumo

Evita-se, o mais possível, que estas se toquem e, neste sentido, mantem-se rigorosa fiscalização para impedir que seja excedido o numero, fixado de accordo com a extensão das varas.

Existem innumeras janellas de basculo nas paredes lateraes, no intuito de arejar o interior do armazem, e, voltado para o poente, lanternim, no telhado.

Na parte superior das faces de frente e fundo, se deparam janelas de alçapão, que também servem de facilitar a circulação do ar.

Abrem-se as janellas uma vez por dia, durante as horas em que o ar se mostra mais secco, por espaço de duas horas, mais ou menos.

Em todo caso, este tempo varia conforme o estado hygrometrico do ar, a insolação e outros factores.

Taes miudezas, por parecerem comesinhas, não se desprezam; e aquelle que as olvidar, arrisca-se á desvalia do genero.

O fumo demora a seccar de 20 a 25 dias, segundo a classe das folhas.

Veda-se, radicalmente, o emprego do fogo para accelerar esta operação, evitar o mófo, que pôde sobrevir, quando o ar se torna excessivamente humido.

Tomam-se, sómente, as precauções mencionadas, que até hoje hão bastado.



Campo de fumo maduro

No campo, os assistentes procedem, igualmente, segundo a melhor ordem; primeiro, repartem as terras em *campos* de $\frac{3}{4}$ de *bouto* a um *bouto*, que distribuem, respectivamente, pelos *culis*; estes,

em recebendo a tarefa, entram logo a roçar e queimar o terreno, e, em seguida, fazem a limpa; então, aquelles marcam no terreno as linhas, ao longo das quaes hão de ficar os pés de fumo, mantendo entre si a distancia de pé e meio, enquanto para aquellas se guarda o afastamento de tres pés; isto feito, revolvem os *culis* toda a terra na profundidade de um pé a pé e meio, com o cuidado de abrir sulcos na direcção das filas, préviamente assignaladas.

Por tal fôrma, lavram, completamente, o solo, que vae soffrer a acção do tempo, maiormente das grandes chuvas de novembro, dezembro e janeiro, quando é, de novo, amanhado para ser plantado em fevereiro.

Todo o terreno, em via de cultivo, é, antecipadamente, provido de *drenos* descobertos primarios, secundarios e terciarios, cuja profundidade attinge, por vezes, a metro e meio, nos primarios, servindo o traçado delles, ao mesmo tempo, de fronteira ás varias divisões.

Este trabalho é, logo, feito em seguimento da roçagem, e, como se advertiu, não impende aos chins.

A sementeira é feita, á parte, sob a vigilancia da administração, e



Sementeira

cerca-se de desvelos excepcionaes, tanto no escolher as plantas que devem fornecer a semente, como no precatar as plantinhas contra toda in-

fluencia damninha (molestias, insectos, falta de humidade, excesso de luz ou calor, etc.), no escopo de conseguir individuos sãos e vigorosos, capazes de plena e perfeita evolução. O mês de janeiro é o da sementeira; no seguinte transplantam-se as *bibits* (nome dado aos pésinhos de fumo na sementeira); ao fim 50 a 60 dias, colhem-se as folhas de areia, e, successivamente, a regulares intervallos, as demais. Capa-se o fumo, logo que apontam os botões floraes.

Grande vigilancia é exercida sobre as plantas atacadas de qualquer molestia; trata-se, geralmente, com a calda bordalesa ou sulfato de cobre, sendo, porém, a regra extirpar da plantação, sem delonga, os especimes infectados.

As molestias principaes, tirante os estragos produzidos por insectos usuaes, são: o *peh-sim* ou a *molestia do mosaico*, commum á canna de assucar, cuja causa até hoje se ignora, que dá logar ao apparecimento de



Colheita no campo

manchas em fôrma de mosaico (d'ahi o nome), nas folhas; a *sgm-ziehte* ou *bibil-ziehte*, assim chamada porque persegue, principalmente, os pés de fumo, ainda no viveiro, paralygando-lhes o desenvolvimento; emfim, a gerada pelo *phytophthora nicotiana*.

Os estragos, devidos a estas causas, não sobem a grande monta, mercê das precauções observadas.

As folhas, tornando-me ao que dizia, são colhidas e arrumadas, cuidadosamente, em cestos chatos, revestidos interiormente de esteira fina e dotados de uma suspensão, que os mantem a cerca de 1^m,20 acima do solo; transportando-se, desta sorte, para os seccadoiros, onde são recebidas, contadas e distribuidas, segundo a classe a que pertencem (cada divisão do seccadoiro tem uma papeleta em que se registam a data de entrada das folhas, o typo, a quantidade, etc.) para a seccagem, que dura de 20 a 30 dias.

Finda a colheita, são os pés de fumo arrancados e amontoados para ser queimados, e aproveitar-se a cinza.

Em geral, não é de mister o emprego de adubos; o unico, algumas vezes usado, é o guano, que se applica na razão de 2 *pikols* por *bouw*.

A' plantação de fumo, succede, infallivelmente, a de arroz, feita pelos proprios *culis*, em proveito seu: é um direito que se reservam sobre a terra.

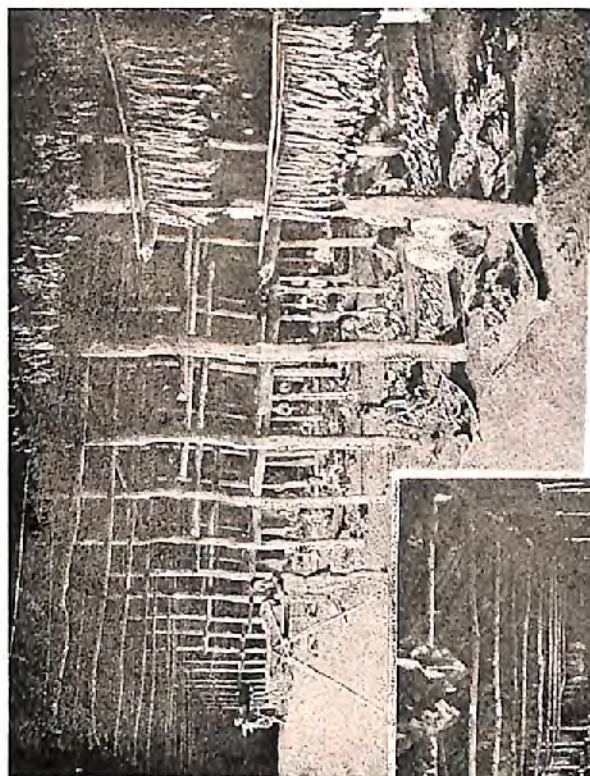
Eram bellos de ver os dous immensos campos, que se dilatavam, um ao lado do outro, numa extensão superior a tres kilometros; o solo amanhado, nem que colossal mancha, no mar de luxuriante verdura, que cobria toda a terra, mal se distinguia do terreno, onde vinha de ceifar-se o fumo: um já deixava, porém, medrarem, aqui e acolá, delicados pesinhos de arroz; o outro, ao revés, precatava-se de qualquer intrusão, esperando, em breve, receber a sagrada semente, o precioso fumo!

Segundo se infere das summarias notas apresentadas, que forcejarei por bem rematar, em me occupando de outras propriedades, o systema de trabalho rural (lavra, amanho, etc., do solo), em parte, não é muito para imitar, posto seja de louvar o methodo que lhe preside á execução. O habito de conservar a quasi totalidade das terras de cada propriedade em pousio, deriva da crença, assás generalizada em Deli, de que a *madureza* do solo é imprescindivel á bôa qualidade do fumo.

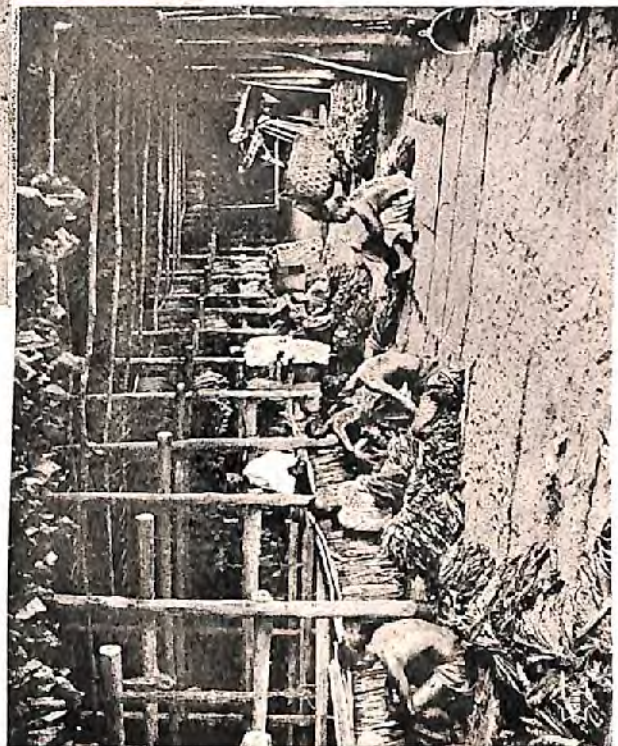
Importa, todavia, salientar que a «Amsterdam-Deli Mij» é a empresa que menos cura dessa regra, porquanto não leva o descanso além de 7 annos (em via de reducção conforme se viu), em contraste com outras, que o ampliam até a 19.

O regimen territorial, vigente na zona, parecia, no entanto, não dar ensanchas á applicação de tal pratica: as terras são havidas do sultão, acatado pela politica hollandesa, por *emphyteuse* (*erpacht*), durante 75 annos, mediante o pagamento de 1 a 3 *dollars*, annualmente, por *bouw*.

Voltámos do campo á praça onde se achavam as principaes construcções da empresa (escriptorio da administração central, hospital, *club*, residencia do medico, casas de assistentes, armazem de fermen-



MANOCAGEM DO FUMO NO SECCADOIRO



MANOCAGEM DO FUMO NO SECCADOIRO

tação, etc.), explicando-me, em caminho, o sr. Kasteleijn a condição dos empregados europeus na propriedade, e alli nos reunimos com o medico o Dr. Nascimento, que se haviam detido em visita ao hospital, (importante estabelecimento que póde conter mais de 200 doentes), para seguirmos até á residencia do administrador em chefe.

Observando a este que me pasmava a belleza dos jardins mantidos a rigor pela companhia, retorquiu-me com graça : isto faz haverem os *culis* mais cuidado e asseio no preparo do fumo, pois guardam dahi impressão de zelo.

Posto não destituida de razão a resposta, para mim, reflectia, apenas, a necessidade que os Hollandeses sentem de conchego, onde quer que se achem.

E este pensar mais se me arraigou no espirito ao penetrar no portico da casa senhoril, em que habitava o administrador com a familia.

Aguardava-nos sua senhora em companhia de duas outras amigas ; encantou-nos o acolhimento dispensado, como que, a proposito, para havermos a illusão de um lar amigo, onde se sabia proporcionar a forasteiros tal hospitalidade, que força era esquecer-lhes a insulação que os cerca, longe da patria.

MIGUEL CALMON DU PIN E ALMEIDA.

Iluminação pelo alcool

A luz por meio de combustão do alcool foi indicada por BASSET em 1857, mas desde que, devido á sua composição chimica, o alcool produz uma chama incolor, suas applicações permaneceram raras e era unicamente nos laboratorios que se serviam de luz ROBERT, até que em 1892 o DR. AUER resolvera de todo o problema da incandescencia, por meio de corpos estranhos á fonte calorifera e ENGELFRED realisava a sua primeira experiencia de gazeificação do alcool, produzindo luz por meio de uma lampada d'essencia de petroleo modificada por elle.

Dahi a bella industria que já transforma em luz brilhantissima, num simples candieiro, essa conquista, para bem dizer sublime, do calor diffuso nas cellulas vegetaes — o alcool.

A luz, seja ella produzida pelo *gas*, pelo acetyleno, pela electricidade, pelo kerozene ou pelo alcool, sempre é uma *mercadoria* que o consumidor procura obter pelo *menor preço* possível, havendo muito

pouco quem faça questão da *qualidade*, como, por exemplo, no caso da luz do kerosene, avermelhada e nauseabunda.

Do mesmo modo ninguém faz questão da nacionalidade do agente illuminativo *mais barato*: poderá ser norte-americano, como o kerosene, poderá vir da Europa, como o carvão de pedra e o carbureto de calcio, ou de qualquer procedencia, como as machinas que produzem a luz electrica; poderá ser brasileiro, como o alcool da nossa lavoura de canna, a mais bella das nossas industrias agricolas e a mais flagellada de todas, em cuja zona se estorcem combalidas mais de cem milhares de familias brasileiras sob as desgraças de uma crise economica que se encarregou de estabelecer aos nossos olhos o mais doloroso contraste entre a magestosa belleza dos nossos campos e o lastimavel aspecto das populações agrarias.

O consumidor só faz questão do preço; é unicamente o preço que lhe interessa.

A luz do alcool não produz substancias toxicas, nem fumaça, nem o cheiro desagradavel e ás vezes insupportavel do kerosene e do acetyleno; é, em summa, a mais hygienica. Todo o mundo vê, ninguém se anima a contestar, todo o mundo reconhece a superioridade natural da luz do alcool; mas ella é uma *mercadoria* como as outras luzes e o consumidor exige que ella seja a *mais barata*.

E é por ser a luz do alcool effectivamente a mais barata e *unicamente* por isto, que ella se constituiu rapidamente uma industria consideravel, principalmente na Allemanha, terra da electricidade, do gaz e do acetyleno, onde o kerosene tem profundas raizes na economia domestica, em quasi toda a Europa emfim, onde o valor commercial desses agentes de luz *não excede da metade do preço que elles têm no Brasil*.

Aqui no Brasil, onde não ha carvão de pedra em exploração para (*) se fazer *gaz*, nem minas de petroleo para se fazer *kerosene*, nem carbureto de calcio para se fazer *acetyleno*, nem industria metalurgica para se fazer o material da *luz electrica*, mas onde o cultivo da canna d'assucar se acha cercado de privilegios naturaes, as applicações industriaes do alcool têm um campo mais vasto para se desenvolverem e para se affirmarem:

1.º Porque nós possuímos a melhor materia prima e *podemos* produzir o liquido por menos;

2.º Porque nós o podemos vender por mais.

(*) O Brasil possui carvão e petroleo em abundancia, como provam os sabios trabalhos da Comissão Geologica do Estado de S. Paulo e a Comissão para estudo da bacia carbonifera brasileira, sob a direcção competentissima do Sr. Dr. Paula Oliveira.
— Nota da Redacção.

A razão é que, para *acompanhar* os preços do seu proprio mercado de carvão de pedra, de petroleo, de carbureto de calcio etc., a Allemanha vende o seu alcool desnaturado a um preço que nos corresponde a 150 réis por litro, calculada ao cambio de 15\$ por libra esterlina (16 pence por mil réis); ao passo que, para *acompanharmos* os preços correntes desses mesmos agentes de luz em nossas praças commerciaes, nós poderemos vender o nosso litro de alcool:

Pelo *duplo do preço* do litro de kerozene, quando se tratar de iluminação domestica por meio das pequenas lampadas ou bicos a alcool portateis, de 20 a 90 velas contra as melhores lampadas de kerozene á chama livre;

Por 138 % do preço do kilo do carbureto de calcio, quando se tenha em vista o emprego das pequenas lampadas ou bicos a alcool portateis, de 20 a 90 velas, em concurrencia ao *gaz acetyleno* queimado em bicos de chama livre;

Por 700 % do preço do metro cubico de *gaz* utilizado por meio dos melhores bicos a *chamma livre*, tendo-se em vista o emprego das pequenas lampadas ou bicos a alcool portateis, de 20 a 90 velas;

Por 150 % do preço do mesmo metro cubico de *gaz* transformado em luz por meio dos véos *Auer*, quando se tenha de empregar as pequenas lampadas ou bicos a alcool portateis, de 20 a 90 velas;

Pelo *duplo do preço* do *kilowatt-hora* electricidade transformada em luz por meio das lampadas incandescentes no vacuo, quando ainda se tenha em vista o emprego das pequenas lampadas ou bicos a alcool, portateis de 20 a 90 velas.

Ora, o valor commercial do kerozene, do carbureto de calcio, do gaz e da electricidade é presentemente, no Rio de Janeiro, o seguinte—para o consumidor:

Kerozene, litro	\$220
Carbureto de calcio, kilo	\$500
Gaz, metro cubico	\$263
Electricidade, kw. h.	\$500

Já, para produzir-se a iluminação por meio do alcool, custo correspondente ao preço de cada um desses agentes, por unidade de luz, o liquido nacional vale no Rio de Janeiro:

por litro :	{	\$440 em relação ao kerozene .	(chamma livre)
		\$690 » » » acetyleno .	» »
		1\$840 » » » gaz . . .	» »
		\$395 » » » gaz . . .	(véo Auer)
		1\$000 » » » a electricidade	(luz incandescente)

Quem isto achar exaggerado poderá verificar com a maior facilidade que em comparação com as melhores lampadas belgas a kerozene, das que gastam *um litro* desse oleo de cinco a seis horas, uma lampada ou bico *Stobwasser* a alcool, das que gastam um litro do nosso liquido em 12 horas, produz mais abundante e melhor illuminação. Em relação aos demais agentes de luz em causa, a comparação não é tão facil, mas as cifras abaixo justificam o enunciado.

ACETYLENO — Um kilo de carbureto de calcio de boa qualidade custa-nos 500 réis e deve produzir 300 litros de gaz a 7°,5 e esse gaz transformado em luz por meio de bicos a *chamma livre* deve produzir, na melhor hypothese, 43 carceis durante uma hora, sejam 12 réis por carcel-hora, o custo dessa luz no Rio de Janeiro.

GAZ — Um metro cubico custa-nos 263 réis e deve produzir :

Oito carceis durante uma hora, por meio dos bicos a *chamma livre*, Papillon, que são os mais adoptados ; sejam 33 réis por *carcel-hora* o custo dessa luz no Rio de Janeiro ;

40 carceis durante uma hora de illuminação, por meio dos véos *Auer*, sejam ; 7 réis por *carcel-hora* o custo dessa luz no Rio de Janeiro.

ELECTRICIDADE — Um kilowatt-hora custa-nos 500 e deve produzir 28 carceis durante uma hora de illuminação por meio das lampadas incandescentes no vacuo, sejam 18 réis por *carcel-hora* o custo dessa luz no Rio de Janeiro.

Quanto ás grandes lampadas electricas Arco-Voltaico, está claro que as pequenas lampadas ou bicos a alcool (portateis) de 20 a 90 velas não são appparelhos para lhes fazer concorrência ; mas as grandes lampadas a alcool enfrentam a lampada electrica — Arco-Voltaico — produzindo a luz mais barata.

A luz do alcool é entre todas a mais barata e a sua installação tambem o é.

MANOEL GALVÃO.

Escola Agrícola "Luiz de Queiroz", em Piracicaba

Ha 12 annos passados, um fazendeiro piracicabano, amigo do progresso e desejoso de dotar o seu Estado de uma escola agricola superior, offereceu ao governo de então, do qual fazia parte, como secretario da Agricultura, esse mesmo Dr. Jorge Tibiriçá, que occupa hoje a presidencia, offereceu, digo, uma fazenda de uns 320 hectares, a fazenda de S. João da Montanha, com a condição de que esse governo lhe restituisse 50:000\$ por elle despendidos em beneficiamentos, e que a escola conservasse o nome do doador. Tal foi a origem da *Escola Agrícola Luiz de Queiroz*.

Numerosas foram, porém, as peripecias pelas quaes teve ella de passar, antes de chegar á actual realisação.

O director contratado, engenheiro agronomo Léon A. Morimont, que iniciou logo os trabalhos da construcção, tinha-os planejado de tal fórma, que o governo seguinte, sem verba, os suspendeu, quando apenas vinham os alicerces sahindo da terra.

Em 1901, o Dr. Antonio Candido Rodrigues, então secretario da Agricultura, resuscitou o projecto, organizando, em ponto mais modesto, a escola agricola, que logo principiou a funcionar. Mas a falta de energia da direcção perturbou a marcha dos trabalhos, e o Dr. Luiz Piza já cogitava em reduzir ainda o programma, fazendo da escola um mero apprendizado agricola, quando o Dr. Jorge Tibiriçá (e junto com elle, o Dr. Carlos Botelho) tomou posse do governo do Estado de S. Paulo.

Com um secretario da Agricultura, como o Dr. Botelho, havia certeza de que o plano ideado por Luiz de Queiroz e aprovado pelo Dr. Tibiriçá havia de ter a sua plena realisação, e foi, com effeito, o que não faltou.

Sobre os alicerces abandonados cresceu, como por encanto, o edificio central, apenas modificado do primitivo desenho, emquanto que o posto zootechnico, transformado e adaptado ás exigencias da agronomia contemporanea, nascia, por sua vez, com as suas multiplas e pittorescas dependencias.

Quanto ao programma de ensino, uma reunião dos lentes, convocada pelo Dr. Carlos Botelho, permittiu elaborar um regulamento provisório, mas condigno de uma escola agricola.

Tal é, em poucas linhas, a historia da escola. O plano definitivo está ainda em via de realisação, mas tão adeantado que a nossa visita nos permittirá julgar perfeitamente da sua superioridade.

Edificado sobre um resalto, que domina ao longe a cidade e os arredores, o corpo da escola apresenta um pavilhão central e dous lateraes, ligados entre si por duas longas galerias assobradadas, ficando



o plano terreo occupado pelas aulas e laboratorios e o sobrado pelos dormitorios e administração. Mas merece uma visita mais detalhada.

Logo na entrada do pavilhão central, acha-se largo vestibulo, abrindo no fundo sobre o corredouro longitudinal que liga todas as repartições, e á direita, sobre a secretaria. Duas placas de bronze, engastadas nas paredes, lembram que o edificio foi construido sob a direcção do Dr. Washington Aguiar e Henrique Ribeiro, e sob o governo do Dr. Jorge Tibiriçá e do secretario da agricultura, Dr. Carlos Botelho.

Outra entrada monumental corresponde, na outra frente que dá para a horta e contém as escadas e a portaria.

No corredouro, encontramos, á direita, de um lado, as aulas particulares de cada um dos tres annos, e de outro, os laboratorios de chimica, organizados sobre os planos do Dr. Abelardo Pompeu do Amaral; á esquerda, de um lado, os laboratorios de botanica, microscopia e phytopathologia, organizados sobre os planos do Dr. Germano Vert, e do outro, a sala de physica e uma repartição separada, contendo as latrinas, duchas, banhos frios e quentes, e posto para vigilante.

O pavilhão lateral da direita contem a sala de estudos, o salão de desenho e mais umas repartições ainda indeterminadas; o da esquerda, a sala de jantar, com a copa, a cosinha e mais dependencias, e ainda algumas mais indeterminadas.

No sobrado, o pavilhão central, que sobresahe na photographia,

contêm a vasta e luxuosa sala da congregação, destinada ás ceremonias officiaes da escola, o museu, a sala do director, e, em secção independente, dando para a horta, uma enfermaria perfeitamente isolada. Os dous pavilhões lateraes, ligados com o centro por longo passadiço, encerrando os armarios da rouparia, contêm os dormitorios, cada um com 25 camarotes de duas camas, e o quarto do censor que communica com o andar terreo por escadaria independente, tendo, aliás, latrinas e lavatorios independentes.

Esse systema de camarotes independentes, junto com o de mesinhas de quatro, talheres independentes no refeitório, contribuem para tirar ao estabelecimento a sua apparencia de collegio medieval, para lhe dar decididamente a de instituto superior de ensino, no qual a dignidade dos estudantes está rigorosamente respeitada, a bem da seriedade dos estudos.

Por detalhada que seja a descripção, o que não se póde mostrar, mesmo com o auxilio da photographia, é o alto conforto, os minuciosos cuidados sanitarios e o plano pratico do serviço interno, tanto economico como pratico, que, sob a alta direcção do Dr. Carlos Botelho, que nada deixou passar sem estudar *de visu*, soube o Sr. capitão Henrique Ribeiro realizar, com o auxilio do Dr. Washington Aguiar.

Vasto parque esboçado, contendo elementos para estudo da arboricultura e jardinagem ornamental, além de *ground* apropriado



para *sports*, precederá a frente do edificio, cujos fundos dão para as hortas, horto botânico especial, campo de experimentação, estufas e

filtros de grande rendimento para agua potavel, sem contar um gazometro para fornecimento dos laboratorios, visto que toda a illuminação é electrica e superabundante.

Preciso relogio de torre occupa a lanterneta central, e, nos sub-solos vastos e arejados, acham-se os depositos diversos para laboratorios ou serviço economico.

Quando terminada a longa avenida, que, com o nome de Avenida Carlos Botelho, liga, em uma extensão de cerca de tres kilometros, as ruas centraes da cidade com a escola, o aspecto da escola justificará, logo de chegada, as suas legitimas pretenções de primeiro instituto agricola da America do Sul

E as mais repartições, que passamos a examinar agora, não deixarão de justificar ainda mais a classificação.

Não precisamos insistir sobre as casas do director e do administrador, construidas com todas as exigencias de conforto requeridas pelo clima, e de correcção, senão de luxo, pela natureza do estabelecimento. Examinaremos rapidamente o posto zootechnico, do qual, aliás, as photographias dão perfeita idéa.

No centro, a casa dos motores reúne em volta de si as numerosas dependencias.

E', na esquerda, a leiteria, construida com todo o esmero, contendo uma collecção completa de todo o aparelhamento da actual pratica scientifica de lacticinios, com a competente galeria.

Na direita, os machinismos de beneficiar o algodão, o arroz, o milho e as forragens ficam rematados pelo paiol, cuja construcção original, sob planos do Sr. Henrique Ribeiro, sobresahe bastante no *cliché* para se poder julgar da sua perfeição.

Um silo cylindrico, construido segundo as regras mais modernas, deve-se levantar, qual torre de ameia, em frente á repartição das forragens, para aproveitar a visinhança e servir de laço de união com as estrebarias, que se estendem em linha parallela, a alguns metros em baixo.

Alli, achamos, em primeira fileira, as *boxes* para animaes de serviço e em cima, o deposito de forragens. Em segunda linha, as *boxes* para reproductores, e, em avançada, a mangedoura dos bois de lavoura e vaccas leiteiras, do systema do Dr. Carlos Botelho. No ultimo plano, as estrumeiras.

Independentes, sobre a direita, encontramos um vasto deposito para machinas de lavoura, e, parallelamente, o aprisco e a possilga, ligados com o centro do posto zootechnico por uma linha Decauville.

As casas para o pessoal de serviço vêm em seguida.



de Queiroz

Uma descripção detalhada dessas diversas repartições importaria em um verdadeiro curso da technica de construcção rural. Todos os aperfeiçoamentos conhecidos foram nellas aproveitados, alguns mesmo modificados com todo o cuidado, segundo as necessidades locais, de accordo com a longa e provecta pratica do Dr. Carlos Botelho, que teve a felicidade, em tão ardua tarefa, de encontrar no capitão Henrique Ribeiro, cujo nome tem de voltar forçosamente a cada instante, nesta descripção de uma obra, que, pôde-se dizer, é em grande parte sua, um collaborador intelligente e incansavel, de modo que, si a cabeça bem planejou, o braço tão bem realizou.

Falta apenas, para completar o plano definitivo, a construcção de algumas casas para lentes, já projectadas, que completarão decididamente a semelhança do novo instituto com os congeneres norte-americanos, mais colossaes, mais *mammoth*, na verdade, por causa dos milhões de dollars prodigalizados, dos quaes o nosso Brasil não pôde, infelizmente, dispor ainda, pelo menos eguaes, porém, no aproveitamento scientifico.

Do plano de estudos, ainda não se pôde adiantar nada de definitivo, visto como foi commissionedo o Dr. Dutra para estudar, nos dous continentes, as modificações que o tornassem digno do material a elle destinado. Não haverá, comtudo, mudanças bem profundas, e já podemos dizer alguma cousa a respeito.

O curso divide-se em quatro grãos, respondendo, respectivamente, a cada um anno de estudos. O primeiro, essencialmente pratico, destina-se a formar cultivadores habilitados a aproveitar os recursos das suas pequenas ou médias propriedades, e, mais especialmente, a preparar, com os filhos de colonos, a nossa futura geração de lavradores adeantados.

O segundo, insistindo mais sobre a theoria, destina-se a formar administradores intelligentes, habilitados para lidar com as materias scientificas, com as quaes tem de se ajudar a nossa cultura intensiva.

O terceiro completa o ensino superior de agronomia, tanto na theoria como na pratica, preparando moços verdadeiramente instruidos em tudo quanto diz respeito ás questões da sciencia agricola actual.

O quarto emfim, comparavel com a defesa de these dos doutorandos, é um ensino recapitulativo, livre, só destinado aos poucos estudantes que alcançarem média superior nos tres grãos, especializado em materia escolhida, e destinado a preparar candidatos para o ensino profissional ou os altos cargos agricolicos do governo.

Tal é, no seu conjuncto, o plano delineado pelo Dr. Carlos Botelho, na conferencia á qual alludimos no principio, e ao qual não julgamos que se façam grandes alterações.

Seja como fôr, e mesmo sem prejudgar do futuro, pôde o Brasil orgulhar-se de possuir tal estabelecimento de ensino superior da sciencia agronomica, que sahe, um tanto, do nosso costumado trilho de mandarinato theorico e tem mais promessas para a futura prosperidade de todos.

Piracicaba, 7 de agosto de 1906.—Dr. *Germano Vert*.

Exposição de Apparelhos a Alcool

(PROMOVIDA PELO CENTRO ECONOMICO DO RIO GRANDE DO SUL)

Exm. Sr. Dr. Wenceslão Alves Leite de Oliveira Bello, DD.
Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura.

Cumprindo as vossas ordens, tenho a honra de vos apresentar este relatorio dos serviços feitos durante a EXPOSIÇÃO DE APPARELHOS A ALCOOL, promovida pelo Centro Economico e levada a effeito pela Sociedade Nacional de Agricultura, com o patriotico intento de vulgarisar as APPLICAÇÕES INDUSTRIAES DO ALCOOL.



Commissão promotora da Exposição

Antes de vos relatar os serviços realizados, cabe-me a satisfação de vos affirmar que a patriotica iniciativa do Centro Economico foi coroada com o maior successo, dando os mais satisfactorios resultados praticos, como vereis no presente relatorio.

Conforme estava annuciado, inaugurou-se com a maxima solemnidade, no dia 24 de maio do corrente anno, a EXPOSIÇÃO DE APPARELHOS A ALCOOL, em boa hora promovida pelo Centro Economico.

A's 7 1/2 horas da noite deu entrada pelo jardim do edificio e estacionou na secção das machinas e motores o automovel a alcool, de propriedade do expositor Nicoláu Grecco. Vinham neste automovel o Exm. Sr. Dr. Borges de Medeiros, DD. Presidente do Estado, seu secretario, seu ajudante de ordens, acompanhados do Sr. Dr. Eurico de Oliveira Santos, activo e illustrado vice-presidente do Centro Economico.

Recebidos pela commissão organizadora do patriotico certamen, dirigiram-se para a sala das solemnidades, onde o Dr. Eurico dos Santos, depois de pronunciar eloquente discurso allusivo ao acto, deu a palavra ao venerando Sr. Dr. Alvaro Nunes Pereira, presidente da commissão organizadora da Exposição, que em reflectido e patriotico discurso lamentou a ausencia do Exmo. Sr. Dr. Timotheo Pereira da Roza, presidente do Centro Economico; fez longas e judiciosas considerações sobre a agricultura, a fabricação do alcool e a sua applicação ás industrias; referiu-se em termos lisongeiros ao Exm. Sr. Dr. Borges de Medeiros, á Sociedade Nacional de Agricultura, á representação no certamen, fallando com profundo conhecimento do que se ha feito nesses ultimos tempos a bem das nossas industrias agricolas e pastoris, e terminou pedindo ao Exm. Sr. Presidente do Estado para inaugurar a Exposição.

Levantou-se o Exm. Sr. Dr. Borges de Medeiros e disse:

« Está inaugurada a EXPOSIÇÃO DE APPARELHOS A ALCOOL .»

As innumeradas pessoas que assistiram ao acto, na maior parte agricultores e industriaes, começaram a visita á Exposição.

Para vos patentear o interesse que despertam no Rio Grande do Sul estas questões de real utilidade, relato que, entre entre as innumeradas pessoas presentes e que apresentaram cumprimentos ao venerando Sr. Dr. Alvaro Nunes Pereira, achavam-se todos os representantes do Governo, da Municipalidade, do Commercio, das Escolas superiores e da Imprensa, que foi incansavel na vulgarisação dos trabalhos que eram feitos diariamente.

Para vos mostrar tambem que a Exposição não se limitou somente ao meio porto-alegrense, aqui nomeio as diversas Municipalidades que se fizeram representar: Taquara, Jaguarão, S. Gabriel, Pelotas, Alegrete, São Sepé, Cachoeira, Camaquan, Bagé, Julio de Castilhos, Rio Grande, Uruguayana, Soledade, Rozario, Santo Amaro, Dôres de Camaquan, Cangussú, Santa Maria e outras, cujos nomes não

me acodem á memoria. Tambem se fizeram representar o « Centro Gabrielense », de S. Gabriel ; « Sociedade Pastoril », de Jaguarão ; « Sociedade Agricola de Pelotas », « Associação Rural », de Bagé ; « Sociedade Agricola », de Uruguayana ; e « Sociedade Agricola », de Santa Maria.

Era geral o contentamento das innumeras pessoas que admiravam as secções artisticamente dispostas sobre extensas mesas cobertas com as cores da Republica.

As diversas secções, organizadas pelo zeloso empregado desta Sociedade, o Sr. Joaquim de Freitas Lima, de accôrdo com a commissão organizadora da Exposição, estavam distribuidas da seguinte fôrma :

1ª SECÇÃO :apparelhos de illuminação. — Lampadas de suspensão e grande força illuminante, lampadas portateis, lampeões para



Secção da Sociedade Nacional de Agricultura

centro de mesa, bôjos, globos, arandelas, chaminés, véos, torcidas, bicos e mais accessorios.

2ª SECÇÃO :apparelhos de aquecimento. — Fogões, fogareiros, estufas, ferros de engommar, etc.

3ª SECÇÃO :apparelhos-motores. — 1 motor de 6 cavallos, accionando um prélo onde era impresso o jornal « A Exposição » e que gerava electricidade para illuminação da secção das engommadeiras ; 1 automovel ; varios modelos de lanchas, machinas e motores ; 1 lancha (fóra do recinto).

4ª SECÇÃO :apparelhos productores.— Distilladores de varios tamanhos e systemas.

5ª SECÇÃO :variada. — Ventiladores, banheiras e innumerous objectos de utilidade domestica.

6ª SECÇÃO: officina de engommar com ferros a alcool.

Além destas secções de apparelhos a alcool, occupavam outros salões as secções de flores, fructos, sementes, etc.

A Directoria do Centro Economico fez distribuir pelas pessoas presentes um folheto do Dr. Alvaro Nunes Pereira, intitulado EXPOSIÇÃO DE APPARELHOS A ALCOOL, onde são estudados com profundo conhecimento a « fabricação do alcool », o « alcool desnaturado », o « commercio do alcool na Allemanha », os « apparelhos de illuminação a alcool », os « apparelhos de aquecer », os « apparelhos-motores », os « barcos automoveis », os « motores fixos », os « motores locomoveis » e as « ultimas applicações do alcool »; a primeira parte deste completo trabalho do emerito presidente da « Exposição » é terminada por um irrefragavel paralelo entre o « alcool e o petroleo ou kerozene »; deste trabalho resaltam todas as vantagens do alcool. Na segunda parte do folheto o illustrado Dr. Alvaro estuda ainda o « preço do alcool industrial, as installações para distillação, o alcool e a cultura dos campos, o alcool e a pecuaria, o alcool e os syndicatos proffissionais agricolas ».

Este utilissimo trabalho é terminado com as seguintes palavras de um philosopho chinez:

« A prosperidade publica é semelhante a uma arvore: a agricultura é a sua raiz, a industria e o commercio seus galhos e folhas. Quando a raiz soffre, as folhas cahem, os galhos se desprendem e a arvore morre ».

O Dr. Alvaro Nunes Pereira, consciente de que o extraordinario progresso do Rio Grande do Sul é devido em grande parte ao desenvolvimento das suas industrias agricolas e pastoris, lembra que as diversas Municipalidades do Estado devem gravar essas palavras « em lettras de ouro, sobre todas as paredes das escolas ».

Quasi posso affirmar que este desejo do venerando presidente da Exposição traduz perfeitamente o desejo de todos os riograndenses, de ha muito convencidos que só o completo aproveitamento da terra determinará a completa civilisação dos povos. E a prova desta minha asserção está na grande frequencia, que sempre teve a Exposição, a despeito dos festejos populares que se realizaram na mesma occasião em homenagem ao Espirito Santo. Homens e senhoras trocavam as musicas, os fogos e as luzes da Praça da Matriz pelo recinto severo da

Exposição de aparelhos a alcool, onde consumiam horas e horas indagando com extremo interesse o funcionamento deste ou daquelle aparelho, mostrando-se realmente encantados pelo trabalho das engommadeiras, pelo asseio dos fogões e fogareiros e pela hygiene e promptidão dos aparelhos geradores de luz.



Motor a alcool

Todo esse interesse, porém, da parte dos riograndenses nada valeria, si ao lado delle não apparecessem os innumerados resultados praticos que passo a narrar :

Como sabeis, todos os aparelhos expostos pelos Srs. Manoel Gomes & C. e J. M. Camanho foram disputados fortemente pelos compradores e muitos aparelhos da Sociedade foram cedidos como emprestimo. Cabe lembrar aqui o que succedeu com a lampada « Sol », que chegou a ter 50 pretendentes ! Emfim, sobem ao n. 150 os aparelhos vendidos pelos expositores e as encomendas feitas por intermedio desta sociedade sobem ao n. 140. Quer isso dizer que são utilizados em Porto Alegre, na presente data, 150 aparelhos consumidores de alcool e que, em menos de um mez, este numero será elevado a 350 ou 400, o que vale dizer que em poucas semanas só Porto Alegre consumirá 400 litros de alcool industrial por noite.

Cabe lembrar aqui que o Centro Economico e a Municipalidade, á imitação da Sociedade Nacional de Agricultura, vão organizar exposições permanentes de aparelhos a alcool.

Como resultado pratico e exemplificador, informo-vos que o illustre intendente de Porto Alegre vai ordenar a substituição do acetyleno

pelo alcool em todos os postos da assistencia publica e demais secções da Municipalidade, até agora illuminados a kerozene.

E' de crer, pelo numero de clubs, casas commerciaes e particulares que têm adoptado as lampadas a alcool, que em breve o acetyleno e o petroleo desapparecerão de Porto Alegre e suas redondezas.

Não foi tambem inutil a visita dos intendentes de varios municipios, pois todos se retiraram satisfeittissimos com a luz pelo alcool e resolidos a adoptal-a nos municipios que administram.

Não é de extranhar que em breve estejam realizados esses desejos, pois é de um dos intendentes, que visitaram a Exposição, esta phrase que vou citar, por julgal-a grandemente patriotica :

— EMBORA MAIS CARO, NOS CONVÉM, PORQUE É NOSSO E EM BREVE, COM O INEVITAVEL E PATRIOTICO AUGMENTO DO SEU CONSUMO, VALERÁ MUITO MENOS.

Creio não haver necessidade de mais citações para vos convencer de que um povo que tem phrases como a transcripta acima, é capaz de fechar em poucos mezes os seus portos ao asqueroso petroleo, dando mais uma



Automovel a alcool

vez o exemplo e mais uma vez mostrando o quanto podem a iniciativa e o trabalho.

Quanto aos SYNDICATOS AGRICOLAS, tenho a vos informar que são hoje uma realidade no Rio Grande do Sul, isto devido aos grandes esforços dos Exms. Srs. Drs. Borges de Medeiros, Alvaro Nunes Pereira, do Centro Economico, do illustrado Dr. Eurico de Oliveira Santos e do

incansavel major Euclides Moura, que é um dos mais activos propagandistas dos syndicatos no Rio Grande do Sul.

Cabe-me ainda a satisfação de vos relatar que a idéa por mim levantada na conferencia que tive a honra de fazer sobre os syndicatos profissionais agricolas, (a união dos syndicatos do Rio Grande ao Centro Economico e a deste ao Sindicato Central do Brasil, com sede na Capital da Republica), foi geralmente aceita e com particularidade pelo emerito Sr. Dr. Borges Medeiros, pelos membros do Centro Economico e por todas as pessoas que se interessam pela união dos agricultores brasileiros.

Peço-vos, portanto, fazeis com que a Sociedade, em correspondencia com o Centro Economico, abrevie a realização desse desejo grandemente patriótico, pois traduz perfeitamente o ideal que tinham em mente os membros do Congresso Federal, quando votaram a verba para a propaganda dos syndicatos agricolas no Brasil.

Quanto ao desempenho da commissão a mim confiada pela Sociedade Nacional de Agricultura, tenho a dizer que realizei uma conferencia sobre a nossa crise assucareira, onde mostrei a impossibilidade de qualquer exportação vantajosa para os nossos assucares e onde demonstrei que a unica solução para semelhante mal está no alargamento do consumo interno desse producto e na applicação de sua materia prima restante no fabrico do alcool industrial. Na minha segunda conferencia estudei o alcool em geral, o alcool desnaturado, o alcool carburado, varios desnaturantes, varios carburetantes, confrontei o petroleo com o alcool, mostrando scientificamente as vantagens deste e as desvantagens daquelle e terminei delineando um meio pratico de o vulgarizar com rapidez em todo o Rio Grande do Sul. Na terceira conferencia estudei a origem e os fins dos syndicatos agricolas, analysei as suas vantagens sob o ponto de vista economico, moral e social, mostrei como dos syndicatos nascem as caixas de credito, fiz sentir as vantagens que offerecem aos agricultores, principalmente aos pobres, os diversos paragraphos das caixas de *Raiffeisen* e terminei propondo a união de todos os syndicatos do Rio Grande ao Centro Economico e a deste ao Sindicato Central com sede na Capital da Republica.

Rematando este relatorio, cumpro o grato dever de manifestar o meu sincero entusiasmo pelos grandes progredimentos que os riograndenses têm realizado sob todos os pontos de vista.

Mais uma vez peço que a Sociedade Nacional de Agricultura manifeste os seus agradecimentos pelo acolhimento gentil dispensado ao seu commissionedo e aos seus empregados pelo Exm. Sr. Presidente do

Estado, pelo emerito Intendente, pelos membros do Centro Economico, pela imprensa e pelo povo de Porto Alegre.

Saude e fraternidade. — Rio de Janeiro, 12 de julho de 1906. —
Alfredo de Sarandy Raposo.

O Cultivo Mecanico do Cafeeiro em S. Paulo

OPINIÃO VALIOSA

Conhecendo esta fazenda desde 1894, quando della era proprietario o meu amigo coronel Ig. G. M. de Barros, de saudosa memoria, sendo lavrador ha mais de 20 annos e tendo administrado por mais de 10 annos fazendas importantes de café, faltaria ao cumprimento de um dever, si deixasse de registrar neste livro o entusiasmo e admiração de que fiquei possuido, quando, commissionedo pelo Dr. Secretario da Agricultura, a visitei no principio do corrente anno.

Pois vi *talhões de café* que antigamente não passavam de um amontoado de varas, desfolhados e quasi em abandono por falta de producção, transformados completamente, com seus caféeiros frondosos, verde-negros e admiravelmente preparados para carga; tudo isso devido aos esforços do Sr. Luiz Bueno de Miranda, que, com as modificações de seu invento, soube, de uma maneira admiravel, aproveitar, para o serviço perfeito dos campos, os cultivadores *Acmé* e *Weeder*, os quaes, depois de passados pelas referidas modificações, foram pela commissão de que tive a honra de fazer parte denominados — «Antonio Prado» e «Luiz Bueno». Felicitando ao Sr. Luiz Bueno e aos seus dignos auxiliares pelos satisfactorios resultados obtidos, assigno-me

HENRIQUE RIBEIRO (*)

Director da Fazenda Modelo annexa á Escola
Agricola de Piracicaba.

(*) NOTA DA REDACÇÃO. O Sr. Major Henrique Ribeiro é um agricultor adeantadissimo. Administrou intelligentemente uma das fazendas do Sr. Conselheiro A. Prado; dirigiu outras empresas deste senhor; organizou a *Fazenda Modelo* annexa á Escola de Piracicaba, sendo actualmente director da Immigração do Estado de S. Paulo.
E' competente, tanto quanto laborioso e honrado.
Tem, pois, grande valor o que affirma.

O Commercio de Fructas Frescas

O nosso zeloso Consul em Southampton, o Sr. Dr. José M. de Moraes Barros, no patriotico empenho de concorrer para que se estabeleça de vez o commercio de fructas frescas do Brasil com a Inglaterra, dirigiu a seguinte interessante carta á redacção do *Jornal do Commercio*, de quem, *data venia*, a tomamos para as nossas columnas :

« Convindo que o Brasil possa concorrer com os productos do seu sólo para a riqueza publica e que, por outro lado, possa auferir vantagens em concorrência com os mercados estrangeiros, faz-se necessario que, no tocante á *exportação de fructas*, sejam traçadas as seguintes linhas geraes para a consecução de semelhante *desideratum* :

1) A remessa, a titulo gratuito, das amostras das diversas especies fructíferas de melhor qualidade e escolha, afim de serem comparadas com as identicas de outras procedencias. E' preciso que os interessados tenham bem em mente que devem ser rigorosamente observadas as instrucções que foram publicadas no *Diario Official* de 7 de março do corrente anno.

A experiencia que temos obtido e as informações colhidas autorizam-nos a prever uma franca acceitação das nossas fructas nos mercados europeus e uma fonte inexgotavel de riqueza.

Essa remessa de amostras ao mercado de Londres deve ter logar entre os mezes de outubro a abril, época esta a mais propicia para a venda, nos mercados da Europa, das fructas tropicaes, e esperamos que dahi em diante, com bases, poderá ser iniciado definitivamente esse commercio.

Toda e qualquer pessoa que actualmente desejar tentar essa empreza não póde esperar lucro algum. E' sabido que o inicio de um commercio qualquer, e principalmente aquelle que vai concorrer com outros já notoriamente conhecidos, luta com a difficuldade de tornar conhecida a sua mercadoria e como tal só adquirirá renome depois que se tiver sujeitado a perdas e damnos, que em parte são arrolados, parte com reclames e parte por inexperiencias.

A remessa de fructas, como já ficou dito, mas que convém repetir, deve ser feita actualmente a titulo de experiencia, isto é, a fundo perdido e já não é sem vantagem para quem aspirar esse novo ramo de exportação o gentil offerecimento da Mala Real Ingleza, que deve ser usado, mas não abusado.

2) E' urgente que seja immediatamente iniciado o plantio, em grande escala, das nossas especies fructíferas, pois que é evidente que só

póde ser exportado o excedente do consumo nacional, e nestas condições a quantidade determinará o minimo preço, afim de poderem ser vendidos os outros mercados congeneres ou pelo menos ser preferida a nossa mercadoria pela excellencia de seus primores e capricho no seu acondicionamento.

E' preciso não ser esquecido que a plantação deve ser feita nas proximidades dos portos onde possam ser embarcadas as fructas, o que é de inteira comprehensão.

3) E' de magna importancia conseguir-se do Congresso Nacional a lei que autorizará a entrada de madeira destinada á confecção das caixas de embalagem de fructas livre de direitos aduaneiros, pois que o pinho branco, que é o que se presta ao caso em vista, não é encontrado com facilidade em nossas mattas, e quando se o encontra, não se tem logo á mão uma serraria, nem tão pouco estrada de ferro, além da carestia do trabalho manual, que mesmo assim nem sempre se encontra quem o faça, custe o que custar. E' esta a informação justa e sensata de um aspirante ao commercio de fructas com o estrangeiro.

Sem aquella idéa aventada acima, têm sido enviadas caixas á razão de 7\$140 cada uma, contendo uma média de 150 laranjas. Si juntarmos a isso as despesas addicionaes de frete, despacho, conducção para bordo e porcentagem do prejuizo pela especialidade da mercadoria, nenhum exportador conseguirá obter resultado vantajoso, vendendo, por exemplo, cada laranja por dous dinheiros, preço este o melhor obtido ultimamente neste mercado pelas superiores laranjas da Bahia.

Ao passo que a entrada do pinho branco do Canadá ou da Suecia e Noruega como se servem as Antilhas, em taboas preparadas e já cortadas nas dimensões necessarias, promptas ao fabrico das caixas destinadas áquella exportação, produz um gasto médio de um shiling a um shiling e seis dinheiros por caixa.

4) Não se poderia pretender attingir aos maiores resultados que se devem ter em vista neste assumpto, si os altos poderes da nação não vierem em auxilio com a criação e subvenção de uma linha regular de vapores nacionaes, que, devidamente arrançados para esse fim, se prestem a esse commercio e ao de outros, como notoria se faz a necessidade desde muito e vai crescendo de dia para dia, á medida que o Brasil, se colloca como concorrente ao lado das outras nações. Continuar-se na dependencia de companhias de vapores estrangeiros, todas mais ou menos filiadas a *trusts* commerciaes, é presagiar-se um pouco interesse nos nossos productos e um augmento de frete.

Agora, que o nosso Lloyd crêa uma frota bem regular, poderiam os Estados productores, taes como Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro,

Minas, S. Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, vir em auxilio dessa companhia ou de qualquer outra que se formar.

Esses vapores, encarregando-se de depositar os nossos generos nos portos de Lisboa, Cherburgo, Southampton e Hamburgo, nos fariam tambem, por outro lado, mais conhecidos do velho mundo.

São essas as considerações a que nos guiou o patriotismo, e esperamos que ellas encontrem echo no seio das collectividades dirigentes, cumprindo que cada individuo de per si, que aspirar o bem geral e particular, se inteire do conteúdo dellas.»

DR. J. M. DE MORAES BARROS.

Carta Agricola

AO SR. LUIZ BUENO DE MIRANDA SOBRE O APROVEITAMENTO DOS CAMPOS NATIVOS NA REPUBLICA ARGENTINA

I

Caro Amigo e Senhor.— Veiu-me ás mãos um trabalho assignado pelo engenheiro agricola, Sr. Alfred Pollet, o qual, tratando da economia rural argentina, mostra as importantes vantagens que os nossos visinhos têm tirado dos seus cerrados e campos nativos. Lendo-o, tive as vistas voltadas para S. Paulo e recordei-me das longas palestras que varias vezes sustentámos em torno de identico assumpto. Dedico-lhe, pois, a presente versão do trabalho do meu illustre collega, que, como V. S., tambem administra vastas propriedades ruraes, as delle em Venado Tuerto, na Republica Argentina. Depois desta, mandar-lhe-hei nova missiva referente ao aproveitamento dos campos e cerrados paulistas, situados em redor das fazendas cafeeiras. Dir-lhe-hei em publico e em letra de forma aquillo mesmo que de sobejo conhece sobre a minha maneira de encarar a economia rural de S. Paulo, assentando-a sobre a cultura essencialmente paulista do café, amparado na industria pastoril e na colonisação, o que V. S. já vai realisando, graças á merecida confiança que em si depositam o Exm. Sr. conselheiro Prado e seus dignos consocios.

Diz o Sr. Alfred Pollet.

Pouco valem os campos nativos da Argentina para a criação, isto devido á sua pobreza, pois, em media, fóra das confluencias dos rios, são precisos 340 ares (duas quadras) para o sustento de um vaccum. Os

campos são todos fechados por cercas de arame farpado e postes de quebracho. Os campos *duros* (nativos) compõem-se de pequenas arvores esparsas (*matas*) e de capim bravo (*pastos*) duro e amargo. Os animaes vivem nelles, e mal, durante a epoca das chuvas, isto é, de dezembro a maio exclusive; porém dahi em diante os coitados dos irracionaes que lá ficam deixam-lhes as carcaças.

Certos criadores, porém, melhoraram os seus campos *duros*, pisoteando-os com grandes manadas *apertadas* ou *emboladas*, segundo a nossa pittoresca expressão boiadeira. Quando bem *pisoteado* (sovado) um ponto, vão para outro e assim seguidamente até se pisotear o campo todo.

Depois de bem *pisoteado* ou batido, o campo torna-se *mestizo*, isto é, misturado de capim *duro* com algumas forragens macias e saborosas. Si, porém, repetirem o pisoteio outra vez sobre o campo *mestizo*, este vira campo *tienro* ou macio, acabando o capim duro e apparecendo as gramineas forrageiras: o trevo, a luzerna e outras boas especies.

Foi assim que se crearam as famosas pastagens da provincia de Buenos Aires e isto quando os animaes tinham pouco valor, porque, assim amontoados, morriam ás centenas, devido ás pestes e á falta de alimento. Com isto pouco perdia o *estancieiro*, porque retirava o couro, que era o que valia do animal. Naquelles tempos o couro valia $\frac{3}{4}$ do valor total do animal, emquanto que hoje vale apenas $\frac{1}{5}$. O pisoteio servia para estercar o chão com as dejectões e restos cadavericos e concorria para a disseminação das boas forragens, cujas sementes iam de envolta com os excrementos animaes.

O systema de pisoteio tende a ser completamente abandonado, devido á qualidade e valor do gado nos presentes tempos. Hoje em dia, só os velhos carranças é que ainda o praticam; quanto aos outros *estancieiros*, em geral, estes preferem gastar mais um pouco de dinheiro e converterem promptamente os seus campos duros em succulentos *alfalfaes*; pois estes valem cinco vezes mais do que o campo *duro* e duas vezes mais do que o campo *tienro*. As pastagens argentinas decuplicaram de valor de 20 annos a esta parte: assim a legua quadrada de *pasto*, que custava ha 20 annos 20.000 pesos, vale actualmente 250.000. Outro excellente exemplo digno de nota é o da sociedade belga-argentina, cujo capital realisado, sendo de 750.000 francos, ha apenas alguns annos, vale hoje 2.500.000.

Fallemos das culturas propriamente ditas. Podem ainda deixar algum lucro, mas um tanto arriscado, razão por que não tenho por ellas

grande entusiasmo. Em primeiro lugar os arrendamentos ruraes são elevadissimos, pagando o arrendatario ao proprietario ás vezes até 20 % do producto bruto, o que equivale a 20 pesos por quadra (170 ares), admittindo-se a producção de 1.500 kilos de trigo por quadra e o preço de venda de 6 a 7 pesos por 100 kilogrammas.

E' intuitivo que só quem faz tudo por suas proprias mãos é que pode ganhar alguma cousa. A mão de obra é carissima: um arador ganha 50 pesos mensaes, com casa e comida; durante a colheita os salarios sobem a 5, 6 e 7 pesos diarios!

Criam-se os alfafaes de differentes maneiras, mas na provincia de S. Luiz, por exemplo, dá-se uma primeira lavra de dezembro a maio, depois uma gradagem e semeia-se de maio a setembro e nova gradagem após a sementeira e a alfafa suspende-se.

Estou realisando grandes serviços em Buena Esperanza, onde semeiei o anno passado 2.500 hectares á razão de 10 pesos o hectare. Tenho sob minha direcção 12 charrúas de 3 discos, 4 semeadores de 14 pés, 250 bois e 60 cavallos.

O processo de S. Luiz não pôde ser seguido em Santa-Fé e outros logares, onde as terras são mais gordas e sujeitas ás pragas ou matto bravo. Aqui em Santa-Fé seriam precisas duas ou tres lavras profundas e repetidas de dois a tres mezes, o que seria muito dispendioso.

E', por isso, pois, que os proprietarios adoptam o systema de arrendar as suas terras durante dois a quatro annos.

O rendeiro lavra e semeia trigo, linho e milho e no ultimo anno do arrendamento semeia luzerna (alfafa) juntamente com uma das tres plantas acima designadas, sendo a semente fornecida pelo proprietario.

Semeia-se a alfafa a razão de 15 a 25 kilos por quadra (170 ares); as sementes custam de 5 a 7 pesos os 10 kilos e levam consigo algum trevo e cuscuta. Do trigo semeiam-se 100 kilos por quadra e do linho ou linhaça 60 kilogrammas.

E' de bom conselho semeiar-se a alfafa depois da colheita, revolvendo-se a terra em fevereiro e semeando-se em março, porquanto, assim feito, a planta desenvolve-se prompta e vigorosamente, podendo resistir ás geadas do inverno. Em todo caso, é preferivel semeal-a com a linhaça, porque com esta a sementeira pode ser executada em setembro, depois de passadas as geadas; pois a linhaça tanto se semeia em abril como em setembro, e o trigo é de maio a fim de julho e já mais em setembro. Quanto ao milho, que se planta de setembro a dezembro, convem elle menos para proteger a alfafa, porque, si vier a secca, a alfafa,

nova desaparecerá sob a acção do sol, não fazendo o milho sombra bastante para protegê-la.

O milho em boa terra bem trabalhada produz até 7.000 kilos por quadra, mas como a cultura do milho é destinada a amansar a terra para o plantio do trigo, no anno seguinte, a sua produção regula em 3.500 kilogrammas.

O agricultor argentino ignora as leis do afolhamento. Aqui, espera-se tudo da Divina Providencia, que é devéras uma mãe carinhosa (*maman gâteau*, diz o autor). Em regra lava-se, semeia-se e colhe-se, seja como for (*va comme je te pousse*). Si o anno corre bem, tem-se uma boa colheita; sinão, a gente recomeça resignadamente, pois *podia ser peor*. Aqui, em materia de agricultura, espera-se tudo do clima, factor este que representa papel muito mais importante neste paiz do que entre nós.

Sega-se o trigo em dezembro e tambem neste mez se colhe a linhaça; o milho colhe-se de maio a julho, e a luzerna ou alfafa que fica após a colheita cresce da altura do trigo e da linhaça, si o tempo ajuda. Um bom alfafal não é cousa commun e custa dinheiro.

Deve-se evitar de pôr muito gado sobre o alfafal novo; seria mesmo prudente, si for possivel, ceifar-o á machina, afim de lhe fortificar as hastes e raizes e livral-o do mato.

Os carneiros é que maior mal causam aos alfafaes novos.

Dois annos depois do plantio, o alfafal entra em plena produção, dando para sustentar, durante seis mezes, 3 vaccas e 10 carneiros, e durante os outros seis mezes, a metade desses animaes approximadamente.

Ha quem prefira ceifar a alfafa de novembro a janeiro, para dal-a enfenada ao gado na epoca invernal; quanto a mim penso que seria mais economico reservar alguns talhões para serem consumidos directamente pelos animaes durante o inverno; porquanto ceifar, ferrar, pôr em méda, etc., tudo isso custa dinheiro e faz-se agricultura para se ter lucro e não para perder. Nos mezes de inverno (junho a setembro inclusive) a vegetação da alfafa estaciona-se. De setembro em diante, com as chuvas e calor renasce a alfafa. É, todavia, necessario guardar-se algum feno para as rações das vaccas leiteiras e animaes de trabalho, que vivem á solta durante todo o anno. E' facil de se avaliar a enorme despeza que traria a estabulação de 200, 300, 400 e 500 cabeças de gado grosso, e essa despeza para conservar apenas a gordura e não para augmental-a! O alfafal dá tres córtes: sendo o primeiro em novembro ou *corte de limpeza*, o segundo em janeiro e o terceiro em março, e este é o mais abundante. Cada cóрте rende de duas a tres toneladas de feno secco.

Em certas regiões, como em Belle Ville, provincia de Cordoba, e em Pihango, provincia de Buenos-Aires, usa-se fazer a colheita das sementes na occasião do segundo corte. Cada quadra (170 ares) dá de 200 a 800 kilos de semente limpa, custando o trabalho de limpa da semente da alfafa 1 peso por 10 kilos, o do trigo 1 peso por 100 kilos e o da linhaça 1 peso e 20 centavos por 100 kilogrammas.

Varia enormemente a duração dos alfafaes; ha alguns esplendidos com 10, 15 e mais annos, enquanto outros com 2 ou 3 annos já não prestam e estão fracos e eivados de pragas.

O capim nativo (el *pasto* natural) é o grande inimigo dos alfafaes, por isso é sempre conveniente fazerem-se culturas em redor delles, afim de se evitar a sua (do capim) propagação pelas sementes.

Asseccas prolongadas tambem prejudicam aos alfafaes, enquanto novos. A alfafa, segundo a sua natureza physiologica, deveria viver indefinidamente, mas tal não acontece, sendo a sua duração média de oito annos, e ainda assim, de envolta com ella, vão muitas gramineas e outras plantas.

Ha tres modos de explorar a alfafa: a *invernada*, a *cria* e o *negocio*, isto é, engorda, criação e commercio.

O *criador* visa sempre a apuração e melhoramento das raças; possui boas vaccas, eguas e ovelhas, compra no estrangeiro ou mesmo no paiz bons reproductores, apurando-os, até conseguir os bellos especimens que se admiram nas exposições ruraes.

O criador só vende as vaccas velhas, ruins, ou de pellagem mal estimada; vende os bonitos novilhos de 3 a 4 annos para os frigorificos que os pagam a cerca de 80 pesos por cabeça; vende-os tambem aos *invernadores* á razão de 50 a 60 pesos. Os animaes a que alludo pesam em média 600 a 700 kilos de peso vivo. A raça crioula tende a desaparecer, sendo substituida pelas Durham, Hereford, Polled Angus e Holstein. A Durham é, porém, a que gosa de maior voga.

Quanto aos lanigeros, ha no paiz todas as variedades do Lincoln e Rambouillet e ha tambem o Cara Negra ou South Down, famoso pelo seu peso em carne. O Lincoln é o carneiro da moda neste momento, valendo em Buenos-Aires até 14 pesos, durante o mez de outubro.

Os cavallos de tiro pesado, presentemente, fazem barulho para os trabalhos agricolas e urbanos. Uma boa egua de raça vale de 100 a 150 pesos. As raças inglezas é que gosam de maior estima.

Criam-se tambem cavallos de puro-sangue e de tiro-leve. Quanto á raça Crioula, resistente, viva e boa marchadeira, tende ella a se extinguir, o que é lastimavel.

O *invernador* compra animaes magros, conserva-os durante tres a seis mezes (setembro a maio) e vende-os, á medida que vão ficando promptos. Outra operação commercial consiste em comprar vaccas prenhes, para vendel-as depois de paridas com os bezerrinhos de cinco a 6 mezes, os quaes custam de 10 a 15 pesos. Bastam para a realisação desse negocio seis a oito mezes.

Ha pelo paiz os compradores avulsos que fazem os *negocios en haciendas* para os açougues locaes, para os invernistas e mesmo para os proprios estancieiros.

Além do gado fino destinado aos frigorificos, ha tambem os *saladeros*, onde as carnes dos animaes de *qualidade inferior* são aproveitadas para o fabrico do *tasajo*, que encontra grande procura no Brasil, Cuba e America Central (sic). O consumo interno do paiz é consideravel, assim só Buenos-Aires, com sua população de cerca de 1.000.000 de habitantes, consome diariamente 1.500 cabeças de bovinos e 7.000 de lanigeros.

Esperando que V. S. tenha encontrado optimos ensinamentos neste relatorio, aqui fico ao seu inteiro dispor como

Amo. dedicado,
A. GOMES CARMO.

Colônia Nova Helvecia

EXEMPLO ANIMADOR

«A colonia Nova Helvecia teve seu inicio em 1888 (época em que a transformação do trabalho trouxe o desanimo a muitos velhos fazendeiros) e foi adquirida por diversos ex-colonos suissos, que em sociedade compraram o sitio Sampaio. Esta compra foi do valor de 22:000\$, sendo parte á vista e o resto a prazo.

Alli installados, corajosamente deram começo aos trabalhos ru-raes, limpam os cafezaes existentes e iniciaram cheios de confiança a plantação de batatas. O trabalho foi-lhes remunerador e, cheios de esperança, foram aos poucos desenvolvendo suas plantações e adquirindo mais terras na vizinhança.

Assim é que em 1892 compraram mais uma fazenda denominada Santa Maria e em 1893 e 1894 mais outras.

Contém actualmente essa colonia 1.153 alqueires de terras.

Essa colonia pertence a 37 proprietarios suissos.

Cada proprietario tem a sua morada separada; tem 450 pessoas entre donos e empregados, sendo estes ultimos, na maior parte, suissos.

Possue a colonia 1.016 cabeças de animaes, entre vaccum, cavallar e muar.

Produce annualmente 2.000 kilos de manteiga, uma média de 1.200 saccoes de 100 litros de batatas, 5.000 alqueires de milho, 400 ditos de feijão e 300 de arroz.

Possue 20.000 pés de uvas, sendo a terça parte já formada e produzindo 50 quartolas de magnifico vinho; uma importante criação de abelhas, porcos, cabras e gallinhas e extensos cafesaes, que produzem cento e muitos contos por anno.

Essa boa gente alli vive na abundancia e satisfeita, pois, para amenisar a rudeza do trabalho, tem uma boa banda de musica, uma orchestra e tiro ao alvo.

Tão grande tem sido a prosperidade da colonia, que a sociedade mandou construir uma igreja que custou cerca de 40:000\$000.

Só este facto é bastante para demonstrar a prosperidade daquelles que, deixando sua patria, encontraram neste municipio elemento de prosperidade e conforto.

A prosperidade dessa colonia dá-nos direito a acreditar-mos na prosperidade dos que vierem para o nucleo que o benemerito Sr. Secretario da agricultura pretende estabelecer alli.

A colonia Nova Helvecia ainda possui uma escola regida por irmãos de Santa Catharina, na qual se acham matriculados 75 alumnos de ambos os sexos. Essa escola é desde o anno passado auxiliada com 500\$ pela Camara Municipal, em reconhecimento pelo serviço prestado á infancia.

Si a projectada colonia for tão prospera como esta se apresenta ás vistas dos visitantes, possuindo terras que o governo procura adquirir, claro é o brilhante futuro do nucleo e o inestimavel serviço que vai prestar ao Estado o illustre Dr. Carlos Botelho.

Oxalá se torne uma realidade o desejo do operoso auxiliar do Dr. Tibiriçá.»

A' noticia supra tomada do *Correio Paulistano* julgamos dever additar algumas considerações tendentes a patentear aos poderes federaes o grande erro em que cahiram, no dia em que atiraram para fóra de suas attribuições o serviço essencialmente nacional do povoamento do solo brasileiro.

A colonia Nova Helvecia, nascida e creada sem ajudas do poder publico, adquiriu as terras que cultiva e fructifica com os suas min-

guadas economias, quando as deveria haver recebido por doação ou mesmo por compra, mas esta em condições *favorabilissimas* de preço e prazo; a colonia Nova Helvecia serve de mostra do que seria este vasto, rico, fertil e salubre paiz, si os seus dirigentes houvessem tomado a peito a continuação do problema do povoamento do solo nacional, iniciado desde antes da época memoravel da nossa independencia! Dóe e custa-nos confessar, mas a verdade é esta, no tocante á obra maxima do povoamento do solo nacional, nós retrogradamos de um seculo.

Ha cerca de dous annos tivemos o ensejo de visitar a colonia Nova Helvecia, por occasião da visita do Sr. Dr. Carlos Botelho á sua séde. Voltámos de lá agradavelmente impressionados pelo que observámos de progresso material e SOCIAL.

Effectivamente naquelle numeroso nucleo de cerca de 500 almas não havia um unico *analphabeto*, desde as crianças maiores de oito annos até os adultos; nenhuma pessoa rachitica, nenhum criminoso!!

Ainda mais, longe de se absterem de tomar parte directa na vida politica, os habitantes de Nova Helvecia concorrem sollicitamente ás urnas, pesam beneficemente na administração local, sustentando e victoriando candidato seu, tirado dentre os fundadores prestigiosos do nucleo. Representa os interesses da Nova Helvecia nos conselhos do municipio o Sr. Antonio Ambiel, que é dos primitivos fundadores da colonia. Quando lá andámos, um facto presenciámos que nos impressionou penosamente, e ainda mais penosamente á alma generosa do Sr. Dr. Secretario da Agricultura do Estado de São Paulo — era a falta de uma escola primaria brasileira, custeada pelo poder publico! Aquelles modestos colonisadores de terras do Brasil, para terem o pão espirital para os seus filhos, os futuros cidadãos da Republica Brasileira, adquiriam-no com os seus proprios e parcos recursos! E isto no adeantado Estado de S. Paulo!

O Sr. Dr. Secretario da Agricultura influu certamente para a fundação da escola primaria de que *O Correio Paulistano* dá a alviçareira noticia. *Tout est bien qui finit bien.*

Parabens effusivos aos Srs. Antonio Ambiel e aos seus dignos cooperadores pela criação da almejada escola por que tanto suspiravam!

Ha dous annos o Sr. Dr. Carlos Botelho promettera mandar escrever a historia da colonia Nova Helvecia, illustrando profusa e caprichosamente a publicação destinada a fazel-a conhecida nos centros emigratorios. Era intenção de S. Ex. surprehender, por assim dizer,

a colonia na sua vida ordinaria de cada dia, e essas vistas tomadas assim ao acaso e de surpresa seriam de empolgante effeito nos centros superpovoados da velha Europa.

Vemos agora que S. Ex. vai dar maior amplidão ao seu plano primitivo, pois pretende crear novos nucleos coloniaes em torno de Nova Helvecia.

Fazemos sinceros votos para que todas as patrioticas tentativas do adeantado governo de S. Paulo em prol do povoamento do seu solo tenham o mais feliz exito, quaesquer que possam ser as incertezas e decepções da primeira hora.

Cumpre persistir e redobrar de esforços, pois é pelo rapido povoamento do nosso solo que havemos de tocar á culminancia da estonteante pujança para que temos sobejos elementos.

G. C.

As terras roxas

As terras que recebem o nome de *roxas* e que são notaveis pela sua tradicional fertilidade provêm da decomposição de uma rocha chamada *diabase*.

O valor chimico dos mineraes que entram na composição dessa rocha são effectivamente, debaixo do ponto de vista agricola, de grande importancia na formação das terras de cultura.

As terras rôxas compõem-se de uma argilla mais ou menos ferruginosa, associada a uma porcentagem notavel de cal e magnesia.

Essas terras classificam-se em terra *roxa apurada* ou *encaroçada* e em terra rôxa *misturada*; a primeira é muito argillosa e apresenta-se em fôrma de caroços compactos, por causa da predominancia da argilla, que, como se sabe, tem grande tendencia para ligar-se; a segunda, porém, mais dividida e solta, por causa da presença da silica (areia), que não permite a adherencia.

Afim de melhor esclarecer esta despretenciosa noticia, julgamos conveniente dar uma ligeira idéa da rocha que concorre para a formação da preconisada terra roxa.

A *diabase* é uma rocha composta de um mineral branco ou ligeiramente roseo, chamado feldspatho e de outro verde escuro, a que se dá o nome de *pyroxeno augite*. Este ultimo mineral dá á rocha uma coloração verde-escura, quasi negra.

Essas rochas são geralmente encontradas em blócos numerosos de forma sensivelmente arredondada, esparsos confusamente ou no meio das terras róxas, que, como sabemos, provêm da sua decomposição.

Esses blócos apresentam-se em camadas, á semelhança dos bulbos das liliaceas, como bem comparava o Dr. Magalhães Gomes.

Os elementos mineraes da *diabase*, uma vez desunidos pela acção dos agentes atmosphericos, vão concorrer para a formação das terras róxas, dando-lhes, assim, todas as propriedades chimicas que lhes são inherentes.

Assim, o *feldspatho* decompondo-se forma a argilla, que é um elemento essencial na terra vegetal, quando bem dividida e incorporada a outras substancias.

O *pyroxeno*, desaggregando-se da *diabase* e decompondo-se, fornece ao sólo a cal, a magnesia e um pouco de ferro.

A importancia dos tres elementos como concurrentes para a fertilisação dos sólos é conhecida.

A *cal* apresenta duas propriedades essenciaes, quando incorporada ao sólo :

1.º Fornece ás plantas um alimento que faz parte integrante de seus tecidos;

2.º Contribue para a decomposição rapida dos adubos organicos.

A sua importancia nos terrenos é de tal monta, que o Conde de Gasparin se baseava na sua presença ou ausencia para determinar o valor cultural de uma terra.

A *magnesia* é tambem de grande utilidade para as plantas, é um elemento indispensavel na formação dos grãos dos cereaes.

O *ferro* é um energico contribuinte para a formação da substancia verde das plantas (*chlorophylla*); a sua ausencia no terreno é muito prejudicial e manifesta-se por uma certa amarellidão.

Além das substancias acima descriptas, que são, por assim dizer, os elementos essenciaes que caracterisam as terras róxas, outras ainda se encontram como elementos accessorios, taes como a potassa, o phosphoro, etc.

As seguintes analyses, feitas no Instituto Agronomico de Campinas, Estado de S. Paulo, sob a direcção do Dr. Adolpho Barbalho, demonstram a importancia das terras em questão :

TERRA ROXA

APURADA

Cal	4.39
Phosphoro	0.11

Potassa.	0.08
Magnésio	0.12
Ferro e alumina	84.94

MISTURADA

Cal	2.20
Phosphoro.	0.31
Potassa.	0.13
Magnésio	0.15
Ferro e alumina	73.00

PAULINO CAVALCANTI.

Congresso de Instrucção

No programma desse Congresso recommenda-se muito o ensino technico de Agronomia e Commercio, como o meio mais seguro para se safar a nação do abatimento economico em que jaz. Os esforços dos illustres propugnadores de ideias tão alevantados merecem calorosos applausos por parte dos que se interessam pelo futuro deste paiz. E' mais um bom serviço que prestam á causa publica. Eis o programma daquelle Congresso:

« *Escola Polytechnica* — Na Escola Polytechnica se deverá ampliar os cursos de industria e agronomia, addicionando-se a este as cadeiras de sylvicultura, administração e protecção das florestas, geographia e estatística agricola, economia, direito rural e technologia agricola.

Institutos praticos de agricultura — O ensino será gratuito e comprehenderá as seguintes materias, estudadas gradativa e methodicamente em varias series:

Portuguez, francez, inglez ou allemão.

Grammatica e exercicios de composição e conversação sobre assumptos agricolas.

Geographia agricola.

Arithmetica e geometria plana.

Desenho applicado á agricultura.

Topographia.

Contrucções ruraes.

Physica e chimica applicadas á agricultura.

Hygiene agricola.

— Historia natural.

Agricultura geral e especial.

Technologia rural.

Zootechnia e veterinaria.

Legislação rural.

Para o ensino pratico, os cursos de agricultura deverão ter:

Um campo de experiencias e demonstração para ensaio de diversas culturas.

Um laboratorio de chimica agricola, para estudo dos terrenos, adubos, liquidos, cannas e forragens, café e cacáo, manteigas e gorduras, alcooes e licores, vinho, cerveja, vinagre, farinhas, etc.

Um posto zootechnico para a criação de animaes de raça, produção de leite, trabalho, córte, etc.

Uma bibliotheca agricola.

Um gabinete de pathologia vegetal, entomologia e micrographia para investigação das pragas que devastam as lavouras.

Um museu agricola.

Um observatorio com thermometros, barometros, pluviometros e mais instrumentos necessarios para estudo das observações e variações climatologicas.

Uma secção para deposito e preparo dos estrumes.

Uma ferraria para fabrico e concerto das ferramentas e machinas agricolas e ferragem de animaes.

Officinas de carpinteiro, para construcção de tulhas, armazens, terreiros, encanamentos, tanques, casas para machinas e residencia de trabalhadores e outras obras necessarias aos estabelecimentos agricolas.

Uma fabrica de carros e arreios, apropriados para estabelecimentos agricolas.

Os matriculandos deverão ter mais de 14 annos de idade e apresentar certificado de approvação nas materias que constituem o programma das escolas publicas.

Os diplomados pelos Institutos Praticos de Agricultura terão direito de preferencia para os cargos de directores, gerentes, fiscaes dos estabelecimentos agricolas do Governo.

Institutos praticos industriaes — Nestes institutos, que serão gratuitos, se fará gradativa e methodicamente, com applicação ás industrias mais usuaes, o ensino das seguintes materias:

Portuguez, arithmetica, geometria, desenho linear, trigonometria, geometria descriptiva, physica e chimica, hygiene industrial, technologia industrial, estudos dos motores animados, inanimados, electricos e a vapor; legislação industrial.

Para o ensino pratico haverá museus industriaes, gabinetes, laboratorios e officinas de trabalhos sobre madeira e metal.

Os matriculandos deverão apresentar certificado de approvação nas materias que constituem o programma das escolas publicas.

Os diplomados pelos Institutos Praticos Industriaes terão direito de preferencia para os cargos de directores, gerentes e fiscaes dos estabelecimentos industriaes do Governo.

Institutos praticos de commercio — Estes institutos serão organizados sobre as seguintes bases:

Haverá dous cursos: um *geral*, habilitando para exercicio das funcções de guarda-livros, perito judicial e empregos de fazenda, e outro *superior*, habilitando mais para os cargos de agentes consulares, funcionarios do ministerio das relações exteriores, actuarios de companhias de seguros e chefes de contabilidade de estabelecimentos bancarios e grandes empresas commerciaes.

O curso *geral* comprehenderá o ensino de portuguez, francez, inglez, arithmetica, algebra, geometria, geographia, historia, sciencias naturaes, inclusive o reconhecimento de drogas, tecidos e outras mercadorias; noções de direito civil e commercial e legislação de fazenda e aduaneira; pratica juridico-commercial, calligraphia, steno-graphia, desenho e escripturação mercantil.

O curso *superior*, do qual é preparatorio o curso geral, comprehenderá o ensino de geographia commercial e estatistica, historia do commercio e da industria, tecnologia industrial e mercantil, direito commercial e maritimo, economia politica, sciencia das finanças, contabilidade do estado, direito internacional, diplomacia, historia dos tratados e correspondencia diplomatica, allemão, italiano, hespanhol, mathematica superior, contabilidade mercantil comparada e banco modelo.

O ensino será gratuito, pratico e adaptado á profissão commercial.»



VARIEDADE

Contra as formigas — Comunicação interessante —

Rio de Janeiro, em 12 de fevereiro de 1906 — Ao Sr. Dr. Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura — Cumprimentos — Pensando ser dever patriótico comunicar aos outros qualquer pensamento que se presume servível a alguém, peço relevar-me occupar vossa attenção, com o que, parecendo-me novidade, seja para vós talvez facto muito conhecido, o seguinte: installando-me no sitio á rua Dr. March, n. 48, em Nieitheroy, onde existiam 12 enormes formigueiros, que faziam o terror da vizinhança, por já terem zombado dos effeitos de diversas formicidas, tomei a resolução de exterminar os com a fumaça de enxofre e fumo de rolo (podre), introduzida nas panellas por meio de folles, tendo felizmente bom exito. Os não submettidos ao mesmo processo continuaram vivos, e, no espaço de um anno, pude observar que os formigueiros circumdados por sócas de canna desapareciam lentamente, como também os proximos a plantações de feijão miudo, trazendo-me a convicção de que as formigas, sempre encontradas nestas plantas, afugentam as saivas, não sei si pelo combate ou comendo-lhe os ovos.

A experiencia não é dispendiosa, nem difficil. Em poucas semanas o feijão miudo se desenvolve e fructifica e a canna em alguns mezes alimenta milhares de formigas ruivas; os interessados podem certificar-se si é um caso raro ou si convém a todos.

O facto, em si trivial, póde ser que seja sabido de muitos, porém, não o conhecendo nenhum dos agricultores com quem tenho conversado, julguei bem communicar-vos, para ser por outro estudado.

E' meu intuito apenas ser util e corresponder á gentileza com que vos dignastes de enviar-me as sementes pedidas; e muito grato ficarei si merecer desculpas e a honra de cumprir vossas ordens. — *Juvenal Jardim*, 1º tenente-commissario.

Ação da Directoria Geral da Saude Publica, durante o mez de julho de 1906 — Em julho a excellencia do estado sanitario do Rio de Janeiro foi mais notavel do que já havia sido nos seis mezes anteriores, não se verificando facto identico no mesmo periodo dos ultimos dez annos. A média diaria da mortalidade, que já tinha baixado em junho, relativamente á do mez de maio, reduziu-se ainda mais em julho (33.61 fallecimentos contra 37.53). O obituario das molestias transmissiveis foi insignificante e não apresentou modificações desfavoraveis, o que demonstra o seguinte confronto com o movimento mortuario do mez de junho: febre amarella 2 para 1, peste 2 para 2, variola 0 para 0, sarampo 1 para 0, escarlatina 0 para 0, coqueluche 1 para 2, diphteria 6 para 11, grippe 37 para 26, febre typhoide 3 para 4, dysenteria 5 para 3, beriberi 3 para 8, lepra 2 para 1, paludismo 13 para 20 e tuberculose 228 para 212.

As Delegacias de Saude realizaram em julho 17.226 visitas domiciliarias, sendo 12.547 de policia sanitaria e 4.679 de vigilancia medica. Inspeccionaram 15.204 pessoas, vaccinaram e revaccinaram contra a variola 841 e nenhuma contra a peste. Receberam 103 notificações de molestias transmissiveis, sendo 4 de febre amarella, 8 de peste, 5 de variola, 22 de diphteria, 1 de febre typhoide, 64 de tuberculose e 2 de lepra — contra 1 de febre amarella, 5 de peste, 2 de variola, 16 de diphteria, 5 de febre typhoide, 76 de tuberculose, 2 de sarampo, 1 de lepra, e 1 de beriberi, recebidas em junho.

Pelo Desinfectorio Central foram praticadas 1.482 desinfecções domiciliaries, desinfectadas 1.581 peças de roupa e incineradas 326. Até 31 de julho foram também incinerados 934, 363 ratos.

A brigada contra o mosquito realizou 53 expurgos, destruiu 9.918 focos de larvas, isolou tres doentes em domicilio, removeu um para o Hospital S. Sebastião e fez 14 visitas de vigilancia sanitaria. Limpou 753 telhados e calhas, 73.097 ralos e 71.949 tinhas; lavou 68.377 caixas automaticas e registros, 3.264 caixas de agua, 55.704 tanques e 3.001 depositos diversos. Consumiu nos trabalhos de expurgo mais de 24 kilogrammas de pyrethro, 707 kilogrammas de enxofre, 52 litros de alcool, 7.046 litros de kerozene e 1.641 de carbolina. De telhados e

calhas foram retirados 2.034 baldes de lixo e de varias casas e terrenos 263 carroças de latas e cacos.

Ao Laboratorio Bacteriologico foram solicitados dous exames para verificação do bacillo da peste, sendo apenas um confirmativo. Foram realizados 10 exames para verificação do bacillo da diptheria, tendo sido confirmados 10.

A Policia da Saude do Porto visitou 158 embarcações, considerando bom o estado sanitario de bordo. Não houve remoção de doentes para os hospitaes.

A Secção de Engenharia realizou 68 vistorias, emittiu 75 laudos e prestou 15 informações.

A Secção Pharmaceutica inspeccionou 86 pharmacias e drogarias, rubricou 18 livros para registro de receitauario e um parecer favoravel para licença de sete preparados e abertura de oito laboratorios pharmaceuticos.

Pelo apparelho « Clayton » foram desinfectadas, no porto, 52 embarcações, e, em terra, as galerias de aguas pluvias de diferentes ruas, fazendo-se a limpeza de 1.529 ralos, 34 vallas, 332 sargetas, de onde foram retiradas 34 carroças de lama e 138 de latas e outros objectos.

O hospital de isolamento de S. Sebastião recebeu, durante o mez de julho, um doente de febre amarella e oito de peste; dos isolados falleceram apenas dous pestosos, tendo ficado em tratamento um de febre amarella e tres de peste.

O registro civil accusou a inscripção de 1.439 nascimentos e de 304 casamentos. Houve durante todo o mez 1.042 obitos.

O thermometro centigrado marcou a temperatura maxima de 29,01 e a minima de 14,7, sendo de 21,23 a temperatura média.

No movimento da população houve um excesso de 1.854 entradas sobre as sahidas por via maritima e terrestre.

Ação do Syndicato Agrícola Paraense — Reuniu-se no escriptorio do Syndicato Agrícola a comissão encarregada de promover a realização de um Congresso dos Fazendeiros desse Estado, em 24 de maio de 1907, presidida pelo Dr. Lyra Castro.

Foram eleitos : presidente da comissão, o Dr. Lyra Castro ; 1º secretario, Dr. José Ferreira Teixeira ; 2º secretario, Dr. Bento José de Miranda e thesoureiro, coronel Bento José da Silva Santos.

A comissão resolveu dirigir circulares aos intendentes dos 18 municipios criadores, pedindo o seu concurso na escolha dos delegados ao Congresso a realizar-se. Cada municipio pastoril elegeu tres fazendeiros.

Foi tambem approvedo o programma dos assumptos a discutir no Congresso, organizado pelo Dr. Ferreira Teixeira.

O Thesouro paulista a 31 de junho ultimo — Existiam na Thesouraria do Thesouro do Estado, segundo a verificação feita, 37.502:258\$304, sendo os valores assim discriminados: em dinheiro, 242:689\$; em titulos na caixa de depositos, 1.343:525\$; em estampilhas do novo padrão, 25.843:085\$; em estampilhas do antigo padrão, 9.921:221\$; em papel sellado, 124:637\$, em valores pertencentes ao Estado, 27:100\$000.

A divida externa do Brasil — Um estudioso deu-se ao trabalho de recapitular todos os empréstimos contrahidos pelo Brasil nas praças estrangeiras e fez o seguinte quadro sob o titulo

As nossas dividas externas

Dados extrahidos do relatorio do Ministro da Fazenda, de 1904, aos quaes foram accrescentadas as dividas contrahidas posteriormente.

Antes do accordo do *Funding-loan* em junho de 1898, existiam as seguintes dividas :

Divida da União	£ 34.310.400
Emprestimo de 1879, 4 1/2 %	» 2.310.000
Idem de Minas Geraes.	» 2.383.000
Idem de S. Paulo	» 1.826.300
Idem da Bahia	» 1.156.000
Idem do Espirito Santo.	» 700.000
Idem do Districto Federal	» 459.608

Total » 43.145.308

Depois do accordo fizeram-se mais as seguintes:

<i>Funding-loan</i>	€ 8.613.717
Rescisión bonds	» 16.605.680
Oeste de Minas.	» 3.388.100
Obras do porto	» 8.500.000
Amazonas	» 1.500.000
Pará	» 1.500.000
Municipalidade de Belém.	» 1.000.000
Pernambuco.	» 1.000.000
Bahia (acrescimento).	» 500.000
Municipalidade da Bahia.	» 1.000.000
S. Paulo.	» 4.800.000
Districto Federal	» 4.000.000
Paraná	» 800.000
Bello Horizonte.	» 250.000
Lloyd Brasileiro	» 1.100.000
Alagoas	» 650.000
Municipalidade de Manáos	» 350.000
Amazonas (acrescimento)	» 1.860.000
Somma total.	» 57.417.497

Empréstimos em ajuste:

Para a valorização do café	» 15.000.000
Para o Estado de Minas	» 1.000.000
Para a Municipalidade de Santos	» 500.000
Somma	» 16.500.000

Antes do accordo do <i>Funding</i>	» 43.145.308
Depois do accordo	» 57.417.497
Empréstimos em ajuste	» 16.500.000

Total geral » 117.062.805

Além dessas dividas ha ainda a das estradas de ferro com garantia de juros, pela qual é responsavel a União.

Rendas do Districto Federal durante o 1º semestre de 1906 — De janeiro a julho do corrente anno a Prefeitura arrecadou a quantia de 15.784:749\$249.

Em igual periodo do anno passado a renda foi de 13.565:707\$072, havendo uma differença para mais na receita do corrente exercicio de 2.219:042\$177.

Orçamento da despesa do Ceará — Está publicado o decreto que fixa a despesa geral do Estado, para o exercicio de 1907, na quantia de 2.760:018\$355.

Centro da Lavoura de S. Paulo — Alguns lavradores paulistas tratam de fundar na Capital uma associação agricola sob o titulo de *Centro da Lavoura*, para cuja formação lançaram a seguinte circular:

« Aos Srs. lavradores do Estado de S. Paulo. — Os abaixo assignados, julgando de grande conveniencia a formação e installação do Centro da Lavoura, nesta capital, lembram aos lavradores de todos os municipios a necessidade de serem eleitas, sem demora, as commissões executivas municipaes, a exemplo do que têm feito varias localidades.

Desde que todos os municipios tenham suas commissões organizadas, estas poderão reunir-se nesta capital para tratarem da fundação do Centro.

Os abaixo assignados receberão com prazer communicações das commissões já eleitas e daquellas que o forem de ora em diante, comprometendo-se a organizar o respectivo registro e promover, em tempo, a reunião que tenha por fim a installação do Centro. — *João de Faria.* — *Alfredo Jordão.* — S. Paulo, 7 de julho de 1906. — Rua da Fundição n. 2. »

O Lloyd Brasileiro favorece o commercio de fructas frescas para os Estados Unidos — Segundo somos informados, o Lloyd Brasileiro iniciará a primeira viagem do Brasil para os Estados Unidos no dia 25 de Agosto de 1906.

O paquete *Goyas* (antigo *Castro Alves*), que fará a primeira viagem, acaba de passar por grandes melhoramentos.

Esse navio, illuminado a luz electrica, possui camaras frigorificas com capacidade para 100 toneladas de carga, as quaes os Srs. M. Buarque & C. puzeram á disposição dos pomicultores, na primeira viagem, afim de transportarem gratuitamente para Nova York os fructos brasileiros, cuja propaganda tencionarem iniciar.

Sericultura — Aos Srs. lavradores que ensaiam o plantio da amoreira e criação do bicho da seda prevenimos que a directoria da colonia Rodrigo Silva, em Barbacena, está habilitada a fazer gratuitamente larga distribuição de mudas dessa preciosa planta.

As estradas de ferro Central, Leopoldina, Minas e Rio, Sapucahy e Piau despaçam gratuitamente as mudas.

Estado sanitario do Rio de Janeiro, durante o mez de julho de 1906

	Mortos
Febre amarella	1
Peste bubonica	2
Variola	0
Sarampo	1
Febre escarlate	0
Diphtheria	6
Coqueluche	1
Influenza	35
Febre typhoide	2
Dysenteria	5
Beriberi	3
Lepra	0
Erysipela	1
Febre palustre	11
Doenças pulmonares	191
Outras molestias contagiosas	30
	289
Accidentes e suicidios	47
Molestias intransmissiveis	615
Total	951

A batata — Desde tempos a esta parte a cultura desta util solanacea vai tomando certo desenvolvimento, do Estado de Minas para os outros que lhe ficam ao sul. Já estamos felizmente melhor do que ha annos atrás, em que a batata ingleza só apparecia na mesa dos doentes e dos estrangeiros, que a importavam da Europa para o consumo.

Confirmando o que vimos de affirmar, o Sr. agente da estação de Santa Maria, em Minas, communica que, durante o semestre ultimamente findo a 30 de junho, foi exportada daquella estação para a Capital Federal a respeitavel cifra de 1.173.070 kilos de batatas.

Por mais animadores que sejam estes algarismos, são, todavia, uma minima parcella da somma fabulosa que despendemos com a compra da batata estrangeira, cuja importação em 1904 subiu a 22.000.000 de kilos, que roubaram á economia nacional a respeitavel somma de 1.647:922\$000 ouro!

A agricultura nacional tem, pois, uma procura de 22.000.000 de kilos a satisfazer, o que já conta.

Plantem, pois, batata, que é boa cultura!

Sociedade Agricola Uberabense — Communicam-nos de Uberaba que alguns agricultores do triangulo mineiro projectam crear uma sociedade agricola destinada a congregar todos os bons elementos da classe rural, afim

de, incorporados, promoverem o melhoramento da lavoura e industria pastoril da zona sul mineira. Enviando daqui calorosos applausos aos obreiros de obra tão meritoria, franqueamo-lhes os nossos prestimos para o que lhes possamos servir.

Importação de reproductores de raça — O governo do Estado de S. Paulo, em boa hora confiado á direcção do honrado Dr. Jorge Tibiriçá, habilmente auxiliado pelo impolluto e operoso Dr. Carlos Botelho, entre muitos e relevantes serviços prestados á lavoura, acaba de importar bellissimos reproductores para o *Posto Zootechnico Central*.

São estes os animaes importados :

Da Inglaterra, um touro e duas vitellas de raça Devon ; um touro e duas vitellas de raça Hereford ; idem idem de raça Guernesey ; um cavallo puro sangue Hadney ; seis porcos de raça Berkshire ; seis ditos, raça Yorkshire, seis ditos, raça Polandchina ; tres carneiros e tres ovelhas, raça Southdown, idem idem, raça Oxforddown.

Da França — um cavallo arabe, dous jumentos, raça Poitou ; um touro e duas vitellas, raça Flamenga ; um touro e duas vitellas, raça Normanda ; idem idem, raça Charolaise ; idem idem, raça Merinos Rambouillet.

Da Hollanda — seis touros e seis vitellas, raça Frisã.

Da Hespanha — um cavallo puro sangue andaluz e dous jumentos hespanhóes.

De Portugal — um cavallo puro sangue Alter.

Da Suissa chegaram alguns bellissimos exemplares vaccum e lanigero.

Ao Posto Zootechnico tem affluído grande numero de visitantes para verem os novos animaes chegados.

Exportação da Bahia — Durante o mez de junho ultimo foram exportados para os portos estrangeiros os seguintes productos desse Estado :

Cacão, 17.568 saccoes ; fumo em folha, 23.318 fardos ; couros seccoos, 10.445 ; idem salgados, 2.800 ; piassava, 6.408 molhos ; café, 5.781 saccoes ; borracha, 2.237 volumes ; coquilhos, 1.895 saccoes ; fumo em corda, 850 mangotes e madeiras, 674 peças.

Estação Agronomica do Estado da Bahia — Pessoa ha pouco vinda da Bahia informa-nos do bom andamento que vão dando áquella nova instituição os competentes profissionaes que o Dr. Miguel Calmon contractou nas colonias hollandezas. Os laboratorios começam a ser montados e os serviços de campo iniciam-se com regularidade, de modo que, por todo este anno, se espera que o apprendizado agricola, annexo á estação, possa ser inaugurado.

Parabens cordeaes ao honrado Dr. José Marcellino e ao seu braço forte, o nosso illustre amigo Dr. Miguel Calmon. E' instruindo e orientando o lavrador, que elevaremos o nosso paiz ; fóra disso é edificar na areia.

Estatistica do municipio de Araraquara em 1906 — A zona do municipio é de 24.319 alqueires de terras, dos quaes 9.337 cultivados com café, e 15.012 com mattas virgens e apropriadas a este cultivo.

Existem plantados 18.442.000 pés de café, produzindo, em média, annualmente, 897 mil arrobas. Estão cultivados : 205 alqueires com canna, produzindo 50 mil arrobas de assucar e 1.197.200 litros de aguardente ; 50 alqueires de arroz, produzindo 200 mil litros ; 2.598 alqueires de milho, que produzem 15.588 litros ; 1.357 alqueires de feijão, produzindo 6.785 litros.

Existem 2.106 animaes de raça cavallar, sendo : garanhões 38 ; eguas do paiz 590, importadas 2 ; poldras do paiz 362, cavallos 1.063, eguas de estrebaria 51.

Da raça vaccum os animaes são em numero de 9.544. Touros do paiz 276, importados 3, vaccas do paiz 3.487 ; vaccas de leite 2.190 ; bois de trabalho 1.146, bezerros 2.352.

As exposições agricolas — Louvado seja Deus ! Já as exposições agricolas se vão multiplicando pelo paiz, desde o Rio Grande do Sul até a Bahia. Ainda ha pouco, durante os dous mezes de junho e julho, houve uma exposição de appparelhos a alcool em Porto Alegre ; houve uma agricola-pastoril em S. Carlos do Pinhal ; outra do mesmo genero em Iguape ; mais outra na Bahia e para o proximo mez de outubro haverá uma exposição geral de animaes na capital do Estado de S. Paulo.

Infelizmente, porém, o Districto Federal não tem acompanhado tão benefico movimento, e é dô, porque este tem seguros elementos para ser uma região intensamente agricola-pastoril !

O ensino agrícola na Escola de Engenharia de Pernambuco — Tem havido na Sociedade Auxiliadora de Agricultura diversas reuniões da comissão nomeada pela União dos Sindicatos Agrícolas, para, de accordo com a comissão da Escola Livre de Engenharia, promover o desenvolvimento do ensino agrícola.

Trata-se da fundação de estações agronomicas experimentaes e de postos zootecnicos.

Distincção honrosa e merecida — A Sociedade Brasileira para Animação da Agricultura, com sede em Pariz, dirigiu ao honrado e operoso secretario da agricultura do Estado de S. Paulo a seguinte comunicação :

« Cabe-me a honrosa missão de levar ao conhecimento de V. Ex. que esta Sociedade, reunida em assembléa geral, no dia 30 do mez proximo passado, no edificio da Legação Brasileira, sob a presidencia do Exm. Sr. Dr. Gabriel Piza, resolveu, por aclamação e unanimidade de votos, conferir a V. Ex. o titulo de socio honorario e bemfeitor.

Congratulando-me com V. Ex., aproveito a occasião para apresentar-lhe as homenagens do meu maior apreço e da mais respeitosa consideração — Da V. Ex. att., ad., e cr. obr., *Roberto de Mesquita*, 2º secretario. »

100 laranjas por 561\$000! — Venderam-se ultimamente em Bagé, em leilão publico, 100 laranjas por 561\$. Essas laranjas foram dadas pelo seu proprietario á Santa Casa de Bagé.

Sociedade Catharinense de Agricultura — A directoria que tem de dirigir os destinos dessa sociedade no anno social de 1906-1907 é a seguinte : Presidente, Dr. Gustavo Lebon Regis ; 1º vice-presidente, Coronel Antonio Pereira da Silva e Oliveira ; 2º dito, Coronel Raulino Julio Adolpho Horn ; 3º dito, Coronel Germano Wendhausen ; secretario geral, Capitão Manoel dos Santos Lostada ; 1º secretario, Flavio Queiroz Nascimento ; 2º dito, José Bueno Villela ; 3º dito, Egydio Noceti ; director de culturas, Dr. Giovanni Rossi ; 1º thesoureiro, Jeronymo Rocha ; 2º dito, José de Senna Pereira.

Syndicato Agricola Paraense — Esse Syndicato, que tem por presidente ao Sr. Dr. Lyra Castro e por secretarios aos Drs. Bento de Miranda e Ferreira Teixeira, tem envidado todos os esforços afim de levar os poderes publicos a se interessarem pela sorte da industria pastoril da ilha de Marajó. Nesse sentido apresentaram um memorial ao Sr. Dr. Affonso Penna, quando S. Ex. passou por Belém.

A sericicultura em Minas — Por ordem do Governo de Minas, estão sendo montados, na colonia Rodrigo Silva, em Barbacena, machinismos modernos para a fiação, torcedura e tecelagem de seda, cuja producção tem ali tido consideravel incremento.

Esses machinismos vieram da Italia.

Esperamos dados minuciosos sobre os ensaios sericos da colonia Rodrigo Silva para os offerecermos aos nossos leitores.

Recompensa merecida — As Associações Commercial, de Agricultura e União dos Sindicatos, de Pernambuco, reunidas em sessão solemne, conferiram o titulo de socio honorario ao Sr. Wileman, consultor tecnico da Legação brasileira, pelos relevantes serviços prestados na Conferencia Assucareira de Bruxellas.

Em seguida agradeceram ao Consul inglez os bons officios do seu Governo e telegrapharam ao Sr. Barão do Rio Branco, agradecendo os seus grandes serviços e pedindo permissão para salientar os proficuos esforços do Ministro Rego Barros, junto ao Governo da Belgica.

Santa Casa de Misericordia do Rio de Janeiro — A honrada e zelosa provedoria da benemerita instituição de assistencia publica — a Santa Casa de Misericordia — acaba de publicar o seu relatorio referente ao anno proximo passado.

Destacamos delle algumas passagens que darão pallida idéa da somma incommensuravel de beneficios que aquella utilissima instituição derrama sobre nossa sociedade.

« E o que fizemos com o seu auxilio no anno compromissal findo ?

Attendêmos á construcção e reconstrucção do patrimonio predial, fonte mais importante de nossa renda e de que nos vêm recursos para manter os diversos serviços a nosso cargo; vimos concluidos alguns predios dos diversos patrimonios, iniciados outros além dos 32 do quadrilátero da rua do Senhor dos Passos, legados pelo bemfeitor capitão-mor José da Motta Pereira, e contractados por 940:000\$000.

Realizámos melhoramentos nos asylos da Misericórdia e Santa Maria, no Recolhimento das Orphãs e nos cemiterios.

Restaurámos o Hospicio de Nossa Senhora do Soccorro, no Cajú, elevando o numero de leitos de 48 a 100, dos quaes 20 para enfermas, com a despeza de 120:000\$, e mais a que resulta annualmente da manutenção do dobro dos enfermos.

Igual serviço fizemos no Hospicio de Nossa Senhora da Saude, na Gambôa, creando novas enfermarias, augmentando de mais 60 os 230 leitos existentes, despendendo 110:000\$ e sobrecarregando a despeza ordinaria.

Iniciámos e estão quasi concluidos no Hospital Geral os edificios destinados ao isolamento dos enfermos de molestias infecciosas, ao necroterio e ao corpo da guarda, os quaes nos têm custado muitas dezenas de contos de réis.

Começámos o serviço preparatorio da construcção do grande edificio destinado á habitação dos expostos, e com o qual teremos de despendar mais de 400:000\$000.

Installámos o serviço de hydrotherapia em edificio annexo ao Hospital Geral e que preenche os seus fins, de modo a satisfazer os mais exigentes.

Recolhêmos aos nossos hospitaes 18.067 enfermos; attendêmos nos consultorios a 227.662, dando-lhes remedios indicados em 257.221 receitas; sepultámos 3.913 indigentes, auxiliámos mensalmente a mais de 500 viúvas, agasalhámos nos Expostos e asylos mais de 150 abandonados e orphãos.

Eis quanto fizemos num anno.»

« Entre outros donativos salientarei por seu elevado algarismo, embora todos nos mereçam a mesma gratidão e venham a ter identica recompensa no céo, os que foram feitos em vida pelos irmãos bemfeitores: Dr. Julio Ottoni, na importancia de 370:000\$ em títulos que dão renda annual superior a 30:000\$, e o Sr. Alberto Barth, na de 200:000\$ em immoveis que desde já nos podem dar 12:000\$, e se os aproveitarmos para construcções, muito mais produzirão, renda esta destinada a manter o hospital que vae ser construido pelo irmão Dr. J. Carlos Rodrigues; finalmente, o legado do bemfeitor e irmão commendador Souza Souto, recolhido á thesouraria, na somma de 366:000\$ em moeda. »

Pelo plantio do trigo — A sociedade Agricola Pastoral do Rio Grande do Sul, desta cidade, está distribuindo presentemente sementes de trigo entre os seus associados e entre os agricultores em geral.

Mais exposições agricolas — BAGÉ — Inaugura-se a 12 de setembro a Exposição Agricola-Pastoral, que se está organizando sob o patrocínio do Centro Gaúcho e da Associação Rural.

O programma da exposição será organizado pelos Srs. Dr. Candido de Borba, tenente-coronel Vicente Lucas de Lima, Dr. Costa Cabral e Pedro Cunha.

Redimentos fiscaes

ALFANDEGA

Dia 31 de julho.	249:407\$963
De 1 a 31	6.752:291\$742
Idem em 1905	6.449:935\$895

RECEBEDORIA FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Dia 31 de julho.	82:645\$026
De 1 a 31	2.013:194\$614
Idem em 1905	1.824:889\$336

RECEBEDORIA DO ESTADO DE MINAS GERAES

Dia 31 de julho.	12:219\$505
De 1 a 31	1.344:225\$980
Idem em 1905	1.387:704\$924

A renda da Alfandega de Santos no mez de julho, foi de 3.331:915\$384; sendo: 2.206:771\$889, papel, e 1.125:143\$465, ouro.

Jahu agricola — «Durante o mez de julho, foram despachadas na Estação da Paulista, na cidade de Jahu, 45.000 saccas de café, ou sejam 180.000 arrobas. A maior parte do café embarcado pertence á semana que findou no último do mez.

E' agora justamente que principia o grande movimento de café nesse municipio, o mais rico do Estado.

Para fazer o serviço de transporte, trabalham diariamente, inclusive nos domingos, tres trens de carga.

Mesmo assim os armazens da Paulista, que não são pequenos, estão abarrotados de café.

A safra está calculada agora em mais de 625.000 saccas, ou sejam 2.500.000 arrobas.

Calculando-se que, com a valorisação do producto, uma arroba a 6\$ líquidos, preço minimo, o café do municipio valerá 15 mil contos, metade da renda do Estado.

O maior lavrador espera este anno 80 mil arrobas, seguindo-se depois alguns de 60, 50 e 40 mil. »

Syndicatos agricolas

IMPORTANTE REUNIÃO

No salão da Sociedade Nacional de Agricultura, reuniram-se a convite do Sindicato Central dos Agricultores do Brasil, sob a presidencia do Sr. Visconde de Ouro Preto, os diversos representantes da União dos Sindicatos Agricolas de Pernambuco e dos syndicatos Agricolas da Bahia, Maranhão, Sergipe e Alagoas.

O Sr. Visconde de Ouro Preto saudou em nome do Sindicato Central dos Agricultores do Brasil os diversos representantes dos Sindicatos aqui reunidos, dando-lhes as boas vindas e salientando a acção benéfica das associações agricolas quanto aos interesses economicos da nação.

O Dr. Corrêa de Brito agradeceu em termos elevados essa manifestação de solidariedade entre as classes rurais do Brasil, sendo acompanhado nessa manifestação pelos representantes dos Sindicatos já referidos.

O Dr. Wencislão Bello, Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, aproveitou a occasião para apresentar um projecto de organização de uma Cooperativa Central dos Agricultores do Brasil, e os respectivos estatutos que distribuiu em impresso, congratulando-se mais uma vez com os representantes das associações agricolas aqui reunidas.

O Dr. Baptista de Castro manifestou-se feliz por ver aqui reunidos tantos representantes de syndicatos agricolas, o que demonstra que os effeitos da propaganda não têm sido infructiferos.

O Sr. Visconde de Ouro Preto saudou o Dr. Susviela Guarch como dedicado amigo que sempre se manifestou do Brasil, já no desempenho das suas funções de Ministro, já como simples agricultor, sendo a sua collaboração entre nós devidamente acatada e apreciada.

O Dr. Susviela Guarch manifestou a sua satisfação por se achar entre nós, salientando a seu turno, quanto o Brasil deve esperar da iniciativa particular e a importancia da acção das cooperativas, que muito têm influido nos progressos rurais das Republicas do Prata.

A Sociedade Nacional de Agricultura, dando noticia dessa reunião, telegraphou a todos os Sindicatos Agricolas nestes termos :

Sr. Presidente do Sindicato Agricola — O Sindicato Central dos Agricultores do Brasil, aproveitando a presença nesta Capital dos representantes de diferentes syndicatos regionaes, promoveu uma reunião que teve logar hoje, na sede da Sociedade Nacional de Agricultura, na qual, depois de saudados os syndicatos representados, foi resolvido que se estendesse essa saudação a todos os

syndieatos existentes no paiz, com votos para que se prosiga nessa concentração de esforços para a victoria do *desideratum* de taes associações.

O presidente da Sociedade Nacional de Agricultura saudando igualmente os syndicatos agricolas do paiz, participou que ia promover a organização de uma Cooperativa Central dos Agricultores do Brazil, cujo projecto distribuiu entre os assistentes, pedindo o apoio de todos para a sua realização.

PARTE COMMERCIAL

Importação de generos agricolas de origem estrangeira pelo porto do Rio de Janeiro, durante o mez de julho de 1906.

	Quantidade	Preços
Alfafa	62.582 fardos . .	\$160 a \$180 o kilo.
Arroz	1.650 saccos . .	24\$500 » 25\$500
Azeite	2.190 caixas . .	1\$250 » 1\$800 o litro.
	44 barris . .	
Bacalhau	3.901 caixas . .	47\$000 » 49\$000 Noruega.
	815 tinas . .	37\$000 » 41\$000 gaspe.
		35\$000 » 38\$000 Halifax.

Existencia a 31 de julho de 1906 — 17.000 volumes.

Banha	1.850 barris . .	1\$400 a 1\$440 o kilo.
	250 caixas . .	
Carne secca	12.270 fardos . .	\$600 » \$860 o kilo.
Chá da India	237 caixas . .	6\$000 » 10\$000 o kilo, verde.
		6\$000 » 9\$000 o kilo, preto.
Farinha	13.800 saccos . .	8\$250 » 10\$250 o sacco.

Existencia a 31 de julho de 1906 — 25.000 saccos ou 12.500 barricas.

Genebra	2.005 caixas . .	28\$000 a 29\$000 caixa de duzia.
Gordura	362 pipas . .	\$590 o kilo
Manteiga	1.295 caixas . .	1\$800 » 2\$320 o kilo.
Farello	—	— sem entrada.
Massas	58 caixas . .	— nominal.
Milho	38.721 saccos . .	7\$500 » 8\$500 o sacco.
Óleo de linhaça (sem entradas).	—	\$700 » \$820 o kilo.
Passas	31 caixas . .	11\$000 » 13\$000 a caixa.
Pimenta da India	156 saccos . .	1\$500 » 1\$600 o kilo.
Pinho secco	522.420 pés . .	80\$000 » 85\$000 a duzia.
Pinho Spruce	(sem entradas).	— 80\$000 a duzia.
Pinho resina	(» ») . .	— 120\$000 a duzia.
Pinho americano	(» ») . .	— \$280 o pé.
Presunto	208 caixas . .	2\$400 » 4\$000 o kilo.
Sal (nacional)	2.100.952 kilos . .	1\$800 » 2\$000 por 40 litros.
Toucinho	87 barris . .	— sem cotação.
Vinagre	(sem entrada) . .	240\$000 » 255\$000 a pipa.
Vinhos	2.022 pipas . .	—
	11.129 caixas . .	270\$000 » 580\$000

**Custo dos generos alimenticios no Rio de Janeiro
durante o mez de julho de 1906**

Feijão preto de Porto Alegre, superior	16\$500	a	19\$000
Dito idem de Santa Catharina	16\$500	»	19\$000
Dito de cores, nacional	16\$000	»	28\$000
Dito branco, estrangeiro	27\$000	»	29\$000
Dito amendoim, idem.	28\$000	»	30\$000
Farinha de mandioca, especial	7\$500	»	8\$200
Dita idem, fina	6\$500	»	7\$500
Dita idem, peneirada	5\$500	»	6\$500
Dita idem, grossa, Laguna	4\$000	»	5\$000
Dita idem, idem, Porto Alegre	4\$000	»	4\$800
Arroz nacional	16\$000	»	26\$000
Dito da India.	25\$000	»	25\$500
Milho amarello do Norte	7\$700	»	9\$400
Dito idem, da terra.	7\$700	»	9\$000
Diio branco, idem	6\$500	»	7\$800
Amendoim em casca	4\$800	»	6\$300
Farelo.	2\$900	»	3\$000
Cangica	16\$000	»	18\$000
Favas	12\$500	»	15\$000
Ervilhas	\$600	»	\$700
Alpiste	\$400	»	\$440
Fubá de milho	\$120	»	\$200
Matte em folha.	\$380	»	\$500
Tapioca	\$120	»	\$220
Polvilho	\$280	»	\$400
Carne de porco	\$500	»	\$700
Manteiga do Sul	1\$400	»	1\$800
Dita de Minas	2\$600	»	3\$200
Linguas do Rio Grande	1\$400	»	1\$600

**O assucar no Rio de Janeiro durante o mez de julho
de 1906**

	Saccos
Entradas do mez	92.893
Sahidas idem.	93.593
Existencia em 31 de julho de 1906	502.844

PREÇO DO ASSUCAR

Pernambuco :

	1ª quinzena		2ª quinzena	
Branco crystal	\$210	a	\$215	\$200 a \$220
Dito 3ª sorte	\$190	»	\$200	\$180 » \$185
Somenos	\$155	»	\$160	\$150 » \$160
Mascavinho	\$155	»	\$180	\$140 » \$160
Crystal amarello	\$160	»	\$165	\$160 » \$165
Mascavo bom.	\$145	»	\$150	\$150 » \$145
Dito regular	\$135	»	\$150	— —

Campos :

Branco crystal	\$240	»	\$240	\$215 » \$220
Crystal amarello.	—	»	—	\$160 » \$165
Mascavinho	\$180	»	\$200	\$150 » \$180

Sergipe :

Branco crystal	\$215	»	\$220	\$200 » \$210
Crystal amarello.	\$160	»	\$165	\$160 » \$165
Mascavinho	\$160	»	\$180	\$150 » \$170
Mascavo bom.	\$145	»	\$150	\$140 » \$150
Dito regular	\$135	»	\$140	— \$135

Bahia :

Baixo	—	»	—	\$120
Branco crystal	\$225	»	\$230	—

Algodão no Rio de Janeiro durante o mez de julho de 1906

	Fardos
Entradas do mez	9.850
Sahidas idem.	16.446
Existencia em 31 de julho de 1906.	41.257

COTAÇÃO DO ALGODÃO POR QUINZENA

	1ª quinzena	2ª quinzena
Pernambuco	9\$000 a 9\$400	8\$700 a 9\$200
Rio Grande do Norte	8\$800 » 9\$300	8\$600 » 9\$000
Parahyba	8\$400 » 9\$000	8\$400 » 9\$000
Penedo	8\$400 » 9\$000	8\$400 » 9\$000
Sergipe.	8\$000 » 8\$400	8\$000 » 8\$400

Aguardente no Rio de Janeiro durante o mez de julho de 1906

	Pipas
Entradas do mez.	1.511

COTAÇÃO DA AGUARDENTE POR QUINZENA

As cotações por pipa de 480 litros, bases de 20 grãos, foram as seguintes :

	1ª quinzena	2ª quinzena
Campos.	70\$000 a 75\$000	75\$000 a 80\$000
Angra	85\$000 » 90\$000	90\$000 » 95\$000
Paraty	100\$000 » 105\$000	105\$000 » 110\$000
Maceió	80\$000 » 85\$000	80\$000 » 85\$000
Aracajú.	75\$000 » 80\$000	80\$000 » 85\$000
Pernambuco	80\$000 » 85\$000	80\$000 » 85\$000
Bahia	70\$000 » 75\$000	75\$000 » 80\$000
Parahyba	80\$000 » 85\$000	80\$000 » 85\$000
Laguna.	90\$000 » 95\$000	95\$000 » 100\$000
Itajahy	90\$000 » 95\$000	95\$000 » 100\$000
Mangaratiba	90\$000 » 95\$000	95\$000 » 100\$000
Paranaguá.	90\$000 » 95\$000	95\$000 » 100\$000

Alcool no Rio de Janeiro durante o mez de julho de 1906

	Pipas
Entradas do mez.	1.160

	1ª quinzena	2ª quinzena
40 grãos, conforme a qualidade	110\$000 a 115\$000	120\$000 a 125\$000
38 grãos	110\$000 » 115\$000	105\$000 » 110\$000
36 grãos	100\$000 » 105\$000	100\$000 » 105\$000

Tabaco no Rio de Janeiro durante o mez de julho de 1906

Fumo em rolo	1ª quinzena	2ª quinzena
De Minas, especial	1\$300	1\$300
Dito superior	\$900	\$900
Dito 2ª	\$800	\$800
Dito ordinario	\$600	\$600
Goyano, superior	2\$400	2\$400
Dito 2ª	1\$600	1\$600
Dito baixo	Nom.	Nom.
Rio Novo, superior.	2\$400	2\$400

Fumo em rolo	1ª quinzena	2ª quinzena
Dito 2ª	1\$600	1\$600
Dito baixo	1\$000	1\$000
Pomba, superior	1\$400	1\$400
Dita 2ª	\$800	\$800
Dito baixo	Nom.	Nom.
Carangola.	1\$000	1\$000
Picú, especial	2\$000	2\$000
Dito 1ª	1\$400	1\$400
Dito 2ª	1\$000	1\$000
Bahia	\$900	\$900
Pernambuco	\$600	\$600
Fumo em folha :		
Rio Grande, 1ª escolha	\$600	\$600
Dito, 2ª dita	\$500	\$500
Bahia, 1ª escolha	1\$500	1\$500
2ª dita.	\$900	\$900
3ª dita.	\$500	\$500
4ª dita.	\$400	\$400

Movimento commercial do café durante o mez de julho de 1906

RIO DE JANEIRO

	Saccas
Entradas do mez	253.605
Sahidas	189.765
Existencia a 31 de julho de 1906	295.558

O movimento geral do mercado, em saccas, durante o mez de julho nos respectivos annos, foi o seguinte :

Entradas :

	1904	1905	1906
Estrada de Ferro.	105.098	137.678	126.479
Cabotagem.	7.402	7.820	13.517
Barra dentro.	66.290	93.913	113.609
En transito	3.000	8.560	1.999
Total	181.790	247.971	255.604

Embarques :

	1904	1905	1906
Estados Unidos	151.821	81.328	51.369
Europa.	28.015	75.920	80.984
Africa do Sul	1.500	11.750	9.150
Rio da Prata e Pacifico.	5.240	22.620	10.184
Cabotagem.	16.717	42.847	38.078
Total	304.293	234.465	189.765

Sahidas :

	1904	1905	1906
Estados Unidos	132.674	51.340	56.706
Europa.	29.226	81.771	52.642
Africa do Sul.	4.037	6.700	10.550
Rio da Prata e Pacifico	5.232	20.705	6.760
Cabotagem.	17.311	33.875	30.130
Total	188.480	194.391	156.788

Preços durante o mez de julho de 1906

Do Rio a	1ª quinzena	2ª quinzena
Londres	40 shil.	40 shil.
Liverpool	35 shil.	35 shil.
Antuerpia	40 shil.	40 shil.
Hamburgo	40 shil.	45 shil.
Bremen	40 shil.	40 shil.
Havre	35 frs.	35 frs.
Bordéas	40 frs.	40 frs.
Marselha	25 frs.	35 frs.
Genova	35 frs.	35 frs.
Trieste	40 shil.	40 shil.
Nova-York	45 c.	45 c.
Nova-Orleans	40 c.	40 c.

O café em Santos durante o mez de julho de 1906

	Saccas
Entradas do mez	859.317
Sahidas	440.413
Existencia a 31 de julho de 1906	895.794

A venda do café durante o mez de julho de 1906

	Saccas
New York	1.283.000
Havre	630.000
Hamburgo	471.000
Londres	225.000
Total das vendas	2.609.000

Movimento mundial do café

Segundo os algarismos dos Srs. G. Duuring & Zoon, de Rotterdam, o movimento dos mercados estrangeiros de café, no mez de junho, foi o seguinte :

Existencia a 1 de junho :

		Toneladas	
		1906	1905
Europa		305.420	360.270
Estados Unidos		226.080	257.930
		531.500	618.200
Entradas em junho :			
Europa	32.470	23.590	
Estados Unidos	22.550	14.040	
		55.020	37.630
		586.520	655.830
Entregas em junho :			
Europa	47.250	41.410	
Estados Unidos	31.860	28.360	
		79.110	69.770
Existencia em 1 de julho :			
Europa	290.640	342.450	
Estados Unidos	216.770	243.610	
		507.410	586.060

		Saccas	
		1906	1905
ou cerca de		8.456.800	9.767.600

O suprimento visível dos mercados do mundo em 1 de julho era o seguinte:

	Toneladas	
	1906	1905
Existencia nos nove portos da Europa.	290.640	342.450
Em viagem do Brasil.	15.140	7.470
Embarcando no Brasil.	820	1.000
Em viagem do Oriente.	2.080	2.100
Em viagem dos Estados Unidos.	60	300
	308.740	353.320
Existencia nos Estados Unidos.	216.770	243.610
Em viagem do Brasil.	4.350	9.940
Embarcando no Brasil.	1.120	240
Em viagem do Oriente.	60	120
	531.040	607.230
Existencia no Rio.	14.120	10.240
Dita em Santos.	30.650	50.410
Dita na Bahia.	1.650	1.470
	577.460	669.350

	Saccas	
	1906	1905
ou cerca de	9.624.000	11.155.800
Em 1 de junho	10.030.800	11.607.600
Em 1 de maio	10.341.000	12.157.000
Em 1 de abril	10.678.000	12.768.000
Em 1 de março	11.218.500	13.075.800
Em 1 de fevereiro	11.733.800	13.391.000
Em 1 de janeiro.	12.426.500	13.755.500

Os «stocks» de café no dia 1 de julho de 1906 e 1905

Nova York — Existencias nos portos americanos 3.186.000 saccas e suprimento visível 3.282.000 saccas, contra 3.610.000 e 3.780.000 saccas no anno passado.

Havre — Existencia de café do Brasil 1.145.000 saccas e de outras procedencias 770.000 saccas, contra 1.845.000 e 850.000 saccas no anno passado.

Hamburgo — Conforme os algarismos da Bolsa de Café, o suprimento visível do mundo, no dia 1. era orçado em 9.948.000 saccas, contra 9.637.000 saccas em 1 de julho e 11.466.000 saccas no anno passado.

Preços do café no Rio e em Santos em julho de 1906

1ª QUINZENA

Tipo n.		Por arroba		Por 10 kilos	
6.		6\$400	a 6\$900	4\$357	a 4\$698
»	» 7.	6\$200	» 6\$700	4\$221	» 4\$562
»	» 8.	6\$000	» 6\$500	4\$085	» 4\$425
»	» 9.	5\$800	» 6\$300	3\$919	» 4\$289

2ª QUINZENA

Tipo n.		Por arroba		Por 10 kilos	
6.		6\$400	a 7\$800	4\$357	a 5\$174
»	» 7.	6\$200	» 7\$400	4\$221	» 5\$038
»	» 8.	6\$000	» 7\$200	4\$085	» 4\$902
»	» 9.	5\$800	» 7\$000	3\$049	» 4\$166

Preços do café nos mercados estrangeiros durante o mez de julho de 1906

NOVA YORK

1ª QUINZENA

O n. 7 disponível oscillou entre 7 3/4 e 7 15/16 centavos por libra, sendo a cotação mais alta registrada somente no dia 2 e a mais baixa em 5, 6, 12, 13 e 14. Em 11 o n. 7 disponível foi cotado a 7 13/16 c. e em 3, 7, 9 e 10 a 7 7/8 c. Na Bolsa registrou-se o preço mais alto 6,40 c. em 2 e o mais baixo 6,25 c. em 5, 13 e 14.

Nos demais dias regularam os seguintes: 6,35 c. em 3, 7 e 11, 6,30 c. em 6, 9, 10 e 12.

2ª QUINZENA

O n. 7 disponível foi cotado a 7 3/4 centavos por libra em 16, 17 e 18, a 7 13/16 c. em 19 e 20, a 8 c. em 21 e 23, a 8 1/8 c. em 24, 25 e 26, a 8 1/4 c. em 27, a 8 3/8 c. em 28, a 8 1/2 c. em 29 e a 8 5/8 c. em 31. Na Bolsa os preços variaram entre 6,20 c. em 18 e 7,05 c. em 30 e 31, vigorando nos outros dias os seguintes: 6,25 c. em 16 e 17, 6,30 c. em 19, 6,45 c. em 20, 6,60 c. em 21, 6,55 c. em 23, 6,65 c. em 24, 25 e 26, 6,80 c. em 27 e 6,90 c. em 28.

HAVRE

1ª QUINZENA

Os preços oscillaram entre 45,25 em 4 e 5 e 45,75 em 2, 3, 7, 9, 10 e 11, sendo em 6, 12 e 13 registrada a cotação de 45,50 francos.

2ª QUINZENA

Registraram-se as seguintes cotações: 45 francos em 17 e 18, 45,25 em 16, 45,50 em 19, 45,75 em 20, 46,50 em 21, 47 em 23, 47,50 em 24, 48 em 25, 47,75 em 26, 49 em 27 e 31, 49,50 em 28 e 50 em 30.

HAMBURGO

1ª QUINZENA

Foram registradas as seguintes cotações: 36,75 pfennigs em 4, 5 e 14, 37 pfennigs em 2, 3, 6, 11 e 13 e 37,25 em 7, 9, 10 e 12.

2ª QUINZENA

As cotações oscillaram entre 36,50 pfennigs em 17 e 18 e 40,75 pfennigs em 30, regulando nos demais dias as seguintes: 37 em 16, 36,75 em 19 e 20, 37,50 em 21, 38 em 23 e 24, 39 em 25, 38,75 em 26, 39,25 em 27 e finalmente 40,25 em 28 e 31.

LONDRES

1ª QUINZENA

Na Bolsa de Londres vigoraram os seguintes preços: 37 s. 3 d. em 7, 9, 10, 11 e 12, 37 s. em 2, 3, 5, 6 e 13, e 36 s. 9 d. em 4 e 14.

2ª QUINZENA

Os preços registrados na Bolsa de Londres variaram entre 36 s. 9 d. em 17 e 18 e 39 s. 9 d. em 30; nos outros dias foram os seguintes: 37 s. em 16 e 20, 37 s. 3 d. em 19, 37 s. 6 d. em 21, 38 s. em 23 e 24, 38 s. 3 d. em 25 e 26, 39 s. 3 d. em 27 e 31 e 39 s. 6 d. em 28.

O café a 31 de julho de 1906 e 1905. — ROTTERDAM
— Conforme os algarismos dos Srs. G. Duuring & Zoon, as existencias nos portos americanos e europeus, no dia 31 de julho, orçavam em 477 500 toneladas, contra 507.000 toneladas em 1 de julho e 564.000 toneladas em julho de 1905.

As entregas nos mercados americanos e europeus, durante o mez de julho foram de 71.100 toneladas, contra 79.200 toneladas no mez anterior e 61.600 toneladas em 1905.

O supprimento visível do mundo, no dia 31 de julho, era calculado em 592.600 toneladas, contra 577.500 toneladas em 1 de julho e 681.000 toneladas em 31 de julho de 1905.

Nota. — Cada tonelada de 100 kilos vale 15 saccas e 6 decimos de sacca, portanto, bastará multiplicar o numero de toneladas por 15,6 para se ter a quantidade correspondente em saccas de 64 kilos.

O café em Hamburgo a 31 de julho de 1906 e 1905
— Existencia de café do Brasil 1.758.000 saccas, e de outras procedencias 270.000 saccas, contra 1.883.000 e 270.000 no mez anterior e 1.039.000 e 240.000 saccas em julho de 1905.

O café em Nova York a 31 de julho de 1906 e 1905
— Existencias nos portos americanos, 3.043.000 saccas, entregas da semana 101.000 saccas, e supprimento visível 3.180.000 saccas, contra 3.111.000, 50.000 e 3.231.000 saccas na semana anterior, e 3.519.000, 73.000 e 3.780.000 saccas no anno passado.

O Café pelo mundo durante o mez de julho de 1906 e 1905 — No mez de julho e em igual periodo de 1905 as vendas nas Bolsas foram :

	Saccas	
	1906	1905
Nova York	1.283.000	1.345.000
Havre	630.000	579.000
Hamburgo	471.000	353.000
Londres.	225.000	255.500
Total.	2.609.000	2.532.500
Contra em junho.	2.080.000	1.841.500

O café em Santos a 31 de julho de 1906 e 1905 — Existencia 913.600 saccas, contra 985.800 saccas no dia anterior e 1.026.070 saccas no anno passado.

No mez de julho sahiram 117.000 saccas para os Estados Unidos e 315.000 saccas para a Europa, contra 41.000 e 139.000 saccas em junho e 190.000 e 179.000 saccas em julho de 1905.

Pelles de cabra — Transcrevemos os preços correntes extrahidos da revista semanal do *New York Commercial*, de 8 do mez findo, de Nova York :

PELLES DE CABRITO	A LIBRA
Payatá, de 1ª qualidade.	1\$230
Buenos Ayres, idem	1\$230
Pampico, idem	1\$410
Vera Cruz, idem.	1\$500
Tehuacau, idem	1\$470
Oajaca, idem	1\$560
Curacão, idem	1\$600
Brasil	2\$190

Estes preços, calculados á razão de 3\$ o dollar, vêm demonstrar que a criação e preparo de pelles poderão tomar um desenvolvimento sensível como industria. acenando o Congresso para esse fim, com tarifas protectoras, a qualquer capital estrangeiro que aqui deseje nacionalizar-se.

Si ha paizes que protegem a industria, mesmo com materia prima importada (haja vista a Inglaterra, livre cambista no seu interesse proprio), com maior sobra

de razão o Brasil, possuidor de materias primas como o café, a borracha, pelles, laranjas, de que temos indiscutivel supremacia, deve ser um delles.

Emquanto não organizarmos um serviço completo de medidas aduaneiras, fazendo da tarifa uma arma, que tanto poderá ser de paz como de guerra para com as nações estrangeiras que nos compram e vendem, jámais passaremos de um povo colonial com *fumaças* de nação independente.— (Dr. José C. Alves Lima.)

Revista commereial de Recife a 31 de julho de 1906

— AGUARDENTE — Declinou para 68\$ em pipas communs, 72\$ em portuguezas, inglezas e 60\$ pelos 5/5. O alcool de 38° vende-se a 102\$ e o de 40° a 110\$ em pipas, base 480 litros.

ALGODÃO — As entradas são diminutas, vendendo-se de 10\$500 a 10\$300 por 15 kilos de 1ª sorte.

ASSUCAR — O mercado está estavel. Cotamos : typo Usina 3\$500 a 3\$800, crystal branco 2\$700 a 2\$900, amarello 1\$900 a 2\$, 3ª boa 2\$600 a 3\$, regular 2\$500 a 2\$700, somenos a 1\$900 a 2\$400, mascavinho 1\$800 a 1\$900, mascavo 1\$700 a 1\$800, bruto secco 1\$600 a 1\$700, tudo por 15 kilos, em sacco de panno de algodão e encapados, mais 100 réis em barricas, 200 réis em meias, 600 réis em quartos e 1\$200 em oitavos.

MILHO — Está mais frouxo ; vende-se de 102 a 95 réis o kilo.

FRETES — Rio de Janeiro : assucar, vapor, 800 réis por sacco de 60 kilos ; aguardente, 10\$ pipa ; algodão, 3\$ por sacco.

Santos : assucar, vapor, 1\$ por sacco de 60 kilos ; aguardente, 12\$ por pipa ; algodão, 4\$500 por fardo e 3\$600 por sacco.

Rio Grande : assucar, vapor, 400 réis por 15 kilos ; aguardente, 20\$ por pipa ; algodão, 7\$500 por fardo.

Pelotas : assucar, vapor, 400 réis por 15 kilos ; aguardente, 25\$ por pipa ; algodão, 7\$500 por fardo.

Porto Alegre : assucar, vapor, 500 réis por 15 kilos ; aguardente, 25\$ por pipa ; algodão, 8\$ a 9\$ por fardo.

Liverpool : assucar, vapor, 10/s. e 5 % por tonelada ; algodão, 1/4 s. e 5 % por libra ; caroço de algodão 17/6 s. por tonelada.

Valor do papel-moeda brasileiro em moedas de diversos paizes, durante o mez de julho de 1906

COTAÇÕES EXTREMAS NA 1ª QUINZENA

Londres 90 d/v	16 ⁴³ / ₁₆	a 16 ⁴⁵ / ₁₆ d.
Pariz 90 d/v	\$564	» \$570
Hamburgo 90 d/v	\$696	» \$702
Italia 3 d/v	\$573	» \$578
Portugal 3 d/v	\$313	» \$323 %
Nova York á vista	2\$957	» 2\$974
Vales, ouro	1\$611	» 1\$617
Agio do ouro	59,41	» 60,60 %

2ª QUINZENA

Londres 90 d/v	16 ⁴³ / ₁₆	a 16 ⁴⁵ / ₁₆ d.
Pariz 90 d/v	\$564	» \$570
Hamburgo 90 d/v	\$696	» \$702
Italia 3 d/v	\$573	» \$578
Portugal 3 d/v	\$314	» \$323 %
Nova York á vista	2\$957	» 2\$974
Vales, ouro	1\$611	» 1\$617
Agio do ouro	59,41	» 60,60 %

Cotações extremas dos titulos nacionaes na Bolsa do Rio de Janeiro, durante o mez de julho de 1906

1ª QUINZENA

Apolices federaes de 5 %	1:000\$000	a 1:015\$000
» » » 1895	1:005\$000	» 1:025\$000
» » » 1897	1:003\$000	» 1:006\$000
» » » 1903	1:002\$000	» 1:012\$000

Apolices do E. de Minas	810\$000	»	825\$000
» do E. do Rio, 4 %	66\$500	»	67\$000
» Municipaes, papel	170\$000	»	194\$000
» » ouro	280\$000	»	280\$000

2ª QUINZENA

Apolices federaes de 5 %	1:005\$000	a	1:020\$000
» » 1895	1:003\$000	»	1:010\$000
» » 1897	1:005\$000	»	1:010\$000
» » 1903	1:005\$000	»	1:010\$000
» do E. de Minas	788\$000	»	818\$000
» do E. do Rio, 4 %	66\$500	»	67\$000
» Municipaes, papel	150\$000	»	192\$000
» » ouro	272\$000	»	285\$000

Cotação dos titulos brasileiros em Londres, durante o mez de julho de 1906

	1906	1905
De 1889, 4 %	88 1/4	88 3/4
De 1895, 5 %	98 1/2	94 1/2
De 1903, 5 %	100 1/2	99 1/2
Funding loan, 5 %	104 3/4	104 3/4
Oeste de Minas, 5 %	101	100

Productos brasileiros em Londres, segundo os Srs. Knowles e Foster. Revista do mez de junho de 1906.

Algodão— Tratando-se do algodão do Brazil, effectuaram-se bons negocios em comparação com outras descripções, importando as vendas durante o mez de junho em uns 14.500 saccos, pela maior parte de algodão da Parahyba; a existencia, porém, ainda é importante.

As cotações mostram pouca alteração, fechando as do Brasil com alta de 1 ponto e as do algodão americano com alta de 8 pontos.

A existencia do Brazil no dia 30 de junho proximo passado era de 56.010 fardos contra 8.100 fardos em igual época do anno passado e de todas as descripções 745.800 fardos contra 840.520 fardos em 1905 e 484.820 fardos em 1904.

Assucar.— O curso do mercado para o de beterraba esteve dominado principalmente pelas noticias que foram sendo recebidas a respeito da safra crescente; durante a primeira quinzena essas noticias, especialmente as de França, não foram tão favoraveis e produziram bastante firmeza, subindo os preços de 3 d. p. cwt. para a safra actual e 2 d. p. cwt. para as entregas mais espaçadas; mas depois, sob influencia de melhor tempo, o mercado afrouxou, perdendo-se a maior parte da melhora dos preços. O numero das transacções, porém, continuou restricto, e tanto os vendedores, como os compradores, mostraram muita reserva. Recentemente, devido ás boas noticias do mercado de Nova York, tem reinado a maior animação, e o mercado hoje está firme ás nossas cotações.

No mercado do de canna disponivel, houve melhor procura para as descripções crystalisadas, e recentemente se fizeram vendas a preços de 1 1/2 d. p. cwt. mais altos; as descripções convenientes para os refinadores, as quaes escassearam um pouco, também encontraram compradores a melhores preços, vendendo-se durante a quinzena passada umas 4.300 toneladas do de Trinidad, centrifuga, na base de pol. 96, a de 3/4 d. até 3/6 p. cwt. e umas 400 toneladas do mascavado, base pol. 89, a de 8/ a 8 1/2 d. p. cwt., nas condições fluctuantes, para o rio Clyde; as descripções inferiores da India Oriental, porém, ficaram de venda difficil e só se noticiou a venda de 100 toneladas do de Penang para embarque em julho-agosto, a 7/6 p. cwt., e postas em terra.

Em Liverpool o mercado continuou mais estavel e se elevaram as cotações para o assucar granulado 4 1/2 d., p. libra, tendo-se pago recentemente 9/6 para o de base de 96 pol., de caes; os preços da siropa peruana e do assucar mascavado

tambem se elevaram 1 1/2 d. p. cwt. mas essa subida apenas se sustentou, continuando a haver, para estas qualidades, pouca procura; no do Brasil se effectuaram as seguintes vendas, do caes :

	Saccos	Pol.		P. cwt. do caes
Pernambuco (granulado)	379	95 ²⁵	ex «Gladiator»	9-1 1/2
Pernambuco	1.204	80 ⁶⁵	» »	6-7 1/2
Parahyba	2.662	84 ³⁵	» »	6-10 1/2
Pernambuco	1.603	83 ⁴⁵	» »	6-10 1/2
»	1.021	83 ³⁰	» »	6-9
» (crystalisado)	120	94 ⁵⁰	» «Orater»	9-
Macció	2.350	80 ⁴⁵	» »	6-7 1/2
»	664	84 ⁴⁰	» »	7-1 1/2
Pernambuco	400	81 ²⁰	» »	6-7 1/2
»	4.380	82 ⁶⁵	» »	6-9
»	318	78 ⁶⁰	» »	6-6
»	554	78 ³⁵	» »	6-7 1/2
		1906	1905	1904

Cotações do « Produce London Clearing House, Limited » para o de boterraba base Pol. 88° : julho $\frac{3}{3} \frac{1}{2}$; agosto $\frac{3}{4} \frac{1}{2}$; setembro $\frac{3}{5} \frac{1}{4}$; outubro/dezembro $\frac{3}{6} \frac{3}{4}$; janeiro/março $\frac{3}{8} \frac{1}{2}$ p. cwt.

Caroço de algodão, ton.:

Pernambuco, Parahyba e Ceará.	£ 5 $\frac{8}{9}$	£ 5 $\frac{10}{6}$
Macció.	£ 5 $\frac{8}{9}$	£ 5 $\frac{12}{6}$
Maranhão.	£ 5 $\frac{8}{9}$	£ 5 $\frac{12}{6}$

Cera carnauba, por 112 libras :

	Sh.	D.	Sh.	D.
Amarella clara	200	0	235	0
Mediana	165	0	190	0
Parda ordinaria	150	0	155	0

Milho (brasileiro), por 100 libras :

Do caes em Liverpool (de condição sã).	4	6	—
--	---	---	---

Borracha — O mercado tem estado muito desanimado e inactivo; os negociantes principaes não têm mostrado nenhuma disposição para sustentar os preços, os quaes, na ausencia de qualquer procura de importancia para o consumo, baixaram gradualmente e mostram agora uma redução de 1 1/2 d. a 2 d. p lb. para a fina do Pará; os negocios se restringiram principalmente ás vendas de partidas no mar ou promptas para chegar e a transacções para entrega futura, de $\frac{5}{3} \frac{1}{2}$ d. até $\frac{5}{2}$ p lb. para a fina dura e de $\frac{3}{2}$ até $\frac{5}{9} \frac{3}{4}$ d. p lb. para a fina mole com entrefina a 3 d. p lb. abaixo destes preços, havendo transacções recentemente para entrega em agosto/setembro na fina dura e em agosto, na fina molle, aos preços mais baixos mencionados, cotando-se hoje a fina dura a $\frac{5}{1} \frac{1}{4}$ d. e a fina molle $\frac{3}{9} \frac{1}{4}$ d. p lb., nas novas condições a saber menos 1/2 % para bom peso.

Não se effectuaram negocios nem da fina boliviana nem da seringa virgem de Matto Grosso, ficando as cotações destas mais ou menos nominaes.

Do Sernamby só houve poucas vendas de $\frac{3}{10} \frac{1}{2}$ d. até $\frac{3}{9} \frac{3}{4}$ d. p lb. para a de qualidade superior; do de Cametá de $\frac{3}{1}$ a $\frac{3}{9} \frac{1}{2}$ d. p lb. e do da Ilha de $\frac{2}{9} \frac{1}{2}$ d. a $\frac{2}{9}$ p lb.

Da do Perú se vendeu recentemente a fina a $\frac{5}{1} \frac{1}{2}$ d.; Virgem e Entrefina ordinaria, $\frac{4}{7} \frac{1}{4}$ d. e a bala a $\frac{3}{6} \frac{3}{4}$ d. p lb.

As descripções medianas continuaram pouco procuradas, e a maior parte das que se offereceram nos leilões foi retirada sem ser vendida. As chegadas ao mesmo tempo têm sido um pouco maiores, de sorte que as existencias agora se acham muito augmentadas.

Da de Mangabeira chegaram partidas de importancia da Bahia e de Santos e tambem da de Manicoba; mas pouca ou nenhuma se tem vendido destas descripções: collocaram-se nos meados do mez mais algumas partidas da mangabeira de Matto Grosso de qualidade regular, mas um pouco misturada com casca etc., e a $\frac{3}{4}$ p lb.

O bom peso abonado aos compradores agora acha-se reduzido a um abatimento de 1/2 % no preço sobre todas as descripções de borracha, em vez das di-

versas bonificações de peso que reinavam anteriormente a 1 de julho, e que equivale a uma diferença para mais ao comprador de cerca de $\frac{1}{4}$ d. a $\frac{1}{2}$ d. p lb., no caso das descrições finas do Pará. As cotações em geral têm sido ajustadas do accordo com essa modificação.

Borracha, por libra :

	Sh.	D.	Sh.	D.
Do Pará, fina nova cura dura.	5	1	5	1 $\frac{1}{4}$
Do Pará, fina nova molle.	5	0	5	5 $\frac{1}{4}$
Do Pará, entrefina.	4	9 $\frac{1}{2}$	4	10 $\frac{1}{2}$
Do Pará, sernamby, superior	3	7	3	9 $\frac{3}{4}$
Do Pará, sernamby, Ilha.	2	9	3	0 $\frac{1}{2}$
Do Pará, sernamby, Cametá.	3	0	—	—
Boliviana, fina.	5	1	—	—
Mollendo dita	5	0	—	—
Do Matto Grosso, entrefina (defumada)	4	9 $\frac{1}{2}$	4	10 $\frac{1}{2}$
De Matto Grosso, virgem (não defumada).	4	6 $\frac{1}{2}$	4	7 $\frac{1}{2}$
De Matto Grosso, sernamby.	3	5	3	7
Do Perú, bala	3	1 $\frac{1}{2}$	3	6 $\frac{3}{4}$
De Mangabeira	—	—	—	—
Lenções limpas de Matto Grosso	3	3	3	4
Lenções inferiores e esponjosas.	2	5	3	0
Lenções limpas do Rio e Santos.	3	1	3	2
Lenções regulares da Bahia.	2	8	3	0
Ditas em parte arenosa e morta.	2	3	2	7
Maniçoba regular a boa.	3	0	3	4

(D'O Jornal do Commercio.)

Productos tropicaes em maio de 1906

PREÇOS DE LONDRES

Aloes	15 s., 25 sh. e 60 sh. por cwt.
Araruta	2 d. por libra.
Gutta percha	1 sh. e 4 d. a 1 sh. e 11 d. por libra.
Cêra de abelha.	7 £ e 5 sh. a 7 £ e 12 sh por cwt.
Cacáo	47 sh. a 60 sh. por cwt.
Canella	7 d. a 3 sh. por libra.
Café	39 a 41 sh. por cwt.
Gengibre	60 sh. a 65 sh. por cwt.
Bananas	5 sh. a 6 sh. 6 d. por cwt.
Pimentões	3 d. a 3 $\frac{1}{2}$ d. por libra.
Noz moscada.	6 a 8 d. por libra.
Assucar { Cristal amarello.	14 a 15 sh. por cwt.
Assucar { Mascavo	13 sh. » »
Assucar { Melado.	11 a 15 sh. » »

PREÇOS DE NOVA YORK

Cacáo	9 $\frac{1}{2}$ a 12 $\frac{1}{2}$ c. por libra.
Côco da Bahia	19 a 20 dols. por milheiro.
Café	8 a 8 $\frac{1}{2}$ cents. por libra.
Gengibre	11 a 14 c. por libra.
Laranjas	5 dols. a 6 dols. por barril.
Pimentões	2 $\frac{1}{2}$ dols. a 3 dols. por caixa.
Noz moscada.	4 $\frac{1}{2}$ cents. por libra.
Assucar { Cristal amarello.	15 a 22 » » »
Assucar { Mascavo	96-º 4 c. 48 por libra.
Assucar { Melado.	89-º 3 c. » » »
	89-º 2 c. 75 » » »

NOTA. — O cwt é igual a 50 kilos. O shilling = a 750 réis, cambio de 15\$ por libra. O dinheiro = a 62 $\frac{1}{2}$ réis, mesmo cambio. O centavo = a 30 réis, valendo o dollar 3\$000 réis.



BIBLIOGRAPHIA

Sobre a mesa

Recebêmos durante o mez de julho proximo findo :

- Bulletin du Syndicat Central des Agriculteurs de France*.—Ns. 456 e 457.
L'Eleveur.—Ns. 1119 a 1123. Paris.
Bulletin des Séances de la Société Nationale d'Agriculture de France.—Ns. 4 e 5, correspondentes aos mezes de abril e maio.
Bulletin de la Société des Viticulteurs de France et d'Ampelographie.—N. 7.
Bulletin of Miscellaneous Informations.—Royal Botanic Gardens, Kew. Londres. Seis volumes correspondentes aos annos de 1900 a 1905.
 Idem.—Ns. 1, 2, 3 e 4 de 1906 e os appendices I. II e III desta mesmo anno.
Portugal Agricola, de Lisboa.—Ns. 12 e 13.
Revista Agronomica, de Lisboa.—N. 6, vol. IV.
Boletim de la Camara Agricola de Tortosa (Hespanha).—Ns. 166 e 167.
L'Art del Pagés, de Barcelona.—Ns. 817 e 818.
Bolletino Tecnico della Coltivazione dei Tabacchi, do R. Istituto Sperimentale di Scafati (Salerno).—Anno IV, ns. 1 e 2.
Concours Central d'Animaux Reproducteurs, catalogue générale.—Direction des Haras, Paris.
 Idem, idem.—Liste des Prix.
Bulletin de la Société des Médecins et Naturalistes de Jassy (Romania).—N. 5.
Revista de la Facultad de Agronomia y Veterinaria, de la Plata (Republica Argentina).—N. 5, anno II.
Revista Mensual de la Camara Mercantil, de Avellaneda, prov. de Buenos Aires.—N. 70.
Anales de la Sociedad Rural Argentina, de Buenos Aires.—Vol. XLV.
Revista Argentina de Ferro-carriles, Navegación, Bancos, Seguros y Comercio, de Buenos Aires.—N. 321.
Revista de la Asociación Rural del Uruguay.—Ns. 11, 12 e 13.
Angles de la Asociación de Ganaderos (Montevideo).—Ns. 11 e 12.
Boletim de la Sociedad Agricola del Sur, de Concepción (Chile).—N. 11.
Boletim de la Sociedad de Fomento Fabril, de Santiago (Chile).—N. 6.
Boletim de Estadística de los Estados Unidos de Venezuela.—Anno II, tomo III.
Documentos de la Seccion Consular anexos a la Memoria del Ministerio de Relaciones Exteriores presentada al Congreso Nacional de 1905.—Quito (Equador).
Agricultural News, de Barbados.—Ns. 107 e 108.
Experiment Station Record. U. S. Department of Agriculture (Washington).—Vol. XVII, ns. 8 e 9.
Tobacco, hints to settlers; Manurial Experiments with Sugar-Cane in Leeward Islands (1904-1905).—Publicações do Imperial Department of Agriculture for the West Indies.
Boletim de la Sociedad Agricola Mexicana.—Tomo XXX, ns. 21, 22 e 23.
Revista Agricola de Chicago.—N. 6.
India Rubber World.—N. 2, tomo XXXIV.
South Dakota Agricultural College Experiment Station.—Boletins 96 e 97.
The Pennsylvania State College Agricultural Experiment Station.—Boletim n. 77.
Maryland Agricultural Experiment Station.—Boletim n. 108.
The Louisiana Planter, New-Orleans.—Ns. 22 a 25.
The Agricultural Journal of the Cape of Good Hope.—Vol. XXVIII, n. 6.
Journal of the Department of Agriculture (Western Australia).—Part. V, vol. XIII.
Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia.—Anno IX, ns. 10, 11 e 12.
Jornal dos Agricultores.—N. 13.
Revista Commercial e Financeira.—Ns. 552 a 557.
Boletim da Agricultura.—(E. de S. Paulo).—N. 5.
Revista Agricola (S. Paulo).—N. 132.
Boletim Mensal da Associação Commercial de Pernambuco.—N. 33.
Revista Agricola (Sergipe).—Ns. 35 e 36.
O Lavrador, órgão da Sociedade Agricola do Rio Grande do Norte.—Ns. 4 e 5.